

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

REGIS SOCZEK BANDIL

**FORMAÇÃO DE PASTORES HUMANIZADOS:
INDICATIVOS DO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO**

CURITIBA

2020

REGIS SOCZEK BANDIL

**FORMAÇÃO DE PASTORES HUMANIZADOS:
INDICATIVOS DO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia (Área de Concentração: Teologia Sistemático-Pastoral; Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade), da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Luiz
Fernandes

CURITIBA

2020

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

B214f
2020 Bandil, Regis Soczek
Formação de pastores humanizados : indicativos do pontificado do Papa Francisco / Regis Soczek Bandil ; orientador: Marcio Luiz Fernandes. – 2020
127 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2020
Bibliografia: f. 119-127

1. Teologia cristã. 2. Clero – Formação. 3. Espiritualidade. 4. Francisco, Papa, 1936-. 4. Igreja Católica. 5. Presbíteros (Igreja Luterana). 6. Sacerdotes – Formação. 7. Seminários (Estudo). I. Fernandes, Marcio Luiz. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pós-Graduação em Teologia. III. Título

CDD 20. ed. – 230

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 017.2020
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

Aos vinte e sete de fevereiro de dois mil e vinte , reuniu-se às dezesseis horas e trinta minutos, na sala Ipê003, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Márcio Luiz Fernandes, José Carlos Veloso Junior, Roberto Nentwig para examinar a dissertação do mestrando **Regis Soczek Bandil**, ano de ingresso 2018, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Linha de Pesquisa “Teologia e Sociedade”. O aluno apresentou a dissertação intitulada **“FORMAÇÃO DE PASTORES HUMANIZADOS: INDICATIVOS DO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO”** que, após a defesa foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 17:30. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: _____

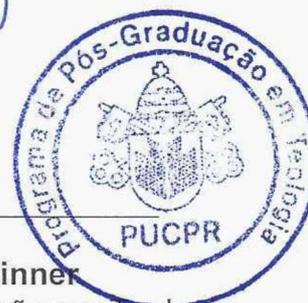
Presidente: Márcio Luiz Fernandes Márcio L. Fernandes

Convidado Externo: José Carlos Veloso Junior José Carlos Veloso Junior

Convidado Interno: Roberto Nentwig Roberto Nentwig

Prof. Dr. Rudolf von Sinner
Coordenador
Programa de Pós-Graduação em Teologia
PUCPR

RJ



Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu

Dedico este trabalho à minha família, aos formadores,
formandos e funcionários do Seminário São José,
por acompanharem esse caminhar acadêmico.

AGRADECIMENTOS

A D. José Antônio Peruzzo (Arcebispo de Curitiba) e a D. Pedro Antônio Marchetti Fedalto (arcebispo emérito de Curitiba) pela amizade e paternidade espiritual.

Aos padres formadores da Arquidiocese de Curitiba, que doam a sua vida na formação dos futuros presbíteros.

Aos seminaristas do Seminário São José, que nestes anos acompanharam e me incentivaram nesse percurso acadêmico.

Ao professor Dr. Marcio Luiz Fernandes, orientador desta dissertação que com muita atenção, carinho e cuidado acompanhou –me com sua paciência e amizade.

Aos professores, Roberto Nentwig e José Carlos Veloso Junior que aceitaram participar desta banca.

Aos Professores do Mestrado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC PR).

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Ministério da Educação), que possibilitou bolsa desta pesquisa.

Ao amigos teólogos: Diogo Pessotto, Robert Rautmann e Rivaél de Jesus e pelo incentivo na pesquisa e pelo amor aos estudos teológicos.

Ao irmão no presbitério e formador, Monsenhor Francisco Fabris, que me ajudou na correção gramatical e ortográfica.

Em ação de Graças a Deus por confiar-me a formação de jovens que sonham com a vida presbiteral.

Presto também uma homenagem a Maria, Mãe dos sacerdotes, que sempre me acompanhou e me deu a força necessária para enfrentar tantas dificuldades.

“Por fim, *compartilhar com o coração*, porque a vida presbiteral não é um cargo burocrático nem um conjunto de práticas religiosas ou litúrgicas a serem despachadas. Falamos muito sobre o “sacerdote burocrata” que é um “clérigo de Estado” e não pastor do povo. Ser sacerdote significa arriscar a vida pelo Senhor e pelos irmãos, trazendo na própria carne as alegrias e as angústias do Povo, dedicando tempo e escuta para curar as feridas dos outros, e oferecendo a todos a ternura do Pai.”

(FRANCISCO. *Discurso aos Participantes na Plenária da Congregação para o Clero*, 1 de junho de 2017)

RESUMO

O presente estudo tem a missão de apresentar o caminho realizado pela Igreja Católica na sua história visando o aprimoramento da formação presbiteral oferecida nos seminários para os futuros presbíteros, a fim de torná-los pastores humanizados e servidores do Povo de Deus. Abordaremos alguns deslocamentos ocorridos na formação presbiteral no contexto pós-conciliar presentes nos documentos magisteriais da Igreja, especificamente nos Documentos do Concílio Vaticano II *Optatam Totius* e *Presbyterorum Ordinis*, na Exortação Apostólica *Pastoris Dabo Vobis* e na *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Orientados por esses documentos eclesiais aprofundaremos qual o contexto e o perfil do jovem seminarista que deseja ingressar nos seminários, como se colocam as questões emergentes presentes na vida presbiteral (clericalismo, abusos sexuais, dramas existenciais, concentração de poder, etc) e a reação da Igreja Católica diante o esvaziamento dos seminários e o pouco número de vocações. Orientados pelo Pontificado do Papa Francisco descreveremos sua visão sobre a Igreja de hoje e do futuro, qual a sua concepção a respeito da identidade e missão do presbítero na Igreja e no mundo e quais caminhos a serem seguidos no processo formativo na formação dos candidatos ao seminário.

Palavras-chave: Formação presbiteral, Presbíteros, Pastores Humanizados, Papa Francisco, Igreja Católica, Sacerdotes e Seminários.

ABSTRACT

The present study has the mission of presenting the path taken by the Catholic Church in its history or improving the training of priests, offered in seminars for future priests, in order to show the humanized pastors and servants of the people of God. Guided by the changes that occurred in the formation of priests in the post-conciliar context present in the magisterial documents of the Church, specifically in the Documents of the Second Vatican Council *Optatam Totius* and *Presbyterorum Ordinis*, in Apostolic Exhortation *Pastoris Dabo Vobis* and *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Guided by these in-depth ecclesiastical documents, what is the context and profile of the young seminarian who wishes to enter seminars, how do they pose themselves as emerging issues present in presbyterian life (clericalism, sexual abuse, existential dramas, concentration of power, etc.) and the reaction of the Catholic Church before or the emptying of seminaries and the number of vocations. Guided by Pope Francis, he describes his vision of the Church today and the future, according to his beliefs for the identity and mission of the priest in the Church and in the world and what are the paths to be followed in the formation process of becoming a priest in the seminary.

Keywords: Formation of priests, Priests, Humanized Pastors, Pope Francis, Catholic Church, Priests and Seminaries.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|--|
| AG | Decreto <i>Ad Gentes</i> |
| CV | Exortação Apostólica <i>Christus Vivit</i> |
| DAp | Documento de Aparecida |
| DGAE | Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil |
| DMVP | Diretório do Ministério e Vida dos Presbiteros |
| EG | Exortação Apostólica <i>Evangelli Gaudium</i> |
| GEX | Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exultate</i> |
| GS | Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> |
| LG | Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> |
| OT | Decreto <i>Optatam Totius</i> |
| PDV | Exortação Apostólica <i>Pastores Dabo Vobis</i> |
| PO | Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i> |
| RFIS | <i>Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis</i> |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| | INTRODUÇÃO | 09 |
| 1 | DESLOCAMENTOS DA FORMAÇÃO PRESBITERAL NO CONTEXTO PÓS- CONCILIAR: DO SACERDOTE CULTO AO PASTOR HUMANIZADO | 12 |
| 1.1 | A FORMAÇÃO PRESBITERAL ANTES DO CONCÍLIO E O CONTEXTO HISTÓRICO, PASTORAL E ECLESIAL DO CONCÍLIO VATICANO II..... | 12 |
| 1.2 | DESLOCAMENTOS CONCILIARES E PÓS-CONCILIARES NA FORMAÇÃO PRESBITERAL: <i>OPTATAM TOTIUS, PRESBYTERORUM ORDINIS E PASTORES DABO VOBIS</i> | 17 |
| 1.2.1 | Decreto <i>Optatam Totius</i> sobre a formação sacerdotal | 17 |
| 1.2.2 | Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i> sobre o ministério e a vida dos sacerdotes | 22 |
| 1.2.3 | Exortação Apostólica <i>Pastoris Dabo Vobis</i> | 28 |
| 1.3 | ÊNFASES DA <i>RATIO SEMINARIORUM INSTITUTIONIS SACERDOTALIS</i> | 30 |
| 1.3.1 | A construção da Nova <i>Ratio</i> | 30 |
| 1.3.2 | As características distintas e fundamentais da nova <i>Ratio</i> | 31 |
| 1.3.3 | Aplicação da Nova <i>Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis</i> | 33 |
| 2 | A IGREJA DESAFIADA A FORMAR PASTORES HUMANIZADOS | 36 |
| 2.1 | QUESTÕES QUE EMERGEM DO CONTEXTO DO JOVEM SEMINARISTA..... | 36 |
| 2.1.1 | Contexto familiar, psicológico e vocacional dos seminaristas | 36 |
| 2.1.2 | Internet e Mídias Sociais | 45 |
| 2.2 | QUESTÕES QUE EMERGEM DA VIDA PRESBITERAL..... | 48 |
| 2.2.1 | Dramas existenciais e psíquicos dos candidatos ao presbiterado | 48 |
| 2.2.2 | Escândalos Sexuais | 54 |
| 2.2.3 | O clericalismo | 57 |
| 2.3 | QUESTÕES PENDENTES DA ESTRUTURA ECLESIAL..... | 62 |
| 2.3.1 | Decréscimo do número de vocações | 62 |
| 2.3.2 | A validade do Seminário | 71 |
| 2.3.3 | Os Formadores | 76 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 3 | CAMINHOS PRA A FORMAÇÃO PRESBITERAL APONTADOS PELO PAPA FRANCISCO: A FORMAÇÃO DE PASTORES HUMANIZADOS | 81 |
| 3.1 | QUE IGREJA QUEREMOS?..... | 81 |
| 3.2 | QUAL IDENTIDADE DO PRESBITERO QUE SE FAZ NECESSÁRIA?..... | 92 |
| 3.3 | COMO DEVE SER A FORMAÇÃO?..... | 100 |
| 3.3.1 | O perfil do seminarista na concepção do Papa Francisco | 100 |
| 3.3.2 | Seminaristas: protagonistas e sujeitos da formação | 104 |
| | CONCLUSÃO | 114 |
| | REFERÊNCIAS | 119 |

INTRODUÇÃO

A formação sacerdotal com suas complexidades e desafios sempre foi uma das preocupações da Igreja Católica. Ao longo de sua história muitos foram os documentos, pronunciamentos, orientações, posições magisteriais sobre essa temática. Portanto, um assunto sempre atual e intrigante. Atualmente vivemos tempos em que o número de vocações diminui e os seminários com seus formadores são constantemente questionados sobre como agir diante dessa realidade.

Nesse contexto eclesial desenvolvo meu sacerdócio como padre da Igreja Católica, atuando como formador há 10 anos. O estudo desenvolvido foi de grande valia para minha atuação como formador da Arquidiocese de Curitiba e também uma forma de rever meu agir presbiteral nesses novos tempos que a Igreja Católica se encontra sobre as orientações do Papado do Papa Francisco.

Entre as muitas reformas de mentalidade e estruturais propostas para a Igreja Católica pelo Papa Francisco estão os seminários e suas estruturas formativas. São questionamentos e orientações que se encontram dentro da realidade atual da Igreja e seus enfrentamentos com a nova evangelização e missionariedade que nos é colocada em nosso contexto societário.

Os seminários são o espaço formativo por excelência dos futuros padres. Estes lugares eclesiais não poderiam deixar de passar por essas novas perspectivas, pois são peças fundamentais no processo de abertura e renovação da Igreja. Para auxiliar esse itinerário o Papa Francisco promulgou a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (RFIS), intitulada com o nome *O Dom da Vocação Presbiteral*. Esse documento orientará a construção de orientações em nível nacional e regional e serve como base para o estudo e construção desse trabalho acadêmico.

As diretrizes da formação têm a missão de nortear a formação dos presbíteros capazes de conhecer e dialogar com as realidades plurais em que vivemos e ao mesmo tempo serão sinal vivo da pertença da Igreja no meio da sociedade, e acima de tudo valorizarão a catolicidade presente nos inúmeros carismas, serviços e ministérios eclesiais.

O aprofundamento desse tema no âmbito teológico é de fundamental importância. O pensar teológico durante muitos anos foi desenvolvido apenas por

presbíteros e estes até hoje continuam sendo estudiosos desta ciência e quando bem formados tornam-se presbíteros abertos ao diálogo com as realidades contemporâneas eclesiais e societárias.

Um presbítero mal formado acaba não exercendo seu papel de pastor, de missionário e animador da comunidade. Em muitos casos, acaba se tornando um profissional do sagrado, repetidor de atividades litúrgicas, homem sem expressão de fé, amargo e desumano, preocupado apenas em manter seu status perante a sociedade e a Igreja.

Para o desenvolvimento deste trabalho vamos recorrer às recentes publicações do Concílio Vaticano II e às publicações magisteriais que abordam a temática da formação sacerdotal:

Os Documentos do Concílio Vaticano II, *Optatam Totius* (OT) e *Presbyterorum Ordinis* (PO) que trazem os primeiros passos para a mudança no itinerário formativo nos Seminários, apontando um presbítero mais próximo ao Povo de Deus.

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Pastoris Dabo Vobis* (PDV) de 1992 sobre a formação dos Sacerdotes. Essa exortação trouxe à Igreja Católica um novo paradigma sobre a formação sacerdotal, atualizando as diretrizes existentes até então.

O Documento de Aparecida, conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho realizada na cidade de Aparecida em 2007. A reunião dos bispos na Cidade de Aparecida determinou as linhas de ação de evangelização da Igreja em nosso continente, com destaque para o discipulado, a missionariedade e um agir pastoral transformador.

As Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja do Brasil, documento publicado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), nos números 93 e 110. Estes documentos propõe a aproximação entre a formação presbiteral e a proposta evangelizadora apresentada em na V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho e já se aproximam da nova mentalidade proposta pelo Papa Francisco.

O Dom da Vocação Presbiteral, a nova *Ratio Fundamentalibus Institutionis Sacerdotalis* publicada pela Congregação para o Clero no dia 08 de dezembro de 2016. É a mais recente publicação da Congregação para o Clero para toda a Igreja Católica. O documento coloca em linhas gerais o desejo do Papa Francisco de um

clero mais próximo do povo, com pastores bem mais formados, com dinamicidade e espírito missionário.

Para complementar o estudo proposto dialogaremos com literaturas de autores renomados na área da formação sacerdotal, da eclesiologia e da pastoral apresentados nas referências bibliográficas. Além disso, apontaremos as palavras do Papa Francisco sobre os temas mencionados. A pesquisa para o mestrado será do tipo bibliográfica mediante leitura sistemática, resumo e fichamento de cada obra, referentes aos assuntos propostos em questão.

Para melhor elaboração e compreensão do assunto proposto dividimos nosso estudo em três capítulos: Capítulo I – Deslocamentos da formação presbiteral no contexto pós-conciliar: Do Sacerdote culto ao Pastor Humanizado. Capítulo II – A Igreja desafiada a formar pastores humanizados. Capítulo III – Caminhos para a formação presbiteral apontados pelo Papa Francisco: a formação de pastores humanizados.

No primeiro capítulo introduziremos o contexto eclesial dos últimos documentos magisteriais relativos à formação presbiteral e como estes pronunciamentos oficiais da Igreja propõe a mudança do agir presbiteral do sacerdote apenas do altar para o pastor humanizado.

No segundo capítulo constataremos como a Igreja se coloca diante do desafio de formar pastores humanizados no contexto societário e eclesial atual. Abordaremos as questões relativas ao contexto dos candidatos aos seminários, os dramas existências e humanos que emergem da vida presbiteral e as reflexões e questionamentos das estruturas eclesiais presentes no seminário.

Por fim, no terceiro capítulo traremos algumas orientações do Papa Francisco para a formação de pastores humanizados, presentes em discursos, escritos em momentos específicos com religiosos e sacerdotes. É uma forma característica do Papa Francisco de orientar os católicos através de palavras-chaves, uma pedagogia de fácil compreensão e que muito ajuda na conversão de vida e no amadurecimento e discernimento vocacional.

Após o aprofundamento e abordagem dos três capítulos concluiremos nosso trabalho com as considerações finais e relevâncias do tema para a vida da Igreja e para a Teologia como ciência do conhecimento e do saber.

1 DESLOCAMENTOS DA FORMAÇÃO PRESBITERAL NO CONTEXTO PRÉ E PÓS-CONCILIAR: DO SACERDOTE CULTO AO PASTOR HUMANIZADO

O primeiro capítulo de nosso trabalho abordará os deslocamentos da formação presbiteral no contexto pré e pós Concílio Vaticano II. Apresentar-se-á o contexto de criação, implantação e desenvolvimento do Concílio Vaticano II e sua incidência na formação presbiteral. Em seguida verificaremos os dois documentos magisteriais conciliares sobre a formação presbiteral: *Optatam Totius* e *Presbyterorum Ordinis*. E o documento magisterial pós conciliar do Papa João Paulo II, a Exortação Apostólica *Pastoris Dabo Vobis*.

1.1 A FORMAÇÃO PRESBITERAL ANTES DO CONCÍLIO E O CONTEXTO HISTÓRICO, PASTORAL E ECLESIAL DO CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II teve a sua abertura solene no dia 11 de outubro de 1962. A Igreja do Brasil estava representada pelo seu episcopado, um dos mais numerosos durante o concílio, ficando apenas atrás dos bispos italianos e americanos. Os trabalhos e as contribuições do Concílio trouxeram à Igreja um novo Pentecostes no seu jeito de ser Igreja, na forma de dialogar com o mundo e no agir pastoral.

Para Libânio (2005, p. 14) o Concílio Vaticano II significou a real ruptura em relação a mentalidade dominante na Igreja Católica até o final do Pontificado de Pio XII. Essa ruptura caracterizou-se pela passagem de uma visão pré-moderna do mundo para uma visão moderna. E o Concílio foi esse divisor de águas, ao confeccionar os textos e ao dirigi-los precipuamente ao sujeito social moderno.

O Concílio Vaticano II é o 21º Concílio considerado ecumênico pela Igreja Católica. Considera-se um Concílio Ecumênico devido a sua amplitude, participação e representatividade de vários segmentos da Igreja Católica, teólogos peritos, observadores de outras religiões cristãs, leigos e leigas e religiosos e religiosas.

A discreta e lacônica nota publicada na primeira página do Jornal do Vaticano, o *L'Osservatore Romano*, registrava: o Concílio Ecumênico, segundo o pensamento do Santo Padre, não somente tende à edificação do povo Cristão, mas também quer ser um convite às comunidades separadas para a busca da unidade pela qual hoje em dia tantas almas anseiam em todos os pontos da terra (OR, 26-27 jan 1959, p. 1) Além do Concílio em si,

foi seu propósito ecumênico o que mais chamou atenção da opinião mundial e desatou especulações (BEOZZO, 2015, P. 185).

As mudanças atingirão a todos, principalmente os presbíteros que tiveram dois decretos conciliares ligados diretamente ao ministério presbiteral. Os decretos conciliares: *Optatam Totius* sobre a formação Sacerdotal e *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e vida dos presbíteros. O presbítero está na Igreja para viver a sua vocação a serviço e em conjunto das demais vocações, ministérios e carismas. O ministério hierárquico ganha uma nova compreensão.

Martini e Vanhoye (1987, p. 184) concluem a respeito do papel do presbítero após o Vaticano II:

A consciência da necessária participação de todos, também dos presbíteros, no sacerdócio comum apresenta numerosas vantagens: elimina o espírito de dominação que pode existir em certos presbíteros, e o espírito de inveja de certos leigos, aprofundando em todos o senso de igualdade fundamental e da fraternidade cristã.

Os desafios da evangelização eram muitos na época do Concílio, a Igreja já vinha perdendo seu espaço eclesial e não mais sendo referência em muitas instâncias da sociedade. Coube ao Papa João XXIII a missão de convocar esse concílio de caráter pastoral para trazer à Igreja um sinal de abertura, de esperança e de testemunho vivo, superando o estado de Crisandade, oriundo da idade média, e apontando um novo caminho, mais próximo do início do Cristianismo. As propostas e aceitação do Concílio não foram imediatas e nem facilmente acatadas, o conservadorismo e o tradicionalismo impediam para alguns essa proposta de mudança.

A Igreja Católica não está imune a esta provação. Uma mudança de rota que levasse a sacudir a poeira das tradições humanas, acumulada através dos séculos e que agora impedia as novas gerações de enxergarem a Igreja como o farol, um sinal que fosse à frente do povo, mostrando-lhe o caminho para Deus, era inaceitável para muitos, que sempre consideravam a Igreja como sociedade perfeita (PIRES, 2015, p. 13).

As mudanças propostas desde o início do Concílio trouxeram problemáticas e profundas reflexões. Assuntos polêmicos como por exemplo: mudanças na liturgia com a celebração da Santa Missa na língua vernácula, o ecumenismo e o diálogo da Igreja com outras religiões e denominações cristãs, e outros assuntos criaram tensões e divisões nas comissões preparatórias e nos padres conciliares.

João XXIII conseguiu resolver todas essas dificuldades com duas palavras: refontização e aggiornamento (voltar às fontes e atualizar). A inspiração para as decisões conciliares deveria remontar não aos séculos precedentes, mas às origens do Evangelho, fonte primeira do Cristianismo: refontização. Mas o Evangelho deveria ser lido com os olhos iluminados pela realidade do tempo presente: o aggiornamento. O Concílio seria para a Igreja como um novo Pentecostes. A Igreja deve ser um sinal, que aponte ao mundo o caminho de sua plena realização (PIRES, 2015, p. 14).

O Concílio Vaticano II propôs com os seus trabalhos uma mudança de mentalidade, de uma Igreja suprema no mundo, para uma Igreja inserida no mundo. Sendo essa inserção de forma animadora, transformadora e dialogável. A mudança exigiu que a própria imagem da Igreja, antes piramidal fosse substituída pela imagem de uma Igreja de comunhão.

Segundo Junqueira (2015, p. 171), o modelo de Igreja estabelecido a partir dos documentos deste importante evento eclesial promoveu uma renovação eclesial a partir de elementos essenciais da Igreja como povo de Deus em comunhão, e comunhão teologal (fé, esperança e caridade), que peregrina na Terra, como sinal de salvação para os povos e culturas, e por isso especialmente missionária.

Todos os batizados são valorizados como Igreja, animados pelo Espírito Santo a serviço do Reino de Deus. Os leigos e leigas recuperam seu apostolado de protagonistas na evangelização, membros de Cristo e também responsáveis para santificação do mundo, através dos seus ministérios.

Para Taborda (2011, p. 131) a teologia do ministério parte da missão de Cristo da missão de toda a Igreja e, por isso, primeiro dá relevo ao sacerdócio comum dos fiéis e à missão de Cristo e da missão de toda a Igreja e, por isso primeiro dá relevo ao sacerdócio comum dos fiéis e à missão apostólica de toda a Igreja, de acordo com o tríplice múnus de Cristo: profeta sacerdote e rei.

Lopes (2011, p. 119-121) nos diz a respeito da santidade: A ordem de Jesus foi explícita: ser perfeito como o Pai celeste é perfeito. Síntese do mandamento da perfeição é o mandamento do amor. Pela vocação batismal. Pela vocação batismal vivida na fé, os seguidores Jesus trilham o caminho da santidade, como convém a santos e santas. Os frutos da santidade aparecem na vida concreta e são benéficos a toda sociedade humana.

São criadas novas condições para a participação de todos nos diversos ministérios e carismas da Igreja. Lembramos, por exemplo, a valorização da

ministerialidade eclesial, o resgate da figura do diácono permanente, a pouca presença da Igreja com os excluídos e na sociedade civil, a participação da mulheres na Igreja, a colegialidade eclesial com Roma, a aproximação com as ciências e as realidades temporais, a purificação das piedades populares, as dioceses como Igreja Particular, etc.

A assembleia conciliar tinha a convicção de que não seria possível renovar nada de significativo na Igreja e em sua ação missionária se não se atrevesse a revisar seu paradigma teológico, isto é, a sua forma de pensar, entender, interpretar e falar acerca da fé, sobretudo em questões vitais como a Palavra de Deus, a pessoa de Jesus, a Igreja, os ministérios, a história na qual Deus se revela, o mundo onde se vive o seguimento de Cristo, a salvação, a Revelação e muitas outras realidades teológicas (ARROYO, 2015, p. 26).

A missão da Igreja com o Concílio Vaticano II assume novos cenários e desafios. Os conflitos apareceram e foram enfrentados com o olhar da fé e com o auxílio da Teologia. O objetivo principal do Concílio foi reavivar a tradição da Igreja, compreender os novos cenários do mundo contemporâneo e adequar a transmissão do Evangelho numa linguagem condizente com as gerações atuais. O Papa João XXIII no discurso inaugural colocou as linhas gerais em que o Concílio deveria se pautar.

A finalidade principal deste Concílio não é, portanto, a discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, que se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito. Para isto, não havia necessidade de um Concílio. Mas da renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja, na sua integridade e exatidão, como ainda brilha nas Atas Conciliares desde Trento até ao Vaticano I, o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências; é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo. Uma coisa é a substância do *depositum fidei*, isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance. Será preciso atribuir muita importância a esta forma e, se necessário, insistir com paciência, na sua elaboração; e dever-se-á usar a maneira de apresentar as coisas que mais corresponda ao magistério, cujo caráter é prevalentemente pastoral¹.

¹ JOÃO XXIII. *Discurso Solene na Abertura do Concílio Vaticano II*, 1962.

A comunidade fiel acompanhou a elaboração do Concílio Vaticano II com expectativa e confiança que novos tempos para a Igreja viriam. O Concílio teve quatro fases: ante preparatória (consulta universal para instituições eclesiais e ao episcopado do mundo inteiro sobre temáticas para o concílio), consulta (síntese das consultas da fase ante preparatória) preparatória (criação das comissões e secretariados para a preparação imediata do Concílio) e celebrativa (execução do Concílio com as reuniões conciliares).

Para Arroyo (2015, p. 30), cada uma dessas fases teve o seu peculiar significado no processo global do Concílio. Constituíram-se em eixos que garantiram a dinâmica interna do evento Conciliar, devido ao esforço sustentado, à pluralidade de posturas, ao amor e à perícia de todos os atores, bem como à entrega incondicional dos homens e mulheres, que tornaram possível a assembleia conciliar com sua sabedoria.

O resultado final do Concílio foi a elaboração de dezessete documentos finais. Evidente que o Concílio não abordou todos os problemas da Igreja e da sociedade, mas demonstram a intenção da Igreja em traçar novas estratégias de diálogo com a humanidade e de se posicionar como mensageira de Cristo.

A novidade do Concílio, portanto, foi dirigir-se a um novo sujeito eclesial, que, por sua vez, tinha perguntas diferentes das do sujeito tradicional. A diferença fundamental estava em que o novo sujeito eclesial propunha perguntas à fé a partir de sua situação existencial, imersa na modernidade subjetiva, científica, histórica e da práxis. Tal deslocamento do sujeito produziu uma releitura profunda de toda fé, toda a vida e toda a prática da Igreja. No entanto, o sujeito pré-moderno esteve presente e fez-se sentir na redação dos textos que buscaram um compromisso entre os dois sujeitos. Há um Concílio Vaticano I presente no Vaticano II, apesar da nítida ruptura mais no espírito que nos textos (LIBÂNIO, 2005, p. 84).

A ousadia do Papa João XXIII de convocar o Concílio e não voltar atrás devido as pressões internas da Igreja e as externas da sociedade fazem deste momento histórico da Igreja um acontecimento que supera o conservadorismo da Cúria Romana e o pessimismo mundano. A Igreja passava a olhar para fora e dava os primeiros passos para uma renovação eclesial, missionária e pastoral.

O pós Concílio apresentou realidades distintas e complexas. As decisões conciliares tiveram recepções desiguais e impactos diversos ao longo do mundo. Para Arroyo (2015, p. 45) ao longo de várias décadas o Vaticano II foi abrindo caminho, transformando de maneira significativa numerosas expressões do tecido

eclesial. Uma seiva de esperança percorria todos os setores do Povo de Deus, a tal ponto que muitos fiéis pensaram que enfim havia chegado a hora de uma profunda renovação.

Continuamos a caminho, as mudanças nem todas aconteceram, mas depois de tantos anos, não perdemos a esperança dessa Igreja tão desejada pelo Papa João XXIII. Para Codina (2015, p. 111), o Concílio estabelece o surgimento de uma nova configuração de Igreja: diante da eclesiologia clerical do segundo milênio, o Vaticano II propõe uma Igreja Povo de Deus; diante de uma Igreja legalista, o Concílio professa uma Igreja mistério de comunhão em Cristo; e diante de uma Igreja triunfalista, afirma uma Igreja peregrina na história, sempre vivificada pelo Espírito.

1.2 DESLOCAMENTOS CONCILIARES E PÓS-CONCILIARES NA FORMAÇÃO PRESBITERAL: *OPTATAM TOTIUS, PRESBYTERORUM ORDINIS E PASTORES DABO VOBIS*

Os documentos a seguir estudados foram os marcos determinantes para a formação conciliar pós-conciliar e continuam orientando o processo formativo e sendo a base magisterial para futuros documentos do magistério.

1.2.1 Decreto *Optatam Totius* sobre a formação sacerdotal

O Decreto *Optatam Totius* veio no contexto do Concílio oferecer à Igreja e à formação sacerdotal indicativos para que os futuros presbíteros fossem orientados na nova forma de agir e pensar da Igreja. Seguindo as grandes mudanças eclesiológicas do Concílio os futuros presbíteros passam a ser formados nessa configuração, onde o presbítero recebe destaque não pelo autoritarismo, mas pela autoridade a serviço do povo de Deus e da Igreja.

Quatro séculos após a reforma tridentina os Padres do Vaticano II se propunham diminuir o hiato que havia se criado entre a formação de seus futuros presbíteros (note-se a mudança do termo sacerdote para o de presbítero) e os ambientes cada vez mais descristianizados e plurais que passaram a influenciar as cosmovisões, os costumes, o ethos, as ciências e o mundo político-econômico do chamado mundo moderno (VALLE, 2015, p. 684).

O Concílio Vaticano II repensou o papel do presbítero na Igreja e na sociedade. O Decreto *Optatam Totius* reabre a reflexão sobre a temática da formação presbiteral e temas afins como: a promoção das vocações sacerdotais, existência do seminário e dos estudos eclesiásticos, o papel dos formadores e dos seminaristas, o cuidado com a formação espiritual, normas para a formação pastoral e o aperfeiçoamento da formação depois dos estudos seminarísticos.

As propostas que apareceram no documento já eram assuntos que mereciam a necessidade de reflexão e de novas orientações. Para Valle (2015, p. 684) na realidade, a revisão do papel do padre na sociedade contemporânea já havia começado antes de ser posta em discussão no Concílio, mas este se tornou um lugar privilegiado para um diálogo orgânico e sistemático, capaz de gerar mudanças.

O modelo de formação sacerdotal vigente antes do Concílio Vaticano II seguia o modelo tridentino (1545-1563) de seminário que estava em funcionamento há mais de quatro séculos, onde a figura do presbítero era colocada como perfeita e fiel e fora reforçado com o Concílio Vaticano I (1870). Um modelo que não responderia as exigências contemporâneas da evangelização, mesmo tendo valor por muitos séculos, já davam sinal de desgaste e exagerada clericalização.

O documento final da OT (*Optatam Totius*) não é considerado pelos especialistas um documento de pequeno porte. Faz apontamentos necessários para que a formação sacerdotal estivesse alinhada aos demais documentos conciliares. Segundo Valle (2015, p. 684) o tom geral adotado na redação é antes conservador do que inovador. Há uma invisível preocupação em se manter o que a experiência dos séculos aprovou, mas ao mesmo tempo, não há como desconsiderar os novos decretos e às novas condições dos tempos.

Como todo documento conciliar a aprovação do documento aconteceu depois de muitas reflexões e discussões diversas, visto que o tema suscitava posições e opiniões divergentes sobre o assunto. Foram enviadas a Roma 557 propostas de temas que foram agrupados em 3 pontos: seleção e formação dos seminaristas, governo dos seminários e estudos. No dia 28 de outubro de 1965, durante a 7ª sessão pública, após a última votação foi aprovado com 2318 votos favoráveis e 3 não favoráveis, sendo posteriormente promulgado pelo Papa Paulo VI.

De acordo com Valle (2015, p. 685), a história da elaboração do texto já demonstra a existência de uma tensão que crescia na medida em que os bispos foram percebendo que não se tratava de uma revisão cosmética do processo formativo, e sim de um repensamento radical de todo o modelo, à luz das novas perspectivas teológicas, sócio-históricas, eclesiológicas e pastorais que o próprio Concílio foi criando nos breves anos de sua duração.

A construção do documento passou pelas comissões preparatórias estabelecidas por Roma. Destes grupos de trabalho surgiram os esboços enviados aos bispos, antes do início do Concílio. Os textos preliminares, através dos seus autores não trouxeram novidades e novas concepções para a formação sacerdotal. Percebeu-se ainda posições conservadoras defendidas por alguns setores da Cúria Romana e por alguns participantes do Concílio. Os textos iniciais privilegiaram os estudos eclesiásticos, a unidade teológico-doutrinal, o direito canônico vigente e a tradição clerical.

Para Valle (2015, p. 685), a OT foi assim um decreto que, com relativa facilidade, encontrou certo acordo seja nas comissões menores, seja nos plenários e na votação final. No entanto, sua concretização nos anos subsequentes demonstrou que só teoricamente as orientações eram claras e a concordância operacionalmente eficaz.

A aprovação final do documento comprova que as Constituições consideradas maiores (*Lumen Gentium, Dei Verbum, Gaudium et Spes e Sacrosanctum Concilium*) haviam tratado assuntos eclesiais relativos à vida presbiteral e à formação sacerdotal, e conseqüentemente o assunto não estaria esgotado num documento de poucos itens. No próêmio e no início deste documento (1) são feitas ressalvas importantes, principalmente lembrando que as conferências episcopais serão responsáveis para a construção de novos documentos sobre a formação sacerdotal.

Reconhecendo o sagrado Concílio que a desejada renovação de toda a Igreja depende, em grande parte do ministério sacerdotal, animado do espírito de Cristo, proclama a enorme importância da formação dos sacerdotes e declara alguns dos seus princípios fundamentais, conformando as leis já aprovadas pela experiência de séculos e introduzindo nelas as mudanças correspondentes às Constituições e Decretos deste sagrado Concílio e à evolução dos tempos. (...) Sendo tanta a diversidade de povos e regiões, sem que se possam dar leis a não ser gerais, institua-se dentro de cada rito um "Regulamento da Formação Sacerdotal", a ser estabelecido pela Conferências episcopais, revisto

periodicamente e aprovado pela Sé apostólica. Por ele as leis universais se acomodam às condições particulares dos tempos e lugares, de maneira que a formação corresponda sempre às necessidades das regiões em que se deve exercer o ministério sacerdotal (OT 1).

O documento OT visava oferecer algumas normas para as diretrizes da formação válidas para o mundo inteiro, principalmente para o clero diocesano. É uma forma de confirmar a importância da formação sacerdotal na caminhada pós-conciliar. São sete pontos principais abordados: a) o tipo de formação que se deve adotar em cada país, b) incentivo mais intenso das vocações sacerdotais, c) organização dos seminários maiores, d) maior aperfeiçoamento da formação espiritual, e) estruturação dos estudos eclesiais e f) formação estritamente pastoral.

A mudança mais significativa de todo texto está na preocupação de que cada país e ritos se adaptem à sua formação presbiteral à sua realidade, superando com isso, a visão centralizadora e romana que predominava no clero mundial. Resguardando que a aprovação final dos documentos elaborados em cada país precisavam da aprovação da Santa Sé.

O incentivo e a preocupação com as vocações estão presentes no segundo item do documento. O trabalho pelas vocações passa a ser responsabilidade de toda a comunidade católica e ao testemunho vivo dos presbíteros. Este avanço significativo supera a visão de que a promoção vocacional, na época com o nome de Obra pelas vocações, não é para grupos específicos, mas deve ser desenvolvida com outras pastorais favorecendo uma pastoral vocacional orgânica. É uma forma inicial de aproximação dos leigos e leigas do trabalho vocacional e dos seminários.

O dever de fomentar vocações pertence a toda a comunidade dos fiéis, que sobretudo as deve promover mediante uma vida plenamente cristã. Para isso concorrem não só as famílias que, animadas pelo espírito de fé, de caridade e piedade, são como o primeiro seminário, mas também as paróquias, de cuja vida fecunda participam os adolescentes. (...) Além disso, manda que as Obras pelas vocações, região ou nação, segundo os Documentos Pontifícios nesta matéria, se organizem metódica e coerentemente, e promovam, com igual discrição e zelo, uma ação pastoral de conjunto, sem deixar de lado nenhum dos meios úteis, oferecidos pela sociologia e psicologia moderna (PO 2).

O lugar por excelência para a formação presbiteral é o seminário. No seminário Maior receberão a formação desejada e a visita permanente do bispo, sinal de cuidado e preocupação com o futuro presbítero. O caráter pastoral do

seminário também se evidencia devido à presença do bispo, à preocupação com o ministério da Palavra, do culto e da Santificação.

A finalidade pastoral fica explícita no OT 4: “Preparem-se para o ministério de pastores: para que saibam apresentar aos homens Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela redenção de muitos e para que, feitos servos de todos, ganhem a muitos”.

São tratados os aspectos pedagógicos da formação, como a seleção e preparação dos formadores e dos próprios candidatos (cf. OT 5-6), a atenção especial aos formandos (cf. OT 7) e a existência de seminários comuns a várias dioceses. Os formadores sejam verdadeiros Pais em Cristo, e todos os sacerdotes vejam o seminário como o coração da diocese (cf. OT 5). Os candidatos ao seminário deviam apresentar condições para as obrigações referentes ao sacerdócio.

O processo de seleção e aprovação não deveria estar preocupado com o quantidade: Deus não permitirá que a sua Igreja careça de ministros, se se promoverem apenas candidatos dignos e, no devido tempo, os que não se mostrarem idôneos forem paternalmente encaminhados para outras ocupações (...). (cf. OT 6).

O aperfeiçoamento da formação espiritual é próxima da parte doutrinal e pastoral. O presbítero é convidado a ser o homem da espiritualidade, da doutrina e da pastoral. A espiritualidade presbiteral é fortalecida pela intimidade com a Palavra de Deus, exercícios de piedade, com a Eucaristia e a confiança em Maria. Habituem-se a serem configurados pela sagrada ordenação com Cristo sacerdote, habituem-se também a unir-se a ele, como amigos, em íntima comunhão por toda a vida. (cf. OT 8).

A boa vivência espiritual compreende o sentido de pertença à Igreja e da humilde obediência ao vigário de Cristo, Bispos e irmãos no ministério. Sejam educados, com particular solícitude, na obediência sacerdotal, na pobreza de vida e na abnegação de si mesmos, de tal maneira que se habituem a renunciar generosamente mesmo àquilo que, sendo lícito, não é conveniente, e a conformar-se com Cristo crucificado. (cf. OT 9).

As dificuldades na vida sacerdotal encontram alusão quando é abordada a educação à castidade. O celibato é tratado como uma opção madura e assumida livremente, como precioso dom de Deus, também é alertado sobre as dificuldades e obstáculos dessa vivência na sociedade e na Igreja.

Sejam prevenidos contra os perigos que ameaçam a sua castidade, sobretudo na sociedade do nosso tempo. Ajudados pelos auxílios divinos e humanos, aprendam de tal maneira a integrar a renúncia ao matrimônio, que a sua vida e ação não só venham a sofrer detrimento algum por causa do celibato, mas eles adquiram mais alto domínio do corpo e da alma, e novos progressos na maturidade, além de compreenderem melhor a bem-aventurança do Evangelho (OT 10).

A revisão e a organização dos estudos eclesiásticos (cf. OT 13-16) passa pela preparação intelectual que contenha cultura humanística (preparação para os estudos superiores e línguas), orientação teológica (Estudos da Revelação divina, da Sagrada Escritura, da Teologia Dogmática, da Teologia Moral e da Sagrada Liturgia) e filosófica (patrimônio filosófico perene), revisão dos métodos didáticos e investimento em presbíteros que tenham inclinação ao magistério.

No plano formativo a formação presbiteral deve ser estritamente pastoral para exercer o apostolado como verdadeiros pastores, sendo a ênfase na educação ao diálogo, ao espírito missionário na Igreja e com os leigos e para a prática pastoral fora do seminário.

Sendo necessário que os alunos aprendam a arte do apostolado, não só da maneira teórica, mas também prática, e saibam assumir suas responsabilidades no trabalho e colaborar com os outros, sejam iniciados, já durante os estudos e até no tempo de férias, na prática pastoral com os exercícios convenientes, que devem ser levados a cabo de harmonia com idade dos alunos e as circunstâncias dos lugares, segundo o prudente juízo dos bispos, de uma forma metódica e sob a orientação dos peritos em matéria pastoral, não deixando nunca de ter em conta a força superior dos auxílios sobrenaturais (OT 21).

1.2.2 Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e a vida dos sacerdotes

O Decreto *Presbyterorum Ordinis* (PO) sobre o ministério e a vida dos sacerdotes sofreu nove redações para chegar a sua aprovação final na última sessão Conciliar entre os dias 14 e 26 de Outubro e teve a sua promulgação no dia 07 de dezembro de 1965. Muitas foram as alterações e rejeições até a sua aprovação, como aconteceram nos demais documentos do Concílio.

Na fase pré-conciliar a Comissão da Disciplina do Clero e do Povo Cristão preparou 17 decretos sobre o tema para serem apreciados na primeira sessão. Após 15 votações, o texto fora aprovado na nova sessão pública, com 2390 votos favoráveis e 04 contrários.

Ao final do primeiro período conciliar se percebeu a impossibilidade de tratar de todos os temas decretos. Desse modo, nove decretos foram retirados da agenda conciliar por supressão (sobre o patrimônio histórico e artístico), reservados à Santa Sé (sobre os pastores convertidos) ou às conferências (sobre a tonsura e a veste clerical), remetidos para a revisão do Código de Direito Canônico. Apenas três textos: sobre a distribuição do clero, da santidade e dos benefícios foram assumidos pela Comissão Conciliar como base para a elaboração de um esquema geral denominado De Clericis. (OLIVEIRA, 2015, p. 772)

Sucessivos documentos foram desenvolvidos e apresentados nas plenárias. Os debates continuaram com a sugestão de propostas às emendas apresentadas. Tratava-se de um tema que não seria aprovado com facilidade e exigiria muita reflexão. Um tema relevante que não recebeu maior aprofundamento foi o celibato, por não ser oportuno sua discussão publicamente para o momento histórico e por si mesmo, já ser um assunto polêmico em sua natureza.

A continência perfeita e perpétua por causa do Reino dos Céus, recomendada por Cristo Senhor, generosamente aceite e louvamente observada por não poucos fiéis, no decurso dos séculos e também em nossos dias, foi sempre tida em grande estima pela Igreja, especialmente na vida dos sacerdotes. É, na verdade, sinal e estímulo da caridade pastoral e fonte singular de fecundidade espiritual no mundo (PO 16).

As questões polêmicas envolvidas ao celibato estavam atreladas à falta de presbíteros para a celebração da Eucaristia, a ordenação de homens casados para o atendimento pastoral e a observância do celibato como carisma e não como uma lei canônica.

O Papa Paulo VI, sabendo que o tema do celibato estava gerando muita insatisfação e possíveis debates, fez a seguinte declaração, sem impedir a liberdade dos Padres Conciliares: Não é oportuno discutir publicamente este assunto, que exige suma prudência e é de grande importância. É nosso propósito não só conservar com todas as nossas forças esta lei antiga, sagrada e providencial, mas também revigorar a sua observância, (...), pois graças a ela os sacerdotes podem consagrar todo o seu amor somente a Cristo e dedicar-se inteira e generosamente ao serviço da Igreja e das almas (GODOY, 2012, p. 7).

A aprovação final do documento ficou assim composta de três capítulos: Capítulo I – O presbiterado na missão da Igreja (ênfase na missão de colaborar com o bispo no ensino, na santificação e na governança junto ao Povo de Deus), Capítulo II – O ministério dos presbíteros (ênfase no aprofundamento no múnus de Cristo, profeta, sacerdote e pastor, a relação com bispo e presbíteros e adequada distribuição do clero) e Capítulo III – A vida dos presbíteros (ênfase para a fidelidade e santidade sacerdotal).

O itinerário do Decreto PO realizado até o final do concílio mostram que a missão do presbítero ganhou uma nova identidade e um novo entendimento na Igreja e no mundo atual. Godoy (2012, p. 9) observa as mudanças nos títulos propostos e não aceitos: “Sobre os clérigos”, foi mudado para “Sobre os sacerdotes”, depois para “Sobre vida e ministérios sacerdotais”, para chegar finalmente ao título definitivo: “Sobre o ministério e a vida dos presbíteros”.

A adoção do uso do vocabulário presbítero aponta a nova visão do Concílio a respeito da missão presbiteral, agora como presbítero e sacerdote, deixando de reduzir o presbítero a mero homem da liturgia e dos sacramentos, mas como homem da missão. As opiniões a respeito dos objetivos alcançados pelo concílio são contundentes e diversas, mas conclui-se que elas abriram possibilidades que até então não estavam previstas para os presbíteros.

Segundo Santos (2015, p. 197) o Concílio Vaticano II conseguiu plasmar uma figura do presbítero “ministerial” e “missionário”, no interior do qual se colhem elementos mais tradicionais, fazendo uma leitura crítica que o enquadra numa perspectiva global da qual emerge um entrelaçamento ao mesmo tempo eclesiológico e cristológico.

Por isso, o fim que os presbíteros pretendem atingir com o seu ministério e com a sua vida é a glória de Deus Pai em Cristo. Esta glória consiste em que os homens recebam conscientemente, livre e gratamente a obra de Deus perfeitamente realizada em Cristo, e a manifestem em toda a sua vida (PO 2)

O ministro ordenado após o Concílio é chamado a ser o presbítero, mas não deixa de ser sacerdote. As expressões presbítero e sacerdote se complementam. Para Godoy (2012, p. 10) uma delas vê esse ministério quase somente na perspectiva do sagrado e insiste no vocábulo sacerdote/sacerdotal; a outra prefere a terminologia presbítero/presbiteral, que permite um desdobramento da missão do padre de acordo com os três múnus.

Numa eclesiologia de comunhão em que se valorizam todos os ministérios e carismas, a missão eclesial não permite que se veja o presbítero ainda acima dos demais, por mais que tenham a sua importância, a diferença entre hierarquia e laicato está na opção vocacional, porque na comunidade temos a mesma fé e batismo.

Os presbíteros, tirados dentre os homens e constituídos a favor dos homens nas coisas que se referem a Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados, convivem fraternalmente com os restantes homens. (...) O seu próprio ministério exige, por título especial, que não se conformem com este mundo, mas exige também que vivam neste mundo entre os homens e, como bons pastores, conheçam as suas ovelhas e procurem trazer a este redil aquelas que não lhes pertencem (...) (PO 3).

Atualmente a expressão sacerdote é mais vinculada ao sagrado e à celebração dos mistérios divinos, do culto e dos sacramentos, como o homem do sagrado e do sacrifício. O termo presbítero acaba sendo mais abrangente porque nos leva a compreender os três múnus de Cristo na vida de todo o batizado: sacerdotal, profético e pastoral. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* 10 ainda fez a distinção entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico. Os dois “sacerdócios” tem uma diferença em sua natureza e missão, as relações, portanto são de colaboração e mutualidade.

Podemos dizer que o sacerdócio comum está ao mesmo tempo abaixo e acima do sacerdócio ministerial: está abaixo porque está a serviço do sacerdócio comum, é lhe subordinado e não teria sentido em si mesmo; está acima porque condiciona o seu exercício; o sacerdócio comum seria impossível sem ele. E sobre o específico do ministério ordenado concluiu: O elemento específico é a mediação entre Deus e os homens; ora o sacerdócio ministerial é sacramento da mediação de Cristo, isto é, sinal e instrumento de Cristo mediador; e isto o sacerdócio comum não é (MARTINI; VANHOYE, 1987, p. 184).

O ministério presbiteral volta a discussão, não como o mais relevante, mas abordando questões humanas, pastorais e eclesiais, que deram novos horizontes para a Igreja e para a vida presbiteral.

O documento não agradou a todos os participantes, mas apontou uma nova direção para a formação sacerdotal. Segundo Alberigo (2000, p. 441)

Preocupados com a revalorização da função episcopal e pela emergência de um laicato novo comprometido com o apostolado, os bispos não perceberam que o ministério dos padres, na hora do aggiornamento,

necessitava de abordagem doutrinal, que fosse mais em profundidade que simples questões disciplinares.

Corrobora esta reflexão o pensamento de Godoy (2012, p. 9):

Tudo isso nos ajuda a buscar uma hermenêutica para o Decreto Conciliar sobre o Ministério e vida dos Presbíteros – *Presbyterorum Ordinis*. Chamamos a atenção para a sugestiva mudança de nome do Decreto, que começou tratando dos padres do Clero, passando para sacerdotes e chegando finalmente ao vocabulário presbítero. Sobretudo no Brasil, presbítero tem sido o termo mais usado por favorecer uma compreensão mais ampla do ministério do padre na perspectiva dos três múnus – profeta, sacerdote e pastor. Uma das três dimensões do ministério do presbítero é a sacerdotal e não a única, pois o padre não se reduz a mero executor de sacramentos, nem tão somente ao aspecto cúltilo de sua missão (GODOY, 2012, p. 9).

O presbítero segue os passos de Jesus em suas ações. Encontra-se no meio dos fiéis, a serviço deles, doando a sua vida, não se separando deles ou se colocando numa atitude de superioridade. O presbítero assim viverá com solicitude o seu sacerdócio comum dos fiéis, santificando a todos com o seu jeito humilde de ser de Deus, que consiste em amar sem limites.

Os presbíteros reconheçam e promovam sinceramente a dignidade e a participação própria dos leigos na missão da Igreja. Estejam dispostos a ouvir os leigos, tendo fraternalmente em conta os seus desejos, reconhecendo a experiências e competência deles nos diversos campos da atividade humana, para que, juntamente com eles, saibam reconhecer os sinais dos tempos (PO 9).

O ministério presbiteral é portanto chamado a estar mais próximo do povo para ser sinal de Deus através do Batismo. A oferta do sacrifício na vida do presbítero será servir ao povo e não apenas ser o homem do altar e da sacristia. A vivência da comunhão, com base na espiritualidade e na vida sacramental, favorece o crescimento pessoal, e afasta o presbítero do carreirismo, do fechamento e de ser o centro da vida da Igreja.

Proponho, portanto, a superação de uma concepção sacerdotalista do ministério presbiteral, buscando uma nova consideração que favoreça a todos os cristãos a fazer da vida uma entrega, uma oferta de si mesmos, àquele que nos envia a servir aos irmãos e irmãs, sobretudo aos pobres. Nessa perspectiva, os presbíteros se destacariam como aqueles que querem viver a sua entrega de maneira radical, dispostos a se afadigar por todos os que lhe forem confiados, até mesmo dando suas vidas (GODOY, 2012, p. 23).

A caridade pastoral é o centro e missão dos presbíteros como esclarece a PO e os demais documentos magisteriais. Os presbíteros assumem a opção pelos pobres em sua vida. A configuração ministerial a Cristo faz com que se dirija àqueles que foram os prediletos de Cristo em sua peregrinação.

A proximidade com o povo é marca dessa nova identidade presbiteral. Embora sejam devedores de todos, os presbíteros consideram como recomendados a si de modo particular os pobres os fracos, com os quais o próprio Senhor se mostrou associado, e cuja evangelização é apresentada como sinal da obra messiânica (PO 6).

O presbítero realiza a sua missão em comunhão com uma Igreja Particular e nela está inserido para ser cooperador do Bispo e colaborador de todos. No rito da ordenação presbiteral o gesto de imposição das mãos confirma a pertença a uma comunidade local concreta, podendo ser ela, diocesana ou religiosa.

O presbitério se fortalece com o cuidado e a fraternidade, animando os demais a ser uma Igreja unida na fé, mais humana e samaritana. Os presbíteros, elevados ao presbiterado pela ordenação, estão unidos entre si numa íntima fraternidade sacramental. Especialmente na diocese a cujo serviço, sob o bispo respectivo, estão escritos, formam um só presbitério (PO 8).

A fraternidade presbiteral é o meio de santificação, caridade e oração que aproxima e fortalece a eclesialidade local. Quando isso não acontece, os vínculos sacerdotais se tornam frágeis e a Igreja local não se consolida como imagem de Cristo. A caridade pastoral estimula os presbíteros, agindo nesta comunhão, a entregarem a sua vontade por obediência ao serviço de Deus e dos seus irmãos, recebendo com espírito de fé, (...) entregando-se, de todo coração, a qualquer cargo que lhes for confiado (PO 15).

O Decreto PO teve também a preocupação e o cuidado de reiterar a necessidade dos próprios presbíteros, como sinais do Cristo, cuidarem de si, dando sinal da pobreza voluntária pelo Reino (PO 17), na vida espiritual, observando os meios para a união com Cristo (PO 18), e na atualização da vida presbiteral, com a continuidade dos estudos (PO 19), na justa remuneração, no exercício do ministério presbiteral (PO 20) e para o provento de gastos no declinar da vida, sendo atentos à constituição de fundos comuns ou previdenciários (PO 21).

1.2.3 Exortação Apostólica *Pastoris Dabo Vobis*

Dando continuidade à sua caminhada pós-conciliar sobre a formação sacerdotal, a Igreja lança a Exortação Apostólica *Pastoris Dabo Vobis (PDV)*. É uma Exortação Apostólica que está em comunhão com as pretensões para a vida presbiteral contidas no Concílio Vaticano II. Sua publicação aconteceu no dia 25 de Março de 1992, no Pontificado de São João Paulo II. Ela é resultado de um Sínodo sobre a formação sacerdotal concluído no ano de 1990 que abordou essa temática em âmbito mundial.

O nome da Exortação tem inspiração no livro de Jeremias, Capítulo 3, 15 “Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração”. Demonstra a preocupação da Igreja com a formação das vocações sacerdotais, sua perseverança no ministério presbiteral e a escassez de vocações em muitas partes do mundo. A Igreja confia que não lhe faltarão pastores, mas crê que o cuidado com a formação dos candidatos é algo importante e fundamental para a obra de Evangelização da Igreja.

Na verdade, a formação dos futuros sacerdotes, tanto diocesanos como religiosos, e o assíduo cuidado, mantido ao longo de toda a vida, em vista de sua santificação pessoal no ministério e da atualização constante em seu empenho pastoral, é considerado pela Igreja, como uma das tarefas de maior delicadeza e importância para o futuro da evangelização da humanidade (PDV, 2000, 2).

A PDV atualizou a forma da Igreja se posicionar nas novas demandas do final do século XX e dos questionamentos e crises oriundos da vivência do ministério presbiteral após o Concílio Vaticano II. A Igreja sente-se chamada a reviver com um novo empenho tudo quanto o Mestre fez com os seus apóstolos, solicitada como é pelas profundas e rápidas transformações da sociedade e das culturas do nosso tempo (...) (PDV 2).

O magistério da Igreja testemunhou com as diversas mudanças da sociedade e da Igreja que os presbíteros também sofreram alterações na sua forma de ser e de agir. O tema do sacerdócio sempre esteve presente na vida da Igreja e não deixou de ser olhado com atenção e preocupação. A identidade do “novo” presbítero pós-Vaticano II precisava de um processo formativo atualizado e de qualidade, pois se confrontava com presbíteros que viviam dificuldades no exercício do ministério

pastoral, diante das novas atividades pastorais, tendo que repensar a sua ministerialidade.

Na realidade, as novas gerações dos chamados ao sacerdócio ministerial apresentam características notavelmente distintas com relação às dos seus imediatos predecessores, e vivem num mundo, em muitos aspectos, novo e em contínua e rápida evolução. E não se pode deixar de ter em conta tudo isto na programação e na realização dos itinerários educativos para o sacerdócio ministerial (PDV,2000, 3).

A preocupação do Sínodo dos Bispos era propor um documento atualizado e que trouxesse respostas concretas e coerentes a essas novas demandas pastorais. A formação precisava dialogar com seus problemas e oferecer aos candidatos ao presbiterado a especificação dos itinerários de formação permanentes capazes de ajudar, de modo realista e eficaz, o ministério e a vida espiritual dos sacerdotes. (PDV 3).

A promulgação da Exortação Apostólica *Pastoris Dabo Vobis* apresentou um documento com 6 capítulos: Capítulo I – Escolhido de entre os homens: A formação sacerdotal perante os desafios do final do Segundo Milênio, Capítulo II – Consagrou-me com a Unção e me enviou: A natureza e a missão do sacerdócio ministerial, Capítulo III – O Espírito do Senhor está sobre mim: a Vida Espiritual do Sacerdote, Capítulo IV – Vinde ver: A vocação sacerdotal na pastoral da Igreja, Capítulo V – Estabeleceu Doze que estivesse com ele: A formação dos candidatos ao sacerdócio, Capítulo VI – Exorto-te a que reanimes o Dom de Deus que está em ti: A formação permanente dos Sacerdotes.

Trata-se de um documento com 82 parágrafos que aprofunda pontos do Concílio Vaticano II sobre a formação sacerdotal e a vida ministerial dos presbíteros com uma linguagem moderna e para o entendimento de todos. Cada capítulo tem a sua particularidade, mas marcado notadamente pelo caráter pastoral, presbiteral, espiritual e, sobretudo o humano-afetivo.

1.3 ÊNFASES DA *RATIO SEMINARIORUM INSTITUTIONIS SACERDOTALIS*

1.3.1 A construção da Nova *Ratio*

Em vários discursos e pronunciamentos dirigidos a /formadores, o Papa Francisco pede que a Igreja reveja a maneira como estão sendo formados nossos seminaristas e que a formação sacerdotal se readapte às realidades atuais da evangelização. Hoje temos uma formação que necessita se adequar às novas exigências dos tempos atuais e que ao mesmo tempo não perca os seus valores e aquilo que já a orientou até o presente momento. Os seminaristas devem apresentar abertura ao diálogo, serem menos clericalizados, acessíveis ao povo e principalmente favoráveis à missionariedade, dimensão eclesial tão presente nos escritos do Papa Francisco.

O tema da formação sacerdotal é determinante para a missão da Igreja; a renovação da fé e o futuro das vocações só serão possíveis se tivermos padres bem formados. A formação sacerdotal depende, em primeiro lugar, da ação de Deus na nossa vida e não das nossas atividades. É uma obra que requer a coragem de deixar-se plasmado pelo Senhor, para que transforme o nosso coração e a nossa vida².

A vocação ao presbiterado é considerada pela Igreja Católica um dom de Deus para alguns homens. A Igreja através da nova *Ratio Fundamental* propõe um caminho formativo àqueles que se colocam à disposição de percorrê-los. Esse itinerário é construído para desenvolver as vocações sacerdotais, a fim de que produzam frutos maduros e saibam dialogar com seus contemporâneos e seus desafios. A Igreja revê a caminhada formativa dos futuros padres como uma forma de se atualizar as exigências dos tempos atuais.

O primeiro texto provisório dessa nova *Ratio Fundamental* teve sua divulgação pela Congregação para o Clero no ano de 2014. A difusão deste “esboço” inicial passou por vários membros da referida congregação, especialistas convidados, que enriqueceram com propostas e sugestões o texto já construído, auxiliando a continuidade do trabalho iniciado. Sua constituição é de um decreto executivo para toda a Igreja.

²FRANCISCO, Discurso aos Participantes da Plenária da Congregação para o Clero, 2017.

Todo esse contributo serviu para redigir um texto mais amplo, enriquecido ainda pelas sugestões recebidas de alguns Dicastérios da Cúria Romana com interesse no tema em razão da própria competência (Congregação para a Evangelização dos Povos, Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, e a Congregação para as Igrejas Orientais), ou em virtude da vasta experiência acumulada precedentemente (Congregação para a Educação Católica).

É totalmente aplicado nos países de competência da Congregação para o Clero. Quais são? A delimitação é complexa. Podemos tentar listar diferentes países e marcas que não são da competência da referida Congregação. Assim, exceto Filipinas e Austrália, Ásia e África pertencem à Congregação para a Evangelização dos Povos. As prelazias territoriais e a maioria dos vicariatos apostólicos, prefeituras apostólicas e administrações apostólicas também pertencem à esta Congregação. À Congregação para as Igrejas Orientais pertencem praticamente todas as Igrejas que têm ritos antigos (SACERDOTES OPERARIOS DIOCESANOS, 2018, p. 12, trad. nossa).

No ano de 2015, o texto foi então enviado às Conferências Episcopais e Nunciaturas Apostólicas, para captação de novos pareceres e também com o objetivo de aumentar o âmbito da consulta aos países que no futuro a *Ratio Fundamental* será implantada. No mesmo ano, durante o Congresso Internacional do 50º aniversário dos documentos conciliares *Optatam Totius* e *Presbyterorum Ordinis*, puderam também fazer as suas contribuições ao tema da formação sacerdotal Cardeais, Bispos, professores, formadores e especialistas.

Estas diversas consultas exaltam o espírito de corresponsabilidade eclesial e o espírito de sinodalidade tantas vezes recordada pelo Papa Francisco. A Igreja com essa ação eclesial pretende que o processo de formação sacerdotal não perca a unidade e coerência, mesmo sendo destinada a diversas nações, assim se estabelece um denominador comum para toda a Igreja.

1.3.2 As características distintas e fundamentais da nova *Ratio*

O caminho oferecido aos candidatos ao sacerdócio possui quatro características distintas na formação, apresentada como única, integral, comunitária e missionária. O processo formativo não pode ser fragmentado, mas compreendido

num itinerário contínuo que começa antes do ingressar no seminário e só se conclui no momento da ordenação sacerdotal.

A formação dos sacerdotes é a continuação de um único ‘caminho de discipulado’, que se inicia com o batismo, se aperfeiçoa com os demais sacramentos da iniciação cristã, para depois acolhido como centro da própria vida no momento de entrada no Seminário, e continua por toda a vida, obviamente, a formação inicial no Seminário distingue-se daquela permanente quanto ao tempo, modo e finalidades específicas, mas constitui com essa uma única formação progressiva – aquela que se realiza na vida do discípulo sacerdote, o qual, permanecendo sempre na escola do Mestre, não cessa de buscar a configuração a Ele (RFIS, 2017, p. 16).

A etapas formativas (inicial e permanente) são permeadas pela integralidade, proporcionando que as quatro dimensões formativas contidas e propostas na *Pastores Dabo Vobis* formem a identidade do seminarista e do futuro presbítero, transformando-o num dom total na vivência da caridade e no agir pastoral da Igreja e na sociedade. As dimensões interligadas formam um eixo comum e integral que auxiliam o seminarista chamado ao sacerdócio.

A vocação ao sacerdócio é eminentemente comunitária. Ela nasce numa comunidade, um presente que Deus concede a Igreja e ao mundo, um caminho de santificação que não se dá de maneira egoísta e individualista. A missão do discípulo sacerdote é servir à comunidade como pastor e guia. Os seminários são os lugares por excelência de aprendizado da vivência comunitária e da compreensão do que é ser um discípulo de Cristo, seguindo os seus passos e imitando as suas ações.

A ideia de fundo é que os seminários possam formar discípulos missionários enamorados do Mestre, pastores com o cheiro das ovelhas que vivam no meio delas para servi-las e conduzi-las à misericórdia de Deus. Por isso, é necessário que cada sacerdote se sinta sempre um discípulo a caminho, carente constantemente de uma formação integral, compreendida como contínua configuração a Cristo (RFIS, 2017, p. 18).

A formação nos seminários terá um caráter único, integral e progressivo. Está dividida em duas fases: a inicial que envolve quatro etapas: propedêutico, estudos filosóficos ou do discipulado, estudos teológicos ou de configuração e pastoral ou síntese vocacional. A fase permanente é a fase que diz respeito à constante formação durante o exercício do ministério ordenado. A fase propedêutica passa a ser obrigatória e necessária nessa nova *Ratio*.

As novas denominações do discipulado e de configuração visam retirar a predominância e a ênfase do âmbito intelectual no processo formativo, e em especial no período dos estudos acadêmicos de filosofia e teologia, mostrando com isso que o progresso do seminarista deve estar vinculado a outras dimensões, que não apenas a intelectual, mas, sobretudo a maturidade humana e vocacional.

A etapa pastoral e ou de síntese vocacional visa auxiliar os candidatos ao sacerdócio a tomarem maior consciência daquilo que foram formados no tempo de formação, antes de receberem as ordens sagradas. No Brasil temos a experiência do chamado ano pastoral. Muitas dioceses e seminários no Brasil já incorporaram essa ideia em seu plano formativo.

Trata-se de um tempo não isolado na formação, mas inserido em um processo integral, um período no qual o seminarista, após concluídos os estudos de teologia, antes de receber o diaconado, deixa o seminário ou casa de formação e passa a viver em uma paróquia, ou outra forma de comunidade eclesial. Seu grande objetivo é oferecer ao futuro presbítero um espaço de preparação teológica, seu crescimento espiritual e suas qualidades humanas sejam colocados a serviço da comunidade cristã como expressão de uma autêntica caridade pastoral (CNBB, 2010, 184).

Os benefícios deste ano pastoral podem ser vistos nos jovens sacerdotes que passam por uma transição de certo modo brusca, deixando o seminário e a casa de formação e assumindo algumas funções pastorais presentes no futuro ministério sacerdotal. Colocam-se na prática os conhecimentos e informações adquiridas no seminário em diversas frentes de trabalho, ajudando no amadurecimento pessoal e no assumir responsabilidades eclesiais.

1.3.3 Aplicação da Nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*

A Congregação para o clero terá a competência de acompanhar a aplicação da nova *Ratio Fundamentalis* nos países. Os Institutos de vida consagrada, as sociedades de vida apostólica, Prelaturas Pessoais, Ordinariados Militares, Ordinariados pessoais, casas de formação de movimentos e de novas comunidades eclesiais deverão se adaptar às novas orientações presentes na nova *Ratio*.

Atendendo aos artt. 56º e 58º, parágrafo 2, da Const. Apost. Pastor Bonus, a presente *Ratio Fundamentalis* não se aplica às Igrejas Orientais Católicas que estão sujeitas a competência da Congregação para as Igrejas Orientais e que nesta matéria devem preparar as suas normas, a partir do próprio patrimônio litúrgico, teológico, espiritual e disciplinar (RFIS, 2017, p. 22).

Tendo como base a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis (RFIS)*, cada Conferência Episcopal elaborará a sua própria *Ratio Nationalis*. Após construída deve ser apresentada e aprovada pela Congregação para o Clero e tendo o parecer favorável na sua competência na Congregação para a Educação Católica. As normas aprovadas serão executadas em todos os seminários diocesanos e interdiocesanos do país. Esses procedimentos são essenciais para manter-se a unidade da formação e do processo formativo, levando-se em conta a diferença e diversidades culturais existentes em cada país.

Na confecção da *Ratio Nationalis*, é importante que cada Conferência Episcopal consulte os organismos eclesiais envolvidos com a formação sacerdotal: seminários, organizações nacionais e regionais, comissões do clero e de bispos, formadores, conferência dos religiosos, demonstrando assim, sinal de colegialidade e espírito de corresponsabilidade nesse importante tema.

Cada Conferência Episcopal prepara sua própria *Ratio Nationalis*, que deve ser aprovada pela Congregação para o Clero, ouvindo a opinião da Congregação para a Educação Católica a respeito do *Ordo studiorum* no caso de faculdades eclesíásticas. (...) O texto conciliar expressa a necessidade de diversos regulamentos adaptados à situação de cada local, estabelece os canais para a visão e aprovação dessas normas particulares e deixa claro o fim, que é sempre a orientação pastoral, característica de toda a formação sacerdotal. (SACERDOTES OPERARIOS DIOCESANOS, 2018, p. 16, trad. nossa).

As *Ratio Nationalis* receberão muitas complementações e acréscimos que requererão aprovação da Congregação para o Clero. Isso é promovido para que haja contínuo processo de diálogo com as diversas realidades pastorais. Essas revisões documentais são refletidas periodicamente pelas instâncias competentes relacionadas pela formação sacerdotal de cada país, quando necessário ou oportuno, portanto um trabalho que não estará nunca concluído. Com isso se estabelece um canal de comunicação e harmonia entre a Santa Sé e as Conferências Episcopais.

No Brasil, através da CNBB, o último documento oficial relacionado à formação sacerdotal foi promulgado no ano de 2019, com o nome: Diretrizes para a formação sacerdotal da Igreja do Brasil, número 110.

Os documentos eclesiais abordados nessa parte deste trabalho demonstram que a Igreja sempre esteve preocupada em aprimorar o processo de formação presbiteral ao longo de sua história. É uma tarefa que se processa com o comprometimento de todos os envolvidos, e, sobretudo, formadores e formandos. O reflexo dessas propostas será percebida na ação pastoral e no agir humanizado dos futuros presbíteros.

2 A IGREJA DESAFIADA A FORMAR PASTORES HUMANIZADOS

O segundo capítulo do nosso estudo apresentará alguns desafios existentes para a Igreja Católica no processo de formação dos futuros candidatos ao presbiterado. São questões que emergem da realidade social, eclesial e pastoral. Como instituição são repostas necessárias para o retorno de sua credibilidade perante os fiéis católicos e também diante da sociedade.

2.1 QUESTÕES QUE EMERGEM DO CONTEXTO DO JOVEM SEMINARISTA

Os adolescentes ou os jovens que procuram os seminários possuem características próprias de sua época, conhecê-los é fundamental para a Igreja oferecer uma formação de qualidade e que os ajude num verdadeiro discernimento vocacional.

2.1.1 Contexto familiar, psicológico e vocacional dos seminaristas

Os seminaristas que ingressam nos seminários são frutos de realidades distintas e diversas. São contextos sociais, culturais, afetivos, eclesiais, familiares que se interpelam. Boa parte dos seminaristas são da realidade rural, onde o catolicismo é mais presente na vida familiar. “Vive-se uma época de mudança de época que afeta os paradigmas estabelecidos e valores culturais e morais. Essa mudança de época clama por pessoas integradas, capazes de ler e interpretar os “sinais dos tempos”, no horizonte da fé. (CNBB, 2019, 9).

O tempo atual é marcado por mudanças intensas e rápidas. As transformações são impactantes em todas as áreas da sociedade e da Igreja. Os seminários em suas estruturas tradicionais muitas vezes não conseguem acompanhar essa fluidez. Os valores que antes eram estáticos, hoje são facilmente questionados e confrontados. Segundo Nentwig (2019, p. 161), estes movimentos de alteração de valores afetam o processo formativo, pois o sujeito deste tempo carrega, com maior intensidade, dependendo de sua formação de base e familiar, influências destas transformações.

Os jovens da geração atual podem ser erroneamente taxados como frágeis, sem otimismo e pro-atividade, acentuando-se apenas o aspecto negativo da juventude. Sabemos que são carregados de potencialidades que precisam ser trabalhados e orientados para o amadurecimento da vocação cristã e específica. Precisamos saber olhar as capacidades escondidas e reconhecer suas possibilidades.

Lembra-nos CV: “O coração de cada jovem, deve ser considerado “terra sagrada”, portador de sementes de vida divina, diante de quem devemos “tirar as sandálias” para poder nos aproximar e nos aprofundar no mistério” (CV 67).

É impossível falar de uma única juventude, mas de muitas juventudes com culturas e contextos diversos. A juventude que procura a Igreja está imersa em realidades de exclusão social como: o desemprego, a pobreza, a marginalização, a baixa escolaridade, com problemas de dependência química e drogadição, gravidez indesejadas, etc. Dessa juventude nascerão as novas vocações para o presbiterado. Jovens com marcas e dores profundas, que necessitarão de cuidado e compreensão, e que em alguns casos não terão condições de assumir as exigências da vida ministerial presbiteral.

Os desafios dessa época incidem na forma como a formação sacerdotal e a Igreja dialogarão com estes contextos e compreenderão como eles funcionam na dinâmica de vida do seminarista. Para muitos a entrada no seminário significa a oportunidade de crescimento pessoal e de certo modo de ascensão social, já que passam a ser vistos de maneira diferenciada.

Diante dos desafios, urge evitar alguns perigos, entre os quais se destacam, por um lado, o mundanismo, o relaxamento na disciplina e os abusos na liturgia, por outro lado, as práticas fundamentalistas, marcadas pela rigidez e busca da segurança em um estilo de vida próprio do passado, bem como as atitudes individualistas, marcados pelo relativismo ético, pela indiferença religiosa e pela busca de exterioridades, privilégios e status. Essas posturas revelam como as mudanças afetam a todos, ainda que de modos diferentes (CNBB, 2019, 9).

Os jovens seminaristas são frutos da sua época e de suas influências. Passam pelos mesmos questionamentos vocacionais e existenciais que outros jovens de sua época vivenciam, alguns inclusive com experiências de namoro. Quando procuram seguir esse caminho para a sua vida, já tiveram algum tipo de

experiência com Cristo vindo do testemunho familiar, da convivência na paróquia, do contato com a internet, do contato com algum sacerdote, etc.

Quando os jovens procuram a Igreja para ingressar no seminário, na verdade estão à procura de um sentido a mais para a sua vida, que pode mascarar a busca por um bem-estar afetivo, psicológico e social do que abertura e encontro com o mistério divino. Os que a buscam movidos por convicções religiosas demonstram uma adesão ora marcada pelo sincretismo, por piedades populares ou envolvimento com movimentos e pastorais.

Enquanto Deus, a religião e a Igreja não passam de palavras vazias para numerosos jovens, os mesmos mostram-se sensíveis à figura de Jesus, quando ela é apresentada de modo atraente e eficaz. Também os jovens de hoje nos dizem de muitas maneiras: “Queremos ver Jesus” (Jo 12,21), manifestando, assim, aquela saudável inquietação que caracteriza o coração de cada ser humano: ‘A inquietação da investigação espiritual, a inquietação do encontro com Deus, a inquietação do amor³.

Nem todos os candidatos ao sacerdócio possuem clareza sobre a identidade da vida presbiteral e ministerial. “Há candidatos que buscam, de início, um mundo de certezas a partir da idealização do “ser padre”, como expressão do eu idealizado. No seu íntimo, encontram-se interrogações sobre a identidade, a espiritualidade, o exercício do ministério presbiteral e a compreensão de Igreja, que podem interferir no processo formativo.” (CNBB, 2019, 22) As famílias em geral não mais formam a consciência nessa temática e passam por grandes questionamentos.

O contexto familiar dos seminaristas é marcado por muitas mudanças e por profundas desestruturas familiares. A família não representa a mesma base sólida dos tempos antigos. A família “tradicional” é pouco presente na vida dos seminaristas, hoje é comum, a ausência paterna e a manutenção e cuidado da família apenas pelas mães ou avós. As famílias são marcadas por mazelas sociais e humanas que incidem no comportamento do seminarista.

A Igreja compreende a família como algo sagrado e divino. “Hoje, a mudança antropológico-cultural influencia os aspectos da vida e requer uma abordagem analítica e diversificada. (...) Nem a sociedade em que vivemos nem aquela para onde caminhamos permitem a sobrevivência indiscriminada de formas e modelos do passado” (AL 32).

³ FRANCISCO, Santa Missa na Abertura do Capítulo Geral da Ordem de Santo Agostinho, 2013.

Os vocacionados vêm desse meio familiar complexo marcado pela individualidade, por tensões familiares que fazem da família um lugar de pouco afeto e amor. A vida atual, marcada por um ritmo de estresses anormais, criam sujeitos individualistas com dificuldades de assumir compromissos duradouros. Chegando ao presbiterado tornam-se pessoas solitárias, superficiais, narcisistas e com dificuldades de relacionamento com o próximo.

Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois, adeus. O narcisismo torna as pessoas incapazes de olhar para além de si mesmas, de seus desejos e necessidades. Mas quem usa o outro, mais cedo ou mais tarde, acaba por ser usado, manipulado e abandonado com a mesma lógica (AL, 2016, 39).

A personalidade do futuro presbítero, de modo geral está sendo formada no ambiente familiar, onde gradativamente está sendo construída e formada, o que traz também a descoberta da própria sexualidade que é ainda algo novo e desafiador. As tensões dessa fase da vida geram insegurança nas tomadas de decisões para a escolha vocacional e profissional. No campo da sexualidade percebe-se a presença de distúrbios não condizentes com a moral cristã e com o exercício do sacerdócio oriundos de ambientes familiares poucos saudáveis.

Uma sexualidade centrada no eu cria, além disso, uma tendência ao domínio e à posse do outro (a diabólica *libido dominandi*). Um singular despertar de tal síndrome na vida comunitária é o fechamento nos próprios confins que leva ao descuido e à brutalidade no uso das coisas de todos, à indisponibilidade a compartilhar e a tendência à avareza, à inveja e à competitividade relacional, que manifesta, no fundo uma profunda tristeza do eu (CENCINI, 2012, p. 94).

O chamado divino sempre se encontra com o concreto e o real do ser humano. O amadurecimento humano deve ser olhado com carinho e trabalhado com muita atenção, utilizando-se dos meios necessários existentes e de profissionais externos com capacitação técnica nessa dimensão. O seminarista que se deixa trabalhar com esses instrumentais desenvolverá uma personalidade própria e consistente com o ministério ordenado, tendo como modelo e fonte Cristo, o homem perfeito. O formando precisa conhecer suas fragilidade e aceitar-se com suas feridas psicológicas.

Para Coelho (2018, p. 64) no que se refere à transparência dos formandos, é preciso reconhecer a trauma, ou seja, a história da pessoa, seus traumas, conquistas, desejos, ambições, se cresceu em uma família com relações saudáveis ou muitos difíceis com as figuras paterna e materna. (...) Em geral, a transparência acontece quando os formandos se identificam com o processo formativo, com a comunidade a que pertencem, com o carisma da instituição, quando mantêm uma vida espiritual e querem realmente viver a vocação.

A idoneidade afetiva é uma das maiores buscas necessárias ao presbítero nos tempos atuais. Essa preocupação sempre esteve presente na vida da Igreja e na formação dos discípulos de Jesus. As diversas escolas de espiritualidade presentes na história da Igreja comprovam que crescimento espiritual e humano afetivo caminham harmoniosamente lado a lado. A vida de oração madura consolida a nossa humanidade. É necessário aprender e conquistar o uso dos bons valores cristãos e humanos: humildade, mansidão, coragem, paciência, sentido prático, honestidade, sinceridade, discrição, tolerância, respeito humano, amor à verdade, resiliência, etc.

Segundo Junior (2017, p. 93), à medida que crescem na vida de oração e na identificação com Jesus Cristo, eles se tornam mais dóceis às moções do Espírito e decidem com mais segurança, sobretudo nos momentos de desolação, viver a vontade de Deus com autenticidade.

A dimensão humano afetiva é a base de toda a interação das demais dimensões. Ela é o elo de integração e união das dimensões e determinante para o futuro exercício do ministério sacerdotal. Na Exortação Apostólica *Pastoris Dabo Vobis* ela aparece com uma nova importância e ênfase no processo formativo.

Jesus é o modelo por excelência para a formação humana dos presbíteros. Ele não destinou a outros à formação dos seus discípulos, estando sempre com eles e indicando-lhes o caminho a seguir e o que fazer. Ao ouvir a voz do Mestre e sua humanidade, deixaram as propostas pessoais e o seguiram de maneira plena. Na Escola de Humanidade de Jesus aprenderam a serem mais misericordiosos, bondosos, pacientes e amáveis. A Igreja Católica através dos cristãos e dos presbíteros é chamada a ser o rosto da misericórdia divina no mundo.

É evidente que não basta que a Igreja encha a boca com a palavra “misericórdia”; é necessário trabalhar bem, levar a verdade à prática (cf Jo 3, 21). A Igreja, principalmente nos dias de hoje, é medida mais pelos seus atos do que pelas suas palavras. Daí que a sua mensagem se deva repercutir na sua prática e numa cultura da misericórdia em toda a sua vida. (...) A cultura da misericórdia não pode circunscrever-se à prestação de ajuda material àqueles que dela necessitam; é também necessário tratar todos misericordiosamente (KASPER, 2015, p. 208-209).

A maturação humana do presbítero é algo exigente do próprio ministério e decorrência do agir pastoral e da caridade humana. A crise da evasão de fiéis católicos em muitos casos passa pelo descaso e desumanidade de seus presbíteros que ao invés de serem peritos em humanidade, são fontes de amargura, rancor e contra testemunho evangélico a serviço do Povo de Deus.

Millen (2018, p. 42) aponta que as pessoas emocionalmente maduras e integradas têm coragem moral e força espiritual reconhecidas, são capazes de superar a tentação da inveja, do mal humor e do autocentrismo. Elas refletem uma paz interior, mesmo em situações de conflito, e são capazes de criar ambientes propícios à sinceridade, à delicadeza e à autoafirmação curativa das pessoas.

A construção de uma personalidade estável é a sua meta principal através de três aspectos: equilíbrio afetivo, domínio de si mesmo e uma sexualidade bem integrada. Aqui estão as dificuldades frequentes encontradas na vida sacerdotal. A atenção na dimensão humano afetiva não descarta ou diminui a necessidade de formamos também uma consciência moral equilibrada, que permita ao seminarista assumir as suas responsabilidades, em vista do futuro ministério sacerdotal.

A formação humana, fundamento de toda a formação sacerdotal, promovendo o crescimento integral da pessoa, permite forjar a partir de tal crescimento a totalidade das dimensões. Do ponto de vista físico, essa se interessa por aspectos tais como a saúde, a alimentação, a atividade motora, o descanso; no campo psicológico, ocupa-se da constituição de uma personalidade estável, caracterizada pelo equilíbrio afetivo, o domínio de si e uma sexualidade bem integrada. No âmbito moral, coliga-se à exigência de que o indivíduo chegue progressivamente a ter uma consciência formada, ou seja, que se torne uma pessoa responsável, capaz de tomar decisões justas, dotado de reto juízo e de uma percepção objetiva das pessoas e dos acontecimentos. (RFIS, 2017, 94).

O crescimento da formação humana também ajudará o candidato ao sacerdócio a ter dimensão humana e divina da própria corporeidade e identidade sexual. O cuidado com o corpo, com o vestir, com a saúde e aparência são fundamentais e denotam equilíbrio e maturidade humana e afetiva. O formando deve

ser auxiliado no auto conhecimento e numa educação afetiva sexual que seja capaz de integrar a sua própria sexualidade e afetividade, no trato com o próximo e com a próxima.

Uma identidade sexual mal resolvida e mal trabalhada pode trazer consequências danosas ao próprio candidato, à Igreja e aos envolvidos e envolvidas em situações doloridas que maculam a imagem do sacerdócio católico perante a sociedade e a comunidade dos fiéis.

Os jovens reconhecem que o corpo e a sexualidade têm uma importância essencial para a sua vida e no caminho de crescimento de sua identidade. No entanto, em um mundo que enfatiza excessivamente a sexualidade, é difícil manter uma boa relação com o próprio corpo e viver serenamente as relações afetivas (CV, 2019. 81).

A vivência humana saudável e assumida de maneira livre ajuda a viver o dom do celibato como proposta de doação ao Reino. O ministério sacerdotal entendido e vivido como conformação a Cristo Esposo, Bom Pastor, requer dotes e virtudes morais e teologais, sustentados pelo equilíbrio humano, psíquico e afetivo, de modo a permitir que o indivíduo se predisponha adequadamente a uma doação de si verdadeiramente livre, na relação com os fiéis, numa vida celibatária (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2008, 2).

Os frutos de um celibato bem vivido são vistos no comprometimento com o Reino e com o próprio ministério sacerdotal. O conhecimento de si, a boa educação dos sentidos, facilitam o crescimento do valor do celibato e da castidade na vida sacerdotal, não como apenas uma norma canônica, mas como compromisso que exige renúncia, conversão, mística e ascese.

Antes de tudo, a castidade é uma boa nova. Deve-se destruir por completo a ideia negativa e redutiva desta virtude, como se ela derivasse apenas de um cansativo objeto de observância ou como se ela se identificasse com uma continência que procede só do dever ou de uma certa ideia de perfeição que torna triste quem a ela tende. Muito menos, deve-se pensar nela como se correspondesse a uma renúncia que nasce do desprezo do corpo ou do medo do sexo e termina por empobrecer o falso asceta (CENCINI, 2006, p.132).

A luta na defesa do celibato é gratificante quando nos fazem ir em direção ao outro que precisa de Cristo. Caso o formando, após toda a ajuda fornecida pela formação, não apresente condições de assumir o celibato ministerial que seja orientado a seguir outra opção vocacional.

Na avaliação da possibilidade de viver o celibato como um dom de Deus, o candidato receba ajuda competente e segura para que conheça a dinâmica de sua vida sexual e possa, assim, livre e conscientemente, consagrar-se com a alegria. Deve ter consciência de que celibato é muito mais que a simples ausência de relações sexuais, mas um dom para amar e servir como Jesus, tendo ciência das dificuldades que haverá de enfrentar e superar. Sempre que um formando não obstante a ajuda recebida, manifestar atitudes não condizentes com o compromisso da castidade, ou lhe faltarem aptidões para a vida celibatária, não deverá continuar no processo formativo. (CNBB, 2010, 259).

A história de vida de cada seminarista deve ser respeitada e compreendida, jamais esquecida. A maneira como viveu as etapas da juventude, adolescência e infância, a influência da família, ou a falta dela, bem como as relações interpessoais maduras existentes que norteiam a compreensão de si mesmo e com o próximo. Essas informações são importantes instrumentos pedagógicos para a melhor compreensão do seminarista junto à equipe de formadores.

Os formadores têm a tarefa de extrair do seminarista a busca pelo auto conhecimento e pela verdade que transforma a pessoa e gera comprometimento sincero com o processo formativo. Para Coelho (2018, p. 53) é necessário educar para a verdade na conquista do autoconhecimento, da autonomia responsável, evitando a infantilização do processo formativo, a construção de uma dupla moral; gerando responsabilidade entre formandos (as) e formadores (as).

A boa relação com o próximo é demonstração de desenvolvimento de uma personalidade madura e com capacidade relacional, com homens e mulheres, de todas as idades e condições sociais. Atenção especial deve ser prestada à conveniente relação com o feminino, conforme explicitado nos documentos do Magistério, não se restringindo à esfera da vida pessoal, mas já projetando sua futura atividade ministerial, na qual a presença feminina é notadamente protagonista e mais quantitativamente e qualitativamente maior que a masculina.

O primeiro âmbito onde cada pessoa pode aprender a conhecer e apreciar o mundo feminino é naturalmente a família. Nela, a presença da mulher acompanha todo o percurso feminino e é decisiva, desde a infância, para o crescimento integral de cada pessoa. Além disso, muito contribuem também aquelas mulheres que, com o seu testemunho de vida, oferecem um

exemplo de oração e de serviço pastoral, de espírito de sacrifício e de abnegação, de cuidado e de terna proximidade as outras pessoas. E o mesmo se diga da presença e do testemunho da vida consagrada feminina (RFIS, 2017, 95).

As realidades femininas nas paróquias e em outros contextos eclesiais e pastorais transformam-se em força evangelizadora e sinal da “maternidade” de Deus entre a humanidade. A mulher é decisiva no crescimento da personalidade de cada pessoa, sobretudo pelos gestos maternos de amor, compreensão, escuta, vida de oração, caridade, etc.

Da mesma forma, são destacadas três áreas fundamentais relacionadas ao trabalho pastoral: a futura atividade pastoral com elas, a maturidade para se relacionar com homens e mulheres, a realidade da presença predominante de mulheres na vida eclesial (SACERDOTES OPERARIOS DIOCESANOS, 2018, p. 116, trad. nossa).

Nos âmbitos concretos da presença da mulher na formação destacamos sua presença na família, nas consagradas em suas inúmeras formas eclesiais e nas diversas colaboradoras presentes nos seminários ou instâncias próximas ao processo formativo, como por exemplo, colégios, escolas, hospitais, etc. Cabe lembrar e destacar a importância da presença feminina durante as etapas iniciais, por exemplo, o Seminário Menor.

O seminarista é capaz de viver de maneira responsável quando reconhece as fraquezas presentes em sua personalidade. Os momentos de alegria e crise são presentes na vida cotidiana de todo o cristão. Nestas ocasiões de profundo questionamento existencial a pessoa dos formadores, confessores, diretores espirituais devem se fazer presentes para oferecer ajuda amiga e valiosa, servindo como ocasião de crescimento, conversão e renovação pessoal. Trata-se de aprender a questionar a própria personalidade em sentido integral e espiritual.

A pessoa humana não é um dado fixo, mas constrói-se passo a passo, decisão após decisão, no encontro com o mistério que a chama e convida a uma relação pessoal e comunitária. Aproximando-se da pessoa, é preciso “tirar as sandálias” (Ex 3,5) dos preconceitos, dos esquemas rígidos, das etiquetas, do já sei, já entendi. À luz do Mistério de Cristo, a pessoa humana é reconhecida e apreciada no seu Mistério, com angústias, dificuldades, inquietude, desejos e perguntas que habitam o coração, com tensão constitutiva da natureza humana, entre prazer, sobrevivência e auto realização de um lado e dom de si, gratuidade, liberdade e responsabilidade do outro (TOMASI, 2010, p. 45).

O diretor espiritual acompanhará o crescimento integral e o progresso da vida espiritual. Deve ser uma pessoa presente na vida do seminário e com abertura e acesso aos seminaristas, numa relação de confiança e abertura recíproca. Recomenda-se que cada seminário dentro de suas possibilidades tenha um diretor espiritual oficial indicado pelo bispo e aprovado pelos demais formadores, e que se possibilite a condição de se terem outros diretores externos também aprovados pelo bispo e formadores. O diretor espiritual pode também desempenhar o papel de confessor habitual do seminarista.

A direção espiritual é um instrumento privilegiado para o crescimento integral da pessoa. O Diretor Espiritual seja escolhido livremente pelo seminarista entre os sacerdotes designados pelo Bispo. Tal liberdade é realmente autêntica somente quando o seminarista abre-se com sinceridade, confiança e docilidade. O encontro com o Diretor espiritual não deve ser ocasional, mas sistemático e regular; a qualidade do acompanhamento espiritual é, de fato, importante para a própria eficácia de todo o processo formativo (RFIS, 2017, 107).

Uma adequada formação humana é elemento básico para o processo de evangelização na medida que o processo sempre passa pelo humano e é iluminado pela graça divina e pela força do Espírito Santo. Hoje a evangelização presencial paroquial ou a virtual no mundo digital se depara e se encontra na figura do líder católico, cristão ou religioso que tem carisma, boa comunicação, capacidade de acolhimento, abertura ao outro, etc.

A este respeito, a utilização dos mass-media e a aproximação ao mundo digital são uma parte integrante do desenvolvimento da personalidade do seminarista, porque através dos meios modernos de comunicação, o sacerdote poderá dar a conhecer a vida da Igreja e ajudar os homens de hoje a descobrirem o rosto de Cristo, conjugando o uso oportuno e competente de tais meios – adquirido já no período de formação – com uma sólida preparação teológica e uma espiritualidade sacerdotal forte, alimentada pelo diálogo contínuo com o Senhor. (RFIS, 2017, n. 97)

2.1.2 Internet e Mídias Sociais

A Igreja tem a missão de anunciar a Jesus Cristo e o seu Reino. A evangelização extrapola as paredes de nossas igrejas e comunidades. Com o advento e crescimento da internet novos areópagos e lugares se abrem para a evangelização. As periferias existenciais estão presentes nas periferias digitais onde as pessoas buscam ser contempladas e reconhecidas e sobretudo, necessitam ser

evangelizadas. A comunicação digital é parte constitutiva de nossas vidas e dos seminaristas e vocacionados.

As mídias não são mais dispositivos nas mãos do usuário e instrumento de transporte de informações, são um ambiente digital que permeia a vida do indivíduo constituído de um cenário composto por novas formas de saber, novos processos, novas linguagens, novos estilos relacionais, novos significados a serem experimentados. Isso exige uma adaptação contínua, e não é mais possível considera-lo separado do próprio ambiente natural de vida porque envolve tudo (RICCIERI, 2012, p. 71).

Os jovens seminaristas navegam com facilidade nesse meio virtual e na realidade digital. São uma força viva na evangelização e na animação vocacional. Sabem usar a linguagem própria da juventude e dos adolescentes. Porém, a prudência, a correta exposição e os inevitáveis riscos desses meios são essenciais para não criar escândalos e formas de dependência maléfica. Proibir ou cercear o uso da internet não é educativo ou pedagógico, o melhor caminho é o da orientação, prevenção e educação digital.

Segundo Ricceri (2012, p. 73) é fundamental conhecer esse novo ambiente que se torna parte integrante da vida, no qual cada pessoa é envolvida vigorosamente e que muitas vezes força a atenção por sua especificidade. Nesse sentido o meio não é mais mediação entre sujeito e realidade, mas assume o perfil de uma realidade nova em si mesma, que gera nativos digitais, novas estruturas cognitivo-emocionais, das quais a vida consagrada deve tomar conhecimento e agir conseqüentemente no âmbito formativo.

O desafio da formação sacerdotal é saber acompanhar o desenvolvimento desse ambiente tecnológico, nesse espaço de encontro e trocas de experiências onde a identidade e a vivência pessoal vão sendo formadas num contexto digital. A tarefa passa ser educativa e consiste em formar o futuro presbítero no jeito correto de usar tais ferramentas.

Não é suficiente que o candidato ao sacerdócio faça uso adequado desses meios no sentido moral; é necessário que você tenha uma percepção positiva e possa usá-los em seu amadurecimento pessoal, evangelização e como parte da entrega missionária até os confins da terra. Assim, propõe-se um tratamento pedagógico do tema, que deve ser incluído no projeto formativo do seminário e também na formação permanente do clero. Conseqüentemente, as redes sociais devem fazer parte do cotidiano do Seminário, mídia para o diálogo e a comunicação, harmoniosamente integradas à comunidade educacional (SACERDOTES OPERARIOS DIOCESANOS, 2018, p. 118, trad. nossa).

A tarefa dos formadores nessa dimensão se resume a ser primeiramente testemunho de uma vivência sadia dessa dimensão das mídias sociais e internet. O testemunho humano e a paternidade vivida pelos formadores servem de estímulo para os seminaristas seguirem seu caminho com amor e fidelidade ao projeto de Deus.

Constata-se que a falta de orientação e acompanhamento dos formadores nesse mundo digital acaba gerando nos formandos certa dependência das redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram, etc) e da internet, uma necessidade de serem vistos e valorizados, compensações da solidão, crises de ansiedade e diversos escândalos sacerdotais como a pedofilia, vida dupla (matrimonial e sacerdotal) e procura por relacionamentos homossexuais.

Poderão auxiliar na execução desse trabalho de abertura e transparência com o formador alguns profissionais externos, tais como: psicólogas, psicopedagogas, pedagogas, assistentes sociais, com comprovada competência e orientação cristã.

A imaturidade psicológica e eclesial é umas das causas do conservadorismo de boa parte dos seminaristas que não querem caminhar com as propostas de abertura missionária do Papa Francisco. O comodismo e a resistência impedem os seminaristas de crescerem como pessoas e conseqüentemente como presbíteros verdadeiramente missionários. A “Igreja Católica” destes ainda é a soberana, triunfante e medieval, distante da Igreja Samaritana, humilde e servidora tão desejada pelo Papa Francisco.

Ser um agente missionário é uma forma de abertura e superação das estruturas eclesiais que não evoluem e estão estagnadas e caducas. O conservadorismo se disfarça de um tradicionalismo católico que defende os dogmas e valores católicos e de forma unilateral e rígida, mas que não dialoga com a realidade do mundo e da Igreja. É um caminho de fechamento impensável para os dias atuais. O fundamentalismo católico é um problema para a Igreja.

O campo mais presente desse conservadorismo católico é a internet, especificamente as redes sociais, onde cada um expõe as suas opiniões conforme o seu grau de conhecimento, liberdade ética e moral. Essas posições radicais normalmente não estão ligadas com as orientações e ensinamentos da Igreja, são posições confrontantes que geram confusão e discórdia. Alves aponta a posição omissa do clero nessa questão:

Outro aspecto marcante envolvendo esses episódios é a postura do clero, sobretudo de quem é investido de alguma autoridade eclesial. Aqui temos um problema muito sério: o silêncio condescendente, omissivo ou o apoio aberto de membros da hierarquia aos extremistas confere certa legitimidade a esses grupos. Aos olhos do “católico médio” – aquele que vai à missa, segue as mídias católicas e frequenta procissões ou outras devoções – os “*haters* católicos” parecem contar com respaldo oficial. Isso permite que tais mensagens de ódio e intolerância desses grupos se convertam em instrumentos de cooptação de agentes de pastorais (como catequistas, músicos e membros da pastoral familiar) e leigos em funções de coordenação em nível local e diocesano (ALVES, 2018).

A Igreja é missionária e sua missão passa pela conversão pastoral dos seminaristas, eles serão os líderes de uma nova evangelização. A experiência com Deus e transformação pessoal despertam o desejo de levar essa mesma experiência com o próximo.

É preocupante também a difamação e o pouco envolvimento destes grupos conservadores com relação às questões sociais da sociedade. Os seminaristas “tradicionais e fechados” se alimentam e se aproximam destes grupos extremistas, e infelizmente são alimentados por presbíteros que compactuam dessa mesma mentalidade arcaica. Atualmente essa postura torna-se reacionária, embora atraia vocações para o sacerdócio numa perspectiva diferente da caminhada da Igreja.

2.2 QUESTÕES QUE EMERGEM DA VIDA PRESBITERAL

A forma de vida dos presbíteros católicos sempre foi uma das preocupações Igreja Católica. Atualmente essa demanda ganha novas proporções e reflexões devido aos problemas presentes em parte dos presbíteros e os sofrimentos causados em todos os seguimentos envolvidos.

2.2.1 Dramas existenciais e psíquicos dos candidatos ao presbiterado

O modelo de ação pastoral da Igreja estava muito centralizado na pessoa do presbítero que desenvolve ações centrais como por exemplo ser: o pároco ou vigário da paróquia, o reitor do seminário, o coordenador de pastoral, o ecônomo e principalmente na figura do bispo diocesano. A descentralização do poder eclesial e o protagonismo laical contribui para sairmos da inércia pastoral e crescermos como Igreja.

Para Repole (2018, p. 66) no horizonte de quando já recordado acerca da Igreja sobre o povo de Deus, Francisco insiste, a partir da EG, sobre a importância de recuperar o sentido e a práxis de um protagonismo dos leigos. Ele o faz, especialmente, indicando como entre os desafios eclesiais que uma Igreja em saída missionária deve enfrentar, existe exatamente aquele de recordar que “A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. A seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados” (EG 102).

Essa forma de gestão pastoral centrada na pessoa do presbítero hoje está sendo questionada pelo simples fato de não haver condições de em pleno século XXI ser o padre o centro das decisões e não contar com a ajuda na evangelização e administração paroquial e eclesial dos leigos e leigas, de religiosos e religiosas, etc. Estes colaboradores e colaboradoras apresentam competências administrativas, jurídicas e técnicas que os presbíteros desconhecem por não serem formados nessas dimensões.

Os leigos também são chamados a participar da ação pastoral da Igreja, primeiro com o testemunho de vida e, em segundo lugar com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de apostolado, segundo as necessidades locais sob a guia dos pastores (DAp 211).

A maior riqueza da Igreja é a sua ministerialidade e seus inúmeros carismas. Acentuar a distinção entre leigos e clero não corresponde aos anseios e propostas do Concílio Vaticano II. Pelo batismo, somos incorporados ao único mistério de Cristo e trabalhamos juntos na construção do Reino de Deus. Nos diversos movimentos, pastorais, associações de leigos, comunidades de vidas, grupos de reflexão, encontramos a ação pneumatológica na Igreja e a construção de relações de serviço sem imposições de superioridade ou cargos.

O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, apesar de diferirem entre si essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se um para o outro, de fato, ambos participam, cada qual do seu modo, do sacerdócio único de Cristo (LG 10).

A preparação dos seminaristas visa construir personalidades à imagem do Cristo. O seminário tem a preocupação de formar os seminaristas no espírito de doação pastoral, destacando o amor ao próximo, à generosidade, o amor por todos, principalmente pelos mais pobres, e a prontidão para servir ao Reino de maneira que se destaque a caridade pastoral.

O apostolado no tempo de seminário apresente um caráter missionário e pastoral, dentro de uma liberdade interior para o serviço, onde se possa enxergar a ação de Deus na vida do próximo e na vida da Igreja. A ação pastoral é uma dimensão evangelizadora que colocará o seminarista na dinâmica da comunhão com grupos, pastorais, movimentos, situações de cooperação muito comuns no ministério sacerdotal. Relembra-nos o Decreto *Optatam Totius* no seu número 4:

A educação dos alunos deve tender para o objetivo de formar verdadeiros pastores de almas segundo o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, mestre, sacerdote e pastor. Por isso aqueles sejam preparados para o ministério da Palavra, para que a Palavra de Deus revelada seja por eles cada vez melhor entendida, apropriem-se dela pela meditação, e saibam comunicá-la por palavras e vida, para o ministério do Culto e da santificação, a fim de que, pregando e celebrando as ações litúrgicas, saibam exercitar a obra da salvação por meio do Sacrifício Eucarístico e do Sacramentos; para o ministério de pastores, a fim de que saibam apresentar aos homens Cristo que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida para redenção de muitos (Mc 10,45; cf. Jo 13,12-17) e para ganhar a muitos, fazendo-se servo de todos (cf. 1 Cor 9,19) (OT 4).

A *Ratio Fundamentalis* reforça que todos sintam-se responsáveis pela formação pastoral dos seminaristas, formando um itinerário de conversão e um movimento pedagógico responsável que faça os seminaristas crescerem como pessoas, auxiliados pela graça divina.

Dê-se ênfase e atenção ao contato pastoral dos seminaristas com grupo específicos de fiéis, de modo particular, diáconos permanentes, leigos e leigas, consagrados e consagradas, respeitando o papel vocacional destes na vida eclesial e comunitária. O ser “pastor” já aconteça antes da ordenação sacerdotal, de modo a adquirir o “cheiro das ovelhas” no processo formativo.

A chamada a serem Pastores do Povo de Deus exige uma formação que faça dos futuros sacerdotes peritos na arte do discernimento pastoral, isto é, capazes de um entendimento profundo das situações reais do quotidiano e de realizar um bom juízo em suas escolhas e decisões. Para realizar o discernimento pastoral, deve colocar-se no centro o estilo evangélico da escuta, que liberta o Pastor das tentações da abstração, do protagonismo, da excessiva segurança de si e daquela frieza que o tornaria “um contabilista do espírito”, ao invés de “um bom samaritano”. Quem se coloca à escuta de Deus e dos irmãos sabe que é o Espírito a guiar a Igreja para toda a verdade (cf. Jo 16,13), e que esta, em coerência com o mistério da Encarnação, se desvela na vida real do homem e nos sinais da história (RFIS, 2017, 120).

Além dos fatores acima mencionados o acúmulo de funções ministeriais, o excesso de trabalho e o pouco número de presbíteros tem despertado no clero profundos dramas existenciais e psíquicos. É comum encontrarmos entre o clero, presbíteros com depressão, sobrecarregados de trabalho, com crises de ansiedade, síndrome burnout, cansados e com outras enfermidades.

A vida sacerdotal sofreu muitas mudanças e passou por muitas crises nesses últimos anos. O Concílio Vaticano II trouxe profundas alterações na forma de agir do presbítero. Para Cozzens (2003, p. 14) a visão do concílio se tornava cada vez mais clara, o modelo cultural, pré-conciliar do sacerdócio entrava num equilíbrio criativo com o modelo servo-líder. A identidade clara, o status questionável, o privilégio exaltado-características que ajudavam o sacerdote a lidar com os sacrifícios e cruzes inerentes a sua vocação começam a ficar nebulosos.

Esses enfrentamentos da vida presbiteral se encontram mais presentes na pastoral do presbítero de hoje. A mídia, a internet, as redes sociais, o contra testemunho de muitos presbíteros contribuem para que a figura do homem humano e perfectível, que se esforça para ser imagem do sagrado, seja substituída para figura do homem pecador e profano. Facilmente os presbíteros são questionados e postos a prova no seu agir sacerdotal. Segundo Cozzens (2003, p. 16) o estado atual do sacerdócio, claro reflete todas as ambiguidades, todo o heroísmo e toda a fidelidade, toda a covardia e a fraqueza presentes ao longo da História da Igreja. Ele continua a ser um sacerdócio humano unido pela graça de Deus e ele próprio redimido pelo mistério pascal de Cristo.

O papel e o lugar do presbítero ganham novas configurações na vida paroquial e da Igreja atual. Embora para muitos ainda símbolo da misericórdia e do amor de Deus, outros já o consideram o homem apenas da doutrina moral, da defesa da fé e dos valores inquestionáveis da Igreja.

Bacik, citado por Cozzens (2003, p. 23), identificou uma série de mudanças importantes que ocorreram depois do concílio: do púlpito à participação; do pregador clássico a mistagogo contemporâneo; do estilo solitário ao ministério colaborativo, de uma espiritualidade monástica a uma espiritualidade secular, da salvação das almas à libertação das pessoas.

Durante a caminhada presbiteral e eclesial o presbítero enfrenta embates humanos e relacionais com os irmãos de presbitério e também com os seus superiores, bispos ou outros padres com funções de liderança e cargos superiores.

A fraternidade sacerdotal auxilia os padres superar esses problemas com maturidade. Quando ela não se faz presente na vida sacerdotal os desequilíbrios emocionais tornam-se latentes como a ansiedade, os ciúmes, invejas, agressividades, etc. O outro presbítero é considerado concorrente e não irmão de caminhada.

O presbítero passa no início de seu ministério segundo Cozzens (2003, p. 75) por um complexo de Édipo em sua vida presbiteral. São tensões vindas da realidade familiar do presbítero e da nova família presbiteral. O presbítero percebe que não é o único amor da mãe-Igreja e que os demais irmãos (presbíteros) também usufruem desse amor. A realidade traz o presbítero a conflitos que podem centralizá-lo e crescer como pessoa. A “tragédia edipiana” sacerdotal é oportunidade de crescimento emocional e interior.

Uma nova realidade precisa ser encarada. Eu não sou o centro de tudo, no fim das contas. Eu não sou Deus. Não sou onipotente. Sou vulnerável, dependente. E, mais terrível que tudo, sinto que estou sujeito à aniquilação. A leitura icônica de Édipo traz à mente a má-fé que é tão destrutiva para a integridade do sacerdote. É uma ilusão para os sacerdotes acreditar que podem exercer o ministério como sacerdotes e falar a palavra profética de Deus sem “ver” o que está diante de seus olhos e encará-lo honestamente (COZZENS, 2003, p. 77).

Na vida sacerdotal boa parte dos conflitos comuns nas relações com o bispo e irmão sacerdotes são oriundos deste complexo edipiano. O momento da ordenação é o nascimento ideal e psicológico de uma aliança sagrada e harmônica com o bispo, imagem do pai que cuida e do filho que quer ser amado. Na prática verifica-se que o tempo de seminário nem sempre essas relações de paternidade e autoridade foram bem trabalhadas, quando se depara com a realidade das relações clericais não sabe lidar com naturalidade com os conflitos e lutas existentes da vida sacerdotal.

Os presbitérios das igrejas particulares são formados por grupos minoritários e por centenas de presbíteros. O padre recém ordenado é mais um nesse formato eclesial. O contato com o bispo diminuirá, se comparado com o tempo de seminário, o vínculo antes pessoal passará a ser esporádico. A separação com o “pai-bispo” é inevitável e necessária para a consolidação da personalidade sacerdotal.

A mãe Igreja passa a ofertar o apoio, embora seja exigente e controladora. De acordo com Cozzens (2003, p. 81) sua sexualidade é restringida, suas vestes são

determinadas, sua residência é designada. Essa mãe o quer para si. As decisões definidoras que a maior parte dos homens toma afirmam seu terreno pessoal como homens lhe são negadas. Ao mesmo tempo, a mãe eclesial, em parceria com seu pai-bispo, proporciona identidade status e segurança.

O complexo de Édipo sacerdotal mal resolvido deixa o sacerdote inseguro em seu agir e propenso a crises de identidade e integridade sacerdotal. Suas relações na pastoral, com o bispo, os leigos (as), os irmãos presbíteros não serão autênticas e sinceras. Quando reconhecido e aceito o presbítero permite a si mesmo crescimentos emocionais, espirituais e psíquicos.

Há um lugar, talvez conhecido apenas pelos sacerdotes-heróis, onde sua coragem é testada, onde a sua fé amadurece. Nesse lugar, eles se tornam homens, ou veem sua masculinidade confirmada. Nesse lugar da alma, eles revivem o antigo mito de Édipo. Toda vez que encaram e vencem essa prova, sempre obra primária da graça, eles encontram sua própria salvação e promovem o reino do Evangelho. Quando não conseguem resolver seu complexo edipiano presbiteral, eles sofrem a perda da alma e seu sacerdócio se torna estéril. (COZZENS, 2003, p. 82-83)

O presbítero constrói a sua identidade superando as tensões e ansiedades psicológicas. Torna-se imagem de Cristo, uma luz para as comunidades com as quais vai trabalhar. A transformação passa pelo afastamento das recompensas pessoais, da concorrência com outros padres, da artificialidade do mundo clerical e do próprio bispo. Chega a uma maturidade condizente com os compromissos sacerdotais e sua identidade batismal. É o homem do serviço e da liderança para todos.

Para Cozzens (2003, p. 84) como homem da Igreja, ele sabe o que realmente importa, o que significa ser membro da Igreja, chamado à liderança-serviço. Ele é abençoado com uma profunda e durável sensação da presença do Espírito, direcionando, sustentando e renovando a Igreja. Seu amor pela Igreja não o cega para os pecados da Igreja.

Os erros da Igreja e de seus membros não o impedem de ser sinal do mistério divino e agente da revelação do reino de Deus. Seu ministério sacerdotal se apresentará como uma vocação humilde e com desejo ardente para o discipulado e para a santidade. Será homem verdadeiramente e com profunda comunhão eclesial. Boa parcela dos escândalos no clero poderiam não ter acontecido se os seminaristas fossem orientados a refletir essas questões edipianas.

Há sacerdotes, porém, que não conseguem suportar o fogo que leva à verdadeira maturidade. A tensão e a ambivalência associada que se encontram quando se tenta ser, ao mesmo tempo, homem da Igreja e homem de si mesmo são demasiadas. Eles seguem um dos falsos caminhos: tornam-se eclesiásticos sicofantas e clérigos pios e estereis ou tomam a trilha menos comum mais igualmente destrutiva do dissidente. O sacerdote que adota este último caminho sente-se compelido a rejeitar e atacar qualquer iniciativa que seu bispo possa tomar. O bispo, qualquer bispo, é sempre o inimigo e a Igreja institucional jamais é digna de confiança. (COZZENS, 2003, p. 86)

O homem bem resolvido na questão psicológica poderá se tornar um bom presbítero. Os homens imaturos quando se tornam ministros da Igreja podem causar inúmeros escândalos e tristezas para a evangelização. Precisam ser ajudados ainda no tempo de formação, para reconhecerem suas fraquezas e verificarem se serão realmente sacerdotes satisfeitos e completos, segundo o exemplo de Cristo. O pouco número de vocações sacerdotais nos seminários não pode justificar o acolhimento e a manutenção de vocacionados com problemas nessa área afetiva e sexual.

2.2.2 Escândalos Sexuais

Os problemas de escândalos sexuais e morais não é privilégio apenas da Igreja, outras instituições sofrem com essa mesma problemática. É uma patologia e uma crise contemporânea de nossa sociedade, um problema mundial. A Igreja por anos procurou dar soluções para essa problemática, inclusive o silêncio e a cumplicidade, hoje a angústia e a dor das vítimas obrigam a Igreja Católica a ser objetiva na resolução dessa problemática. Por isso, sua preocupação em intensificar o acompanhamento das vítimas dando-lhe apoio psicológico e jurídico.

Com vergonha e arrependimento, como comunidade eclesial, assumimos que não sabemos estar onde deveríamos estar que não agimos a tempo para reconhecer a dimensão e a gravidade do dano que estava sendo causado em tantas vidas. Nós negligenciamos e abandonamos os pequenos. Faço minhas as palavras do então Cardeal Ratzinger quando, na Via Sacra escrita para a Sexta-feira Santa de 2005, uniu-se ao grito de dor de tantas vítimas, afirmando com força: «Quanta sujeira há na Igreja, e precisamente entre aqueles que, no sacerdócio, deveriam pertencer completamente a Ele! Quanta soberba, quanta autossuficiência!... A traição dos discípulos, a recepção indigna do seu Corpo e do seu Sangue é certamente o maior sofrimento do Redentor, o que Lhe trespassa o coração.

Nada mais podemos fazer que dirigir-Lhe, do mais fundo da alma, este grito: *Kyrie, eleison* – Senhor, salvai-nos (cf. *Mt 8, 25*)⁴.

Os seminários compreenderam que o cuidado e a seleção dos candidatos ao sacerdócio são pontos de fundamental atenção. Não é possível fechar os olhos para esses problemas se eles já se apresentam no tempo de seminário. Todos os envolvidos acabam sofrendo com esse quadro sombrio. A reação deve ser daqui para frente imediata e enérgica. Massimo Faggioli, professor da Villanova University nos diz:

2018 foi o ano em que muitos católicos finalmente aceitaram que a crise dos abusos sexuais na Igreja é realmente um problema global. Daí a decisão do Vaticano de reunir os presidentes de todas as Conferências Episcopais em Roma para discutir a questão entre os dias 21 e 24 de fevereiro. A crise dos abusos nos força a olhar para a interconexão da Igreja e a resistir ao espírito do nosso tempo, que não apenas fecha fronteiras e constrói muros, mas também nos cega diante do modo como aquilo que está acontecendo em uma parte do mundo se relaciona com aquilo que está acontecendo em outra (FAGGIOLI, 2019).

A crise dos abusos sexuais obrigou a Igreja a procurar soluções para conter essa questão. A perda da credibilidade e os inúmeros processos judiciais em várias partes do mundo fizeram a comunidade católica olhar esse evento com uma especial atenção.

Conforme Demasure (2019, p. 40) o abuso sexual é uma transgressão em três níveis: é um abuso de poder e confiança e está situado no campo da sexualidade. Deter o poder significa ter influência sobre o outro em seu pensamento, sentimento e ação. Em se tratando de abuso sexual, a pessoa que agride abusa de sua superioridade, a fim de seduzir, ameaçar ou criar uma armadilha para atrair uma criança para a relação sexual.

A Igreja, Corpo de Cristo, está manchada e todo o seu corpo sofrendo com isso. Em especial os últimos acontecimentos acontecidos nos Estados Unidos, Chile e Austrália. A cúpula Vaticana concentra seus esforços para que a crise dos abusos não tome maiores proporções, suas próprias reformas têm caráter preventivo, curativo e de resposta.

⁴ FRANCISCO, Carta ao Povo de Deus, 2018.

Reconheço o esforço e o trabalho que são feitos em diferentes partes do mundo para garantir e gerar as mediações necessárias que proporcionem segurança e protejam a integridade de crianças e de adultos em situação de vulnerabilidade, bem como a implementação da “tolerância zero” e de modos de prestar contas por parte de todos aqueles que realizem ou acobertem esses crimes. Tardamos em aplicar essas medidas e sanções tão necessárias, mas confio que elas ajudarão a garantir uma maior cultura do cuidado no presente e no futuro⁵.

A Igreja Católica embora alguns não acreditem, fez muito nos últimos anos para que os abusos sexuais não se repetissem em suas estruturas internas. Elevar seus padrões de proteção infantil e afastar os envolvidos lhe dá certa credibilidade perante a sociedade e aos próprios católicos. O problema de décadas não será facilmente estancado, mas os primeiros passos estão sendo dados e não serão os últimos.

A Pontifícia Comissão para Proteção de Menores criada pelo Papa Francisco em Março de 2014 em Roma é um sinal claro desse novo tempo. Ela é formada por homens e mulheres que iluminarão a caminhada da Igreja sobre o agir nesse âmbito, incluindo uma vítima de abuso. Os membros são oriundos de várias partes do mundo, mostrando a globalidade do problema e a abertura para outras formas de pensar, que não a europeia. Padre Jesuíta H. Zollner, vice-reitor acadêmico da universidade jesuíta Gregoriana em Roma é um dos membros dessa comissão. Ele relata a importância dessa comissão para o jornal *The Boston Globe* no dia 22 de março de 2014:

É claro que o Santo Padre quer seguir em frente, de modo que as coisas estão em um estágio em que podemos avançar. Quando você lê o anúncio, a nossa primeira tarefa será ajudar a Santa Sé a encontrar outras pessoas que possam ser envolvidas, assim como estabelecer estatutos para a comissão e desenvolver um plano de ação (ZOLLNER, 2014).

O compromisso principal dessa comissão é com as vítimas abusadas e evitar futuros abusos. A comissão não é um órgão legislativo e não tirará a autoridade de nenhum departamento do Vaticano. Ela auxiliará o trabalho da Santa Sé com reflexões e discussões em várias partes do mundo.

Cada conferência episcopal desenvolverá mecanismos de proteção para coibir o aumento de casos de abusos. As estruturas nas dioceses e congregações serão responsabilizadas pelas elaborações de diretrizes preventivas e orientativas. A

⁵ FRANCISCO, Carta ao Povo de Deus, 2018.

execução será conforme a possibilidade de cada país. O bispo será responsabilizado em caso de omissão.

Aponta Cupich (2019): É importante que se entenda que o Papa quer indicar a todos os bispos o fato de que devem assumir a própria responsabilidade. Também é preciso que se indiquem os passos concretos, porque é importante ter em conta o que se deve fazer. Os bispos agora devem entender quais são as responsabilidades e assumi-las, e esta é a ocasião para que as ideias fiquem claras.

2.2.3 O clericalismo

A estrutura da Igreja colocou a figura do presbítero no centro das tomadas de decisões e do poder. Os demais membros do povo de Deus exerceram certa submissão cega as figuras do bispo ou do presbítero da paróquia, do colégio, etc. O presbítero foi acostumado a ser o único a decidir e saber das coisas sagradas e profanas, sendo o leigo (a) colocado (a) apenas como papel secundário.

O Concílio Vaticano II resgatou o papel e a importância de todas as vocações específicas. Toda vocação tem a mesma fonte sagrada e divina, o batismo. O exercício equivocado do ministerial sacerdotal é conhecido por todos com o nome de clericalismo. Ele é imposto pelos presbíteros e ainda muito aceito por muitos religiosos (as) e leigos (as). É algo que gera descontentamento e divisões na Igreja Católica.

As vocações eclesiais são manifestações do amor e da riqueza de Deus no seio da Igreja. Elas serão cultivadas com prontidão e solicitude, de maneira que possam ser no mundo um sinal de Cristo. Não há oposição entre as vocações em sua origem batismal, cada uma delas se complementa harmoniosamente. Dentre as vocações animadas e inspiradas pelo Espírito Santo, destacamos a vocação ao sacerdócio ministerial.

Deste modo, a Igreja, que por inata constituição é vocação, é geradora e educadora das vocações. Ela o é no seu ser de "sacramento", enquanto "sinal" e "instrumento" no qual ressoa e se realiza a vocação de cada cristão; ela o é no seu operar, ou seja, no desempenho do seu ministério de anúncio da Palavra, de celebração dos Sacramentos e de serviço e testemunho da caridade (PDV, 2000, 35).

Cada vocação específica encontra a sua eleição na gratuidade de Deus. Ele nos abençoa com bênçãos espirituais em Cristo. Isso se processa antes da nossa criação. Por ser um dom divino, as vocações são oferecidas para ser sinal do mistério trinitário de Deus, não de maneira individual, mas comunitária. A Igreja oferece um caminho de salvação que se configura no mistério de cada vocação. A vocação cristã é edificada no seio da Igreja para ser fermento e luz do Reino no mundo. Quando a vocação presbiteral se destaca mais que as demais vocações temos um caminho de separação eclesial.

Para Augustin (2018, p. 107) a Igreja só será sinal de Salvação, quando permanecer reconhecível como comunidade que glorifica a Deus. (...) O sacerdócio ministerial nunca poderá ser visto como um sacerdócio rival do real, mas como um sacerdócio posto ao serviço e como genuíno enriquecimento seu.

O clericalismo acentua uma Igreja com classes distintas de fiéis, sabemos que há distinção em cada vocação no seu modo de servir e entregar-se a Deus e ser testemunho dele no meio da sociedade e na Igreja. A relação de desigualdade entre padres e principalmente entre leigos, precisa ser substituída pela humildade e serviço e na compreensão do papel de cada um na evangelização e na missão da Igreja. Ele faz com que a graça batismal seja diminuída e não valorizada, de forma que a ação do Espírito Santo esteja apenas na figura do presbítero.

O Clericalismo é o contrário dessa atitude de serviço. (...) O Papa afirma que o clericalismo é a caricatura do ministério presbiteral, porque, ao invés de servir, o presbítero se faz servir, buscando vantagens pessoais no seu trabalho, pondo-se acima dos leigos e se sentindo membro de uma casta sacerdotal separada do povo de Deus. Essa atitude, segundo Francisco, está na origem de todo tipo de abuso por partes de padres e bispos (CARRARA, 2019, p. 81).

Essa forma de pensar e agir infelizmente fez com que muitos problemas na Igreja e na formação sacerdotal não fossem trabalhados adequadamente. O medo de questionar a figura intocável do Padre fez com que a impunidade estivesse presente ocultando e escondendo problemáticas que hoje entristecem e maculam a imagem e a credibilidade da Igreja. Nos seminários o clericalismo deve ser combatido para não formarmos presbíteros distantes do povo e da evangelização.

O clericalismo de muitos sacerdotes impede a valorização da vocação laical, além da própria apatia e as ações clericalizadas de muitos leigos, que atuam como se fossem sacerdotes instituídos. Saber ouvi-los e acolhê-los fraternamente é

reconhecer suas capacidades e competências nos diversos segmentos da atividade humana.

O presbítero age na pessoa de Cristo, “*in persona Chisti*”, e com sua vida cristã passa a ser um outro Cristo, “*alter Christus*”. Essas expressões não o tornam um ser misterioso, mas o indicam com o homem do mistério, que torna o sagrado próximo de todos. A má compreensão desse termo gera uma compreensão errônea do papel do presbítero na comunidade como um todo. Nas ações contra testemunhais do ministério ordenado ele não age na pessoa de Cristo, mas como alguém que erra e tem o direito de recomeçar.

Já nos tempos de seminário, é comum nas comunidades paroquiais o vocacionado já ser visto como um “pequeno padre”, revestido dessa sacralidade. Nem sempre isso acaba fazendo bem ao vocacionado, que deslumbrado pode perder o essencial da vocação presbiteral que é o serviço e a doação ao Reino e se vislumbrar pelo status, pelo comodismo, pelo carreirismo.

O Sacramento da Ordem não determina um grau de superior de santidade aos presbíteros. Com a ordenação ele se torna um dom total para a comunidade, mas não um caráter diferenciado das outras vocações. Sobre a vida dos presbíteros lembra-nos o Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 12: Fazendo todo o sacerdote, a seu modo, às vezes da própria pessoa de Cristo, de igual forma é enriquecido de graça especial para que servindo todo o povo de Deus e a porção a ele confiada, possa alcançar de maneira conveniente a perfeição daquele de quem faz às vezes e cure a fraqueza da sua carne a santidade daquele que por nós se fez Pontífice “santo, inocente, impoluto, separado dos pecadores” (Hb 7,26).

Como é o clericalismo, aquela atitude que não só anula a personalidade dos cristãos, mas tende também a diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo. O clericalismo, favorecido tanto pelos próprios sacerdotes como pelos leigos, gera uma ruptura no corpo eclesial que beneficia e ajuda a perpetuar muitos dos males que denunciamos hoje. Dizer não ao abuso, é dizer energeticamente não a qualquer forma de clericalismo.⁶

A ordenação não é o maior dos sacramentos, nem o mais importante e de modo algum um superbatismo. É o sacramento por excelência do serviço. Os presbíteros não se tornam cristãos superiores da Igreja. Pelo contrário, deveriam ser os primeiros no exercício da caridade, do amor ao próximo e do anúncio da salvação

⁶ FRANCISCO, Carta ao Povo, 2018.

em Cristo para todos os povos. O chamado a santidade é para todos. Os Padres Conciliares externam essa nova mentalidade:

E, portanto, uno o povo eleito de Deus: “Um só Senhor, uma só fé, um só batismo.” (Ef 4,5); comum é a dignidade dos membros pela regeneração em Cristo, comum a graça de filhos, comum a vocação à perfeição; uma só a salvação, uma só a esperança e a unidade sem divisão (LG 32).

As distinções vocacionais começam no tempo do seminário. É tarefa do seminário desintegrar qualquer forma de visão eclesial piramidal constituída, onde o superior é sempre o ministro ordenado. A Igreja Católica não é uma monarquia imperial, mas uma colegialidade.

A participação dos membros da Igreja é ativa e dialogada, não mais imposta. As dinâmicas eclesiais nessa direção geram uma relação saudável e realista. A conversão pastoral é para todos. O tempo de mudança não pode parar. O sacerdócio não precisa ser reformado, mas enfrentar a doença do clericalismo. É algo profundo entranhado nas estruturas e no modo de pensar da Igreja.

Os clérigos (bispos e padres) são formados com frequência para pensar que são separados do povo e colocados acima dos demais membros da Igreja. Certos presbíteros quando questionados não aceitam ser confrontados. Governam a Igreja com regalias como se fossem senhores feudais. Os leigos favorecem o clericalismo ao sempre exaltarem o padre e bispo em um pedestal. O abuso do clericalismo ficou latente quando os casos de abuso sexual privilegiaram apenas os presbíteros abusadores, que eram transferidos de funções e paróquias, e geralmente continuavam cometendo as mesmas atrocidades.

Padres voltavam ao ministério após um tratamento em centros de tratamento administrados pela Igreja que não tinham equipes profissionais nem eram administrados com competência. Mesmo depois de se provar o abuso e de serem removidos do ministério, padres continuavam recebendo apoio financeiro, enquanto as dioceses jogavam duro contra suas vítimas. Acordos de confidencialidade impostos às vítimas como parte da conciliação serviam apenas para proteger a Igreja de escândalos, e os clérigos, das consequências de suas ações (SBARDELOTTO, 2019).

As relações humanas sempre são doentias e frágeis dentro do clericalismo. É comum o clero ter isolamentos por causa disso. Por não serem vistos como “pessoas normais” os presbíteros vivem de certo modo o seu mundo particular. O clericalismo exerce controle sobre todos os envolvidos. O clericalismo em leigos os

faz ter o falso poder sacerdotal e fazem os ministros ordenados se tornarem coadjuvantes. A cultura do clericalismo distorce o corpo de Cristo.

É na diversidade essencial entre sacerdócio ministerial e sacerdócio comum que se entende a identidade específica dos fiéis ordenados e leigos. Por essa razão é necessário evitar a secularização dos sacerdotes e a clericalização dos leigos. Nessa perspectiva, portanto, os fiéis leigos devem empenhar-se em exprimir na realidade, inclusive através do empenho político, a visão antropológica cristã e a doutrina social da Igreja. Diversamente, os sacerdotes devem permanecer afastados de um engajamento pessoal na política, a fim de favorecerem a unidade e a comunhão de todos os fiéis e assim poderem ser uma referência para todos. É importante fazer crescer esta consciência nos sacerdotes, religiosos e fiéis leigos, encorajando e vigiando para que cada um possa sentir-se motivado a agir segundo o seu próprio estado⁷.

A raiz do clericalismo é a fragilidade humana, as dinâmicas pastorais, o tradicionalismo, a submissão dos leigos (as), e a má formação dos seminaristas no tempo de seminário. A natureza humana sacerdotal mal integrada faz com caíamos no pecado do orgulho, da soberba, da arrogância, da autossuficiência que juntas ajudam criar um ser superior aos outros, que na dinâmica pastoral ditam as normas e regras, que devem ser obedecidas pelos leigos e leigas e aplaudidas pelos seminaristas, que preferem a continuidade e o conforto do processo todo, a uma mudança substancial.

O carisma profético da Igreja acaba sendo abafado com o clericalismo. E a geração de certa forma de uma “elite laical” impede o aparecimento de novas vocações e de seminaristas que queiram ser mais pastores do que clérigos autoritários. A postura de alguns seminaristas que por receio de perder o poder torna-os reacionários em alguns pontos pastorais e eclesiais: dificuldades de trabalhar em grupos, liderar equipes, tradicionalismo, liturgismo exagerado, etc.

Os seminaristas e a formação são chamados a olhar essa relação com parcialidade e respeito. Ambos crescem quando interagem de maneira cooperativa e participativa. O presbítero deve ser o elo de unidade e acolhida da Igreja, encorajando a participação nas diversas instâncias, mantendo viva a chama da esperança na fé nesse mundo repleto de contradições, especialmente estendendo o olhar da caridade aos mais necessitados e os esquecidos pela Igreja e da

⁷ BENTO XVI, Discurso aos Prelados da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil do Regional Nordeste 2, em visita Ad Limina Apostolorum, 2009.

sociedade. O presbítero como verdadeiro pastor, unido ao povo, não diz o que se deve fazer e dizer, mas orienta para o bem de todos.

2.3 QUESTÕES PENDENTES DA ESTRUTURA ECLESIAL

2.3.1 Decréscimo do número de vocações

A participação do adolescente e do jovem na vida da Igreja diminui de maneira considerável. Após a conclusão das etapas preparatórias para o recebimento dos sacramentos da iniciação cristã, a perseverança nas atividades paroquiais tornam-se raras ou inexistentes. Essa realidade acaba contribuindo para o pouco envolvimento pastoral e conseqüentemente o pouco número de vocações comprometidas com a vida laica, matrimonial e sacerdotal.

O Documento de Aparecida 443 diz que os jovens representam enorme potencial para o presente e para o futuro da Igreja e de nossos povos, como discípulos e missionários do Senhor Jesus. Os jovens são sensíveis a descobrir sua vocação a serem amigos e discípulos de Cristo. (...) Não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido.

Num contexto social marcado por tanto barulho e agitação os jovens aparecem como que desnorteados, sem rumo e sem perspectivas de vida. Na Igreja, infelizmente, nem sempre encontram acolhimento e espaço para demonstrarem suas potencialidades. Nessa fase da vida expressam o desejo de serem ouvidos, reconhecidos e acompanhados. Suas vozes são pouco ouvidas e valorizadas em diversos âmbitos sociais e eclesiais, particularmente os jovens mais pobres, marginalizados e explorados.

Devemos admitir que, com frequência, os jovens são julgados de forma um pouco superficial e muito facilmente são etiquetados como geração "líquida", desprovida de paixões e de ideais. Certamente, existem jovens frágeis, desorientados, fragmentados ou contagiados pela cultura do consumismo ou do individualismo. Mas isto não nos deve impedir de reconhecer que os jovens são capazes de apostar "firmemente" na vida e de se envolver com generosidade; de fixar o olhar no futuro e de ser, deste modo, um antídoto contra a resignação e a perda de esperança que marca a nossa sociedade; de ser criativos e fantasiosos, corajosos na mudança, magnânimos quando se trata de se prodigalizar pelos outros ou por ideais

como a solidariedade, a justiça e a paz. Com todos os seus limites, eles são sempre um recurso.⁸

As opções próprias da idade também direcionam o jovem para outros caminhos na sociedade mais compensadores, por exemplo: a entrada no mercado de trabalho, o início da vida universitária, a independência da vida familiar, etc. A opção pela vida sacerdotal é encarado por algo muito distante. A fé imatura e a secularização são fatores que fazem do cristianismo e da religião uma possibilidade distante e que desperta pouco interesse aos jovens.

O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação da transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude (EG 64).

Para muitos jovens a imagem da Igreja é como uma instituição antiquada e ultrapassada, nada significando em sua existência cotidiana. O distanciamento e o desprezo ocorrem por motivos eclesiais, pelo autoritarismo, pela falta de acolhida, pela disseminação de notícias e escândalos sexuais e econômicos, a falta de sensibilidade dos ministros ordenados com os jovens, o papel de submissão e passividade dos jovens no seio da comunidade cristã. Os jovens católicos querem e precisam ser valorizados em sua ação pastoral como membros vivos da Igreja, principalmente com um olhar para o amanhã.

O envolvimento dos jovens na sociedade e na Igreja dar-se-á na medida em que soubermos acolher suas habilidades, talentos, competências e oferecer-lhes caminhos estimulantes que os responsabilize a serem protagonistas e participativos nas diversas instâncias. O jovem não pode ser visto de forma pejorativa como alguém sem condições, sem experiência, sem conhecimento, mas como alguém com capacidade de mobilização e transformação social.

Na CV 171 o papel da juventude nas iniciativas de voluntariado, cidadania ativa e solidariedade social, que devem ser acompanhados e incentivados para que emerjam os talentos, as habilidades e criatividade, e para encorajá-los a assumir responsabilidades. O compromisso social e no contato direto com os pobres seguem

⁸ FRANCISCO, Discurso aos Participantes na Plenária da Congregação para o Clero, 2017)

sendo uma ocasião fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e discernir a própria vocação.

Na Igreja, quando a voz do jovem acaba sendo respeitada, ela é vista de várias formas, participando de grupos, movimentos, pastorais, retiros, na vida sacramental, etc. As iniciativas e experiências demonstram certa acolhida e escuta. Mas não podemos deixar de mencionar que muitas oportunidades são fechadas e as propostas oferecidas são preconcebidas e prontas, sem deixar que o ardor e o entusiasmo da juventude se faça ecoar. O jovem vocacionado desperta o desejo para o sacerdócio e espera que a Igreja o acolha e escute com alegria e ardor.

Para o Papa Francisco se partirmos da convicção de que o Espírito continua a suscitar vocações ao sacerdócio e a vida religiosa, podemos “voltar a lançar as redes” em nome do Senhor, com toda a confiança. Podemos ousar, e devemos fazê-lo, ter a coragem de dizer a cada jovem que se interrogue de seguir esse caminho. (CV 274)

A escuta torna possível um intercâmbio de dons, em um contexto de empatia. Permite que os jovens ofereçam a sua contribuição para a comunidade, ajudando-a a reconhecer novas sensibilidades e a formular perguntas inéditas. Ao mesmo tempo, oferece condições para um anúncio do Evangelho que alcance verdadeiramente, de modo incisivo e fecundo, o coração (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, 8).

Os seminários e as casas de formação são lugares vocacionais por excelência, onde a juventude chamada à vida sacerdotal ou consagrada aprofunda sua experiência vocacional no seguimento de Jesus Cristo. Esses jovens são oriundos de caminhos eclesiais ou seculares, trazem suas expectativas, sonhos e inseguranças e anseiam ser acolhidos e compreendidos. Algumas vezes nossas casas de formação não conseguem trabalhar e atender essas novas exigências vocacionais, gerando o desânimo na vocação pelo incentivo de práticas ultrapassadas e repetitivas.

Portanto, é necessário que, em cada Diocese, região e país, sejam constituídos Centros para as Vocações, os quais, em colaboração com a Pontifícia Obra para as vocações sacerdotais, são chamados a promover e a orientar toda a pastoral vocacional, fornecendo os meios que lhe sejam necessários (RFIS, 2017, 13).

Quando valorizados assumem a sua vocação no seio da Igreja. O discernimento vocacional passa pela escuta, oração e acolhimento do jovem e por parte das comunidades e paróquias na formação de uma cultura vocacional que desperte para a vivência batismal e conseqüentemente o compromisso com uma vocação específica. A figura de Jesus fascina os jovens por sua pobreza, simplicidade, humildade e entrega à vontade do Pai.

Não é possível compreender plenamente o sentido da vocação batismal, se não se considera que está é para todos, sem exceção, um chamado à santidade. Este apelo implica necessariamente o convite a participar na missão da Igreja, cuja finalidade fundamental é a comunhão com Deus e entre as pessoas. Efetivamente, as vocações eclesiais são expressões múltiplas e articuladas, através das quais a Igreja concretiza o seu chamado a ser sinal verdadeiro do Evangelho acolhido em uma comunidade fraterna. As várias formas de seguimento de Cristo manifestam cada uma à sua maneira, a missão de testemunhar o evento de Jesus, no qual todo homem e mulher encontram a salvação (Sínodo dos Jovens, 2018, 84).

Cada vocação específica encontra a sua eleição na gratuidade de Deus. Ele nos abençoa com bênçãos espirituais em Cristo. Isso se processa antes da nossa criação. Por ser um dom divino, as vocações são oferecidas para ser sinal do mistério trinitário de Deus, não de maneira individual, mas comunitária. A Igreja oferece um caminho de salvação que se configura no mistério de cada vocação. A vocação cristã é edificada no seio da Igreja para ser fermento e luz do Reino no mundo.

Segundo Steiner (2018, p. 330) Os vocacionados deveriam receber uma ajuda para inserirem-se na vida cotidiana da comunidade de fé, mas também na sociedade. Ser catequista, participar das pastorais da comunidade, das visitas missionárias, do cuidado para com os pobres, ajudará os vocacionados a perceberem qual é a sua missão como cristãos, vivendo uma vocação específica.

A vocação à vida sacerdotal tem um itinerário vocacional dentro do diálogo do Deus que chama e do homem que responde ao chamado de forma amorosa e livre. Se não houver essa dinâmica vocacional a vocação sacerdotal não se sustenta. A vocação sacerdotal é o encontro do desejo humano e do chamado divino. Olhando para Jesus e vendo como ele chamava os seus discípulos, percebemos o chamado no cotidiano as pessoas, de forma simples e clara, com testemunho de amor, sem falsos convencimentos ou propostas e com o mais essencial, o respeito pela liberdade de cada um, portanto a iniciativa do chamado é sempre de Jesus.

Em todo processo de formação, o ambiente do Seminário e da pedagogia formativa deverão cuidar do clima da sã liberdade e de responsabilidade pessoal, evitando criar ambientes artificiais ou itinerários impostos. A opção do candidato pela vida ministerial sacerdotal deve amadurecer e apoiar-se em motivações verdadeiras e autênticas, livres e pessoais. (DAp 322)

A liberdade de Jesus no chamado ao serviço do Reino era algo presente na relação com o próximo, sendo a base para a doação ao próximo, para o sacrifício da missão e da generosidade. O dom gratuito de Deus e a liberdade se fundem para que na vocação cristã resplandeça a graça de Deus.

A resposta do ser humano a vocação cristã é o modelo de Cristo. Cristo fez a vontade do Pai de maneira plena e sem murmurar. A sua vida foi um grande sacrifício de íntima comunhão com Deus. Atualmente verifica-se a dificuldade de responder ao chamado de Deus por entender que os elementos essenciais de cada vocação são imposições da Igreja, concomitantemente com a falta de testemunho dos cristãos e o não reflexo desse amoroso chamamento de Deus.

O ser humano apresenta dificuldade de abraçar o chamado de Deus por ter uma concepção equivocada de Deus sobre a sua vida e sobre o agir da Igreja. Uma vocação não é imposição, mas a manifestação da vontade de Deus em nossas vidas. Dessa forma o caminho da decisão vocacional se fecha ao diálogo com Deus e sua comunicação fica maculada pela vontade pessoal, muitas vezes influenciada pelas tendências intimistas, individualistas e difusas.

A liberdade, portanto, é essencial à vocação, uma liberdade que na resposta positiva se qualifica como adesão pessoal profunda, como doação de amor, ou melhor, de entrega ao Doador que é Deus que chama. O “chamamento” dizia Paulo VI avalia-se pela resposta. Não pode haver vocações que não sejam livres (...) (PDV 36).

A Igreja sempre teve um cuidado com a promoção vocacional ao ministério ordenado, por ser um elemento constitutivo de sua identidade e necessária a vida cristã. Quando não se acompanha o despertar vocacional dos jovens, estes se sentem desorientados ou deixam a sua vocação “esfriar” por falta de motivação. Faz-se urgente consolidar uma pastoral vocacional que preencha essa lacuna e faça crescer o fascínio por Jesus Cristo e pelo anúncio do Reino.

A vocação não é um roteiro já pronto, que o ser humano deveria simplesmente recitar, nem uma improvisação teatral sem roteiro. Dado que Deus nos chama a ser amigos e não servos (Jo 15,15), as nossas opções concorrem realmente para a realização histórica do seu desígnio de amor. Além disso, a economia da salvação é um mistério que nos ultrapassa infinitamente; por isso, só a escuta do Senhor pode revelar-nos a parte que somos chamados a ter nela. Vista sob a luz, a vocação aparece realmente como um dom de graça e de aliança, como o segredo mais belo e precioso da nossa liberdade. (Sínodo dos Jovens, 2018, 78)

A vocação sacerdotal é uma das manifestações dos carismas de Deus na comunidade cristã. Complementa-se com as demais vocações específicas. Ela nasce da resposta à vocação batismal, mediante a qual se escolhe um chamado específico para responder ao convite de Deus. O presbítero age na pessoa de Cristo, Bom Pastor.

Para Steiner (2018, p. 319) O pastor chama pelo nome, conhece, cultiva, prepara e conduz; por isso, caminha com as suas ovelhas. Ele ama, é amor, e nesse sentido é cuidado. Pastoreio é cuidado, um cuidado próprio que leve à plenitude da vida. Pastorear e cuidar são sinônimos quando fazem desabrochar e maturar a vida, isto é, as pessoas.

O despertar de uma vocação por parte de Deus pode-se dar em vários contextos culturais, sociais, humanos e eclesiais. Não há uma fórmula pronta para a escolha à vida presbiteral. “Todo sumo sacerdote, escolhido dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas que dizem respeito a Deus” (Hb 5,1).

A vocação ao sacerdócio ministerial insere-se no âmbito mais amplo da vocação batismal cristã, mediante a qual o Povo de Deus, estabelecido por Cristo como comunhão de vida de caridade e de verdade, é também por Ele assumido como instrumento de redenção universal e enviado em toda parte como luz do mundo e sal da terra. (cfr. Mt 5,13-16) (RFIS, 2017, 12)

Os diversos membros santificam a comunidade eclesial dando seu testemunho de fidelidade a Deus no sacerdócio santo e real por meio de Cristo. Não são todos que recebem a vocação ao ministério ordenado. Os apóstolos foram os primeiros a desempenhar publicamente este ofício sacerdotal em nome de Cristo em favor do ser humano. É uma graça recebida de Deus para o exercício do ministério do Evangelho, do anúncio e da reconciliação. A consumação do ministério sacerdotal dar-se-á na união com Cristo e na glorificação de Deus Pai em Cristo. Configurado a Cristo, Cabeça, Pastor, Esposo e Servo da Igreja, como seu

representante e na união com Ele, o presbítero tem uma relação especial com a Igreja de Cristo. (CNBB, 2019, 35)

Os presbíteros são tirados no meio do povo para se doarem em favor dos homens nas coisas de Deus. Aproximar o ser humano de Deus é a sua missão, principalmente pelo caminho dos sacramentos, como ministros da Palavra, educadores na fé e na expiação dos pecados. A consagração total e radical a Deus os faz testemunhas de uma presença humana diferenciada na terra, através do agir semelhante ao do Cristo.

O seu próprio ministério exige, por um título especial, que não se conformem a este mundo, mas exige também que vivam neste mundo entre os homens e, como bons pastores, conheçam as suas ovelhas e procurem trazer a este redil aquelas que não lhe pertencem, para que todas elas ouçam a voz de Cristo e haja um só rebanho e um só pastor (PO 3).

Para serem espelhos de Deus na sociedade e na própria Igreja as virtudes humanas e espirituais devem prevalecer no convívio humano e fraterno. A bondade, a humildade, a delicadeza com a dor do próximo, a sinceridade, a humildade, a disponibilidade, entre outras são atitudes de Jesus que os presbíteros devem imitar e testemunhar. Animados pelo Espírito Santo devem ser o homem da unidade, do diálogo e da caridade.

O futuro presbítero tem a sua vocação acolhida pela Igreja. Essa vocação nasce da convivência eclesial, do testemunho de um sacerdote, do despertar vocacional de um movimento ou pastoral, das realidades virtuais, da televisão, e de tantos outros caminhos. Não se trata de um mero recrutamento, mas um trabalho eclesial de fundamental importância. Preocupar-se com as vocações é preocupar-se com o futuro da Igreja.

No que se refere à formação dos discípulos e missionários de Cristo, ocupa lugar particular pastoral vocacional, que acompanha cuidadosamente todos os que o Senhor chama servir à Igreja no sacerdócio, na vida consagrada ou no estado de leigo. A pastoral vocacional, que é responsabilidade de todo o povo de Deus, começa na família e continua na comunidade cristã, deve dirigir-se às crianças e especialmente aos jovens para ajudá-los a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um, acompanhando-os em seu processo de discernimento. Plenamente integrada no âmbito da pastoral ordinária, a pastoral vocacional é fruto de uma sólida pastoral de conjunto, nas famílias, na paróquia, nas escolas católicas e nas demais instituições eclesiais. (D.Ap. 2007, 314)

A responsabilidade de promover as vocações eclesiais e sacerdotais é de toda comunidade cristã. Quando não fomentamos as vocações não cumprimos o mandato do Senhor sobre a nossa vida. Para o cuidado e acompanhamento de todas as vocações são necessários organização e planejamento, além da oração e da mística, que é o combustível do trabalho vocacional. No Brasil destacam-se inúmeras iniciativas vocacionais e intenso envolvimento de animadores vocacionais espalhados por todo país, não que seja um trabalho ideal ou pronto, mas em caminho de construção e consolidação.

Os bispos são os primeiros responsáveis por esse trabalho. São eles os grandes incentivadores desta ação pastoral e de inseri-las na pastoral de conjunto de cada Igreja particular. A fecundidade vocacional dar-se-á, sobretudo pela oração pessoal e comunitária, por meio da união com Deus, criando um clima oracional constante e contínuo nas famílias, nas comunidades, capelas, movimentos, etc.

Nos últimos anos a Igreja tem percebido o aparecimento e crescimento de uma nova demanda vocacional. Assim como na vida matrimonial, os adultos jovens tem procurado discernir a vocação ao presbitério com uma idade mais amadurecida, próximo dos 30 anos ou mais. Essa constatação está conduzindo e obrigando a Igreja a rever os seus métodos de acompanhamento para este grupo vocacional específico.

Em várias dioceses está aumentando o número de vocacionados adultos que exigem uma atenção especial. Antes de serem assumidos para o processo formativo no seminário ou em outra modalidade aprovada pelo bispo, os vocacionados adultos sejam seriamente ajudados a refletir sobre as suas reais motivações de sua vocação. Proceda-se um cuidadoso processo de discernimento vocacional, atento à dinâmica e à estrutura da personalidade de sua vocação. (CNBB, Doc. 110, 94)

É um tempo de aprendizado para todos os envolvidos, especialmente as equipes vocacionais, os párocos, os formadores de seminário e os próprios vocacionados que de certo modo eram “dispensados” do seminário por terem idade não compatível com os padrões de ingresso no “seminário tradicional”. A idade cronológica e a experiência de vida incompatibilizam a vivência com jovens e adolescentes num mesmo espaço formativo. Os candidatos mais velhos acabam desistindo da vocação e seguindo outros rumos. No início da década de 90, no ano de 1992 a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastoris Dabo Vobis* orientava para essa questão

Nem sempre é possível, e muitas vezes nem sequer é conveniente, convidar os adultos a seguir o itinerário educativo do Seminário maior. Deve-se, antes, providenciar, depois de um cuidadoso discernimento acerca da autenticidade de tais vocações, no sentido de programar uma forma específica de acompanhamento formativo que consiga assegurar, por meio de oportunas adaptações, a necessária formação espiritual e intelectual (PDV, 2000, 67).

A Igreja começa a caminhar em direção de uma forma diferente para a formação de vocações adultas. No Brasil, a ideia é nova, mas na Europa as experiências são ricas e frutíferas, principalmente na Holanda. Esses candidatos são homens de comprovada virtude, com inserção no mercado de trabalho que continuam a desenvolver as suas atividades profissionais e a cada quinze dias se reúnem para receber a formação específica para a vida presbiteral.

A *Ratio Fundamentalis* aborda o assunto das vocações adultas, afirmando que é de competência das Conferências Episcopais emanar normas específicas adaptadas à própria situação nacional, avaliando a conveniência de prever um limite para a idade de admissão das vocações supramencionadas, contemplando a hipótese de erigir um Seminário especial para estes casos.

A proposta formativa para as vocações adultas é diferenciada do modelo tradicional de seminário proposto pelos documentos magisteriais. O foco é dirigido para a pessoa que será o maior responsável pela sua formação. De acordo com Newting o candidato ao presbiterado nesta condição passaria boa parte do processo fora do regime de internato. Imagina-se, no sistema holandês e na adaptação que fizemos no Brasil, que o candidato tenha quatro anos de acompanhamento como educando externo, até que venha a residir numa paróquia e deixe o seu emprego.

O acolhimento inicial destas pessoas ao seminário exige um prévio caminho espiritual e eclesial, durante o qual se possa desenvolver um sério discernimento das motivações vocacionais. Cuide-se para que as dimensões características da formação integrem o projeto formativo desses candidatos. (CNBB, Doc. 110, 94)

A pedagogia usada nesse processo formativo se aproxima da condição dos candidatos ao presbiterado. Por serem homens maduros preferiu-se usar um processo acadêmico mais dialogado, respeitando o histórico de vida, profissional, pastoral de seus envolvidos. De modo algum, será um processo frágil ou sem profissionalismo, por ser uma nova experiência, sua implantação envolve vários especialistas, de padres, a religiosas, leigos e psicólogos. Os responsáveis deixam claro que as vocações adultas não são a solução para o aumento das vocações

sacerdotais, mas com certeza, é uma resposta vocacional e institucional para os tempos atuais.

A ideia é formar adultos e ordenar pessoas maduras. O problema é que os seminários se tornaram lugares onde se termina de *criar* adolescentes em processo de se tornar adultos, como vimos acima. No caso de vocações adultas, não podemos tratá-los como crianças. Certamente, cada pessoa deve ser tratada de acordo com sua idade cronológica (a correspondência da pessoa à sua idade), e não de acordo com sua idade psicológica (no caso de ela ser mentalmente mais nova que sua idade cronológica). Tal premissa é fundamental, se queremos criar pessoas maduras, sem *arrastar* pessoas infantis até o fim do processo formativo. (NENTWIG, 2019)

O modelo europeu que inspirou o modelo brasileiro do Instituto de vocações adultas encontra-se na Holanda, na Diocese de Breda no ano de 1983, o Seminário Maior de Bovendonk (HAM, 2011). No Brasil o Instituto pioneiro e inovador para vocações adultas encontra-se na Cidade de Curitiba, e começou a funcionar no ano de 2019 na Arquidiocese de Curitiba nas dependências do Seminário São José, com o nome de IDE (Instituto Discípulos de Emaús). A equipe formativa do IDE tem a presença do ex-reitor do Instituto de Bovendok, Mons. Matthias Han.

2.3.2 A validade do Seminário

Os seminários ou as casas de formação são os espaços formativos que auxiliam na formação dos candidatos ao presbiterado. A criação dos Seminários deu-se com o Decreto *Pro Seminariis* durante a realização do Concílio de Trento. São lugares destinados especificamente para esse fim. O papel e a relevância dos seminários na vida da Igreja continuam válidos, pois é uma instituição secular que passa por confrontos e profundas indagações nos tempos atuais. Essas instituições passaram por crises e questionamentos ao longo de sua história.

Para Nentwig (REB, 2019), a partir do Concílio Vaticano II a Igreja já iniciara a identificar sua crise: desde as estruturas de moradia (prédios inapropriados, casas em más condições) até a má seleção dos seminaristas (muitos sem indícios de vocação), a apatia dos formandos, a falta de formadores ou formadores muito autoritários e pouco competentes, disciplinas frias e rigorosas, clausura absoluta, censura (de livros, visitas e correspondências), excessos variados.

Após a realização do Concílio Vaticano II a adequação e a mudança de mentalidade nos seminários ocorreram de forma gradativa. Não era possível uma

formação que não estivesse atualizada às novas perspectivas conciliares. Alguns processos de “modernização” ocorreram como a criação de casas de formação mais humanas e atualizadas:

Na tentativa de fomentar processos mais atualizados e, por consequência, mais humanos, foram criadas casas menores e inseridas. Tais iniciativas revelaram luzes, porém também debilidades, pois o ambiente formativo fica comprometido quando se subtrai do seminário a sua característica de lugar retirado. Parece sempre haver dificuldade de se encontrar o ponto de equilíbrio entre o isolamento disciplinar e a inserção dispersiva, mas as iniciativas têm sempre seu valor pela ousadia de se encontrar respostas aos desafios. (MORO, 1997, p. 258-259)

Nos seminários ocorre a inserção dos seminaristas no estudo das quatro dimensões da formação ao sacerdócio. Cada diocese deveria ter o seu seminário para a formação dos futuros padres e consolidação da identidade presbiteral. Atualmente existem 4 modelos de seminário: O Seminário Menor, destinado para adolescentes que ainda não concluíram os estudos secundários, Seminário Propedêutico, destinado para jovens que já concluíram os estudos secundários, Seminário Maior, destinado para estudantes dos cursos de Filosofia e Teologia.

Para Vitório (2008, p.31-33) O seminário é uma estrutura capaz de criar identidade porque possibilita um mergulho da pessoa em um novo modo de existir. Neste sentido, a formação é verdadeiramente mistagógica, ao exemplo do processo realizado com os catecúmenos desde os primeiros séculos: uma inserção no mistério de Cristo realizado pela escuta da Palavra, acompanhamento, inserção comunitária e experiência simbólica.

O tempo de permanência do seminário depende do momento estudantil que o candidato ingresso no seminário após acompanhamento e discernimento vocacional, pode ser ainda no ensino fundamental, no ensino médio ou mesmo com graduações universitárias concluídas ou inacabadas. A vivência no seminário é marcada notoriamente pela ambiente comunitário.

A comunidade do seminário é, de fato, uma família, caracterizada por um clima que favorece a amizade e a fraternidade. Tal experiência ajudará o seminarista a melhor compreender, no futuro as exigências, as dinâmicas e também os problemas das famílias que serão confiadas ao seu cuidado pastoral. Nesta perspectiva, será grande benefício para a comunidade do Seminário abrir-se ao acolhimento e à partilha com diversas realidades, tais como, por exemplo, as famílias, as pessoas consagradas, os jovens, os estudantes e os mais pobres. (RFIS, 2017, 52)

As quatro dimensões da formação devem interagir de maneira articulada e integrada. Isso já estava indicado na exortação pós-sinodal *Pastores dabo vobis* promulgada para toda a Igreja no ano de 1992. Cada uma delas possui a sua especificidade e importância no processo formativo e na vida dos ministros ordenados: dimensão humana (relações pessoais e comunitárias), dimensão espiritual (relação com o transcendente e com o divino), dimensão intelectual (relação racional da fé) e dimensão pastoral (relação pastoral e eclesial).

Esta Exortação pretende recolher o fruto dos trabalhos sinodais, estabelecendo alguns dados adquiridos, mostrando algumas metas irrenunciáveis, colocando à disposição de todos a riqueza de experiências e de itinerários já experimentados positivamente. Ao longo das suas páginas, considera-se, de forma distinta, a formação inicial e a formação permanente, sem nunca esquecer, no entanto, o laço profundo que as une e que deve fazer das duas um único itinerário orgânico de vida cristã e sacerdotal. A Exortação detém-se nas diversas dimensões da formação humana, intelectual, espiritual e pastoral, como também nos ambientes e nos responsáveis pela própria formação dos candidatos ao sacerdócio (PDV, 2000, 42).

As dimensões da formação compõem o eixo do processo formativo por orientarem todo o agir do futuro presbítero. A harmonia das dimensões é requisito básico para todas as casas de formação, embora nem sempre seja fácil atingir tal objetivo. O termo dimensão é significativo porque impõe à formação uma dinamicidade e uma meta comum, não podendo ser estática ou fechada em si mesma.

Assim, o perigo de privilegiar o aspecto doutrinário, como ele costumava fazer e continua sendo feito para muitos planos formativos, como refletido nos nomes dos estágios formativos, como estágio ou seção da filosofia ou estudos filosóficos, ou de estudos de teologia ou teológicos, e é por isso que aqui escolhemos mudar os nomes: estágio discipular, configurador, de síntese vocacional. (SACERDOTES OPERARIOS DIOCESANOS, 2018, p. 109, trad. nossa).

A proposta da *Ratio Fundamentalis* é valorizar-se uma evolução que tenha em conta a progressividade das dimensões, sem esquecer a maturidade integral, a idade e a etapa do candidato ao sacerdócio. A obrigação e a dedicação nos estudos acadêmicos por muito tempo foi à dimensão e o critério mais valorizado da formação, atualmente representa um aspecto da formação a ser observado. O comprimento dessa nova forma de ver a importância de cada dimensão formativa

passa pela unidade da equipe formativa e profissional envolvida ao longo do processo.

A efetivação do projeto formativo, referência para formandos e formadores, supõe uma equipe que atue de forma integrada, goze de estabilidade, seja testemunho de serviço e tenha claro que o principal agente da formação sacerdotal é a Santíssima Trindade, que plasma segundo o designio do Pai, seja pela presença de Cristo na sua Palavra, nos sacramentos e nos irmãos da comunidade, seja pela multiforme ação do Espírito Santo. (CNBB, Doc. 110, 153)

As dimensões formativas visam transformar à luz de Deus o candidato ao presbiterado à imagem do próprio coração de Cristo. Cada uma das dimensões potencializam o aparecimento de características do próprio Cristo. Essa assimilação é gradual e contínua por toda a vida. O modelo da caridade de Cristo servirá para nortear o sacerdócio ministerial e sua atuação.

O ambiente e clima ideal para o crescimento das dimensões formativas é o comunitário. Os individualismos tão presentes nas relações humanas não favorecem o aparecimento das virtudes próprias da vida eclesial e ministerial. O futuro padre sempre estará envolvido em atividades comunitárias que o exigirão presença humana e social.

A vida comunitária no Seminário é o contexto mais adequado para a formação de uma verdadeira fraternidade sacerdotal e representa aquele âmbito onde concorrem e interagem as dimensões acima mencionadas, harmonizando-se e integrando-se reciprocamente. A respeito da formação comunitária, e também com o intuito de um melhor conhecimento de cada seminarista, deve-se dar atenção a alguns instrumentos formativos, entre os quais: a comunicação sincera e aberta, a partilha, a revisão de vida, a correção fraterna e a programação comunitária. (RFIS, 2017, 90)

A missão sacerdotal é toda comunitária. É da comunidade que a vocação ao sacerdócio nasce. O seminarista deixa a comunidade para se aprimorar no seminário na capacidade de servir, depois da ordenação. A ligação com a comunidade é vital para a vocação sacerdotal, um seminarista sem comunidade é alguém sem história e sem origem. O Espírito Santo une a comunidade na missão de anunciar a Cristo e o seu Reino de amor. Comunhão com Deus e missão são as forças que equilibram e sustentam o seguimento a Cristo. É no seminário que se cria esse clima de missão e comunitariedade.

Especial atenção se deverá prestar ao processo de formação humana para a maturidade, de tal maneira que a vocação ao sacerdócio ministerial dos candidatos chegue a ser para cada um deles um projeto de vida estável e definitivo, em meio a uma cultura que exalta o descartável e o provisório (DAp 320).

Os seminários e as casas de formação precisam ser espaço de abertura, acolhimento e comunicação aberta. As programações das diversas atividades devem propiciar o aparecimento de frutos maduros que antecipem a futura fraternidade presbiteral tão escassa na vida de muitos padres e dioceses.

Para Cozzens (2003, p. 106-107) esta instituição é uma espécie de preâmbulo do que representará para ela a Igreja futuramente: um lugar de regras, de identidade, mas também de superproteção; uma situação cômoda que livra a pessoa do ônus de lutar para pagar as contas do fim do mês. O seminário e a Igreja (diocese) podem vir a representar a mãe provedora que torna a pessoa acomodada e dependente.

As vocações sacerdotais terão mais condições de crescerem e se consolidarem se este ambiente for realmente comunitário e missionário. Não como algo imposto, mas como uma busca alegre e espontânea, uma formação sacerdotal mais humana que leve a verdadeira maturidade.

Coelho (2018, p. 73) cita a formação humanizadora e procura enfatizar que o habitat natural dos princípios filosóficos desse sistema é a autogestão, a vida responsável e solidária, evitando infantilização dos formandos no processo de amadurecimento. Nesse perspectiva, formadores e formandos têm consciência de sua responsabilidade formativa.

A missionariedade é algo que alegra a missão comunitária e preenche a vida de seus participantes. O fio condutor da vida sacerdotal e seminarística é a missão. Isso fecunda as dimensões formativas e fortalece a catolicidade, que partindo de Cristo, se encaminha a todos os povos e nações.

O conceito de formação integral reveste a máxima importância, enquanto é a mesma pessoa na sua totalidade, com tudo o que é e com tudo o que possui, a estar ao serviço do Senhor e da comunidade cristã. Aquele que é chamado é um sujeito integral, ou seja, um indivíduo previamente escolhido para alcançar uma sólida interioridade, sem cisões ou dicotomias. Para atingir tal objetivo, é necessário adotar um modelo pedagógico integrado: um caminho que consinta à comunidade educativa colaborar com a ação do Espírito Santo, garantindo o justo equilíbrio entre as dimensões da formação. (RFIS, 2017, 92)

As dimensões formativas possuem suas especificidades e exigências. Convém que cada seminário tenha em seu plano diretor e pedagógico formas de acompanhamento e avaliação de cada dimensão, de modo que o seminarista ao final de cada etapa formativa saiba o que se espera dele de acordo com os objetivos traçados pelo plano formativo.

O projeto formativo explicita as etapas do único caminho do discipulado e precisa ser integral, enquanto versa sobre as quatro dimensões da formação e pretende alcançar, de forma e pedagógica, o objetivo de formar o futuro presbítero enquanto pessoa, discípulo e pastor missionário. (CNBB, Doc. 110, 300)

2.3.3 Os Formadores

Os formadores dos seminários devem formar uma comunidade formativa de testemunho de vida e fraternidade presbiteral. Essa delicada missão da Igreja deve ser realizada por presbíteros equilibrados e bem preparados nas dimensões da vida sacerdotal. Recomenda-se que tenham dedicação exclusiva para essa tarefa e que vivam regularmente no seminário. O testemunho do formador fortalece o crescimento do seminarista e o programa de vida do seminário.

Para Vitório (2008, p.65) o formador seja capaz de estar preparando servidores do Reino, pessoas consagradas ao serviço dos irmãos. Goste de viver com os formandos e ajudá-los a crescer humana e espiritualmente. Tenha muita liberdade e desapego de projetos pessoais, e capacidade de enfrentar desafios, sem deixar-se abater.

A eficácia do plano de formação sacerdotal depende das estruturas formativas existentes e da pessoa dos formadores. Senão houver esse “casamento” perfeito o processo formativo ficará deficitário e falho. Os formadores escolhidos precisam de boa formação e prévia preparação para o desempenho das funções a eles confiadas. Os escolhidos entre os presbíteros da diocese ou da congregação sejam homens de oração, profunda vida espiritual, conduta exemplar, experiência no ministério sacerdotal e capacidade humana para enfrentar as dificuldades próprias do ofício.

Na escolha dos formadores e educadores em geral levem-se em conta os seguintes critérios: espírito de fé e testemunho de vida, manifestados na alegria da dedicação total a Cristo e à sua Igreja; fidelidade ao magistério

eclesial; experiência pastoral; espírito de comunhão e disposição para o trabalho em equipe, maturidade humana e equilíbrio psíquico; capacidade de amar e ser amado, manifestada na atitude de paternidade espiritual para com os formandos; disponibilidade para ouvir e dialogar, atitude positiva e crítica diante da cultura atual. (DAP, 2007, 317)

No seminário os formadores e seus colaboradores criarão um espaço físico e humano para o discernimento da vocação sacerdotal e de amadurecimento pessoal. É grave a responsabilidade pastoral desse trabalho, que exige dedicação exaustiva e diária. Quando a tarefa não é prioritária ou compartilhada com outras funções pastorais os formandos são impactados por uma formação insuficiente. É recomendável que a equipe de formadores se encontre com frequência para rever os planos diretivos do seminário e seja essa prática um espaço de compartilhamento de ideias e diálogo fraterno.

É evidente que grande parte da eficácia formativa depende da personalidade madura e forte dos formadores, tanto sob o aspecto humano como evangélico. Por isso torna-se particularmente importante, por um lado, a escolha cuidadosa dos formadores e, por outro o estímulo destes para que constantemente procurem ser mais idôneos para o encargo que lhes foi confiado. Conscientes de que, precisamente na escolha e na formação dos formadores, reside o futuro da preparação dos candidatos ao sacerdócio. (...) O grupo de formadores dê testemunho de uma vida verdadeiramente evangélica e de total dedicação ao Senhor. É oportuno que goze de certa estabilidade e tenha residência habitual no seio da comunidade do Seminário. (PDV, 2000, 66)

A vida idônea do formador é determinante para o sucesso do processo formativo e da relação com os formandos. Não poucas vezes serão tratadas questões internas e de foro íntimo com os seus formandos, caso não haja confiança e transparência nessa relação o processo não se desenvolverá de maneira satisfatória. A presença do formador no seminário é necessária como a presença do pai e da mãe no desenvolvimento do seu filho. A ausência dos formadores é prejudicial e danosa a todos, deixando marcar traumáticas e vazios existenciais no processo formativo.

A presença do formador é sinal de pertença familiar. Pela proximidade, o formador se acerca da realidade dos formandos. Pelo distanciamento, o formador dinamiza o processo educativo. Suas intervenções abrem perspectivas de integração pessoal e comunitária. A reciprocidade provém da interatividade estabelecida. (CNBB, Doc. 110, 155)

O formador quando presente na formação gera o sentido de pertença familiar e ao mesmo tempo proximidade. Assim conhecerá a realidade de cada formando com maior propriedade. Na presença gera-se integração pessoal, comunitária e fraterna. Todavia essa presença pode e deve ser marcada por certo distanciamento e individualidade, para que cada parte conheça o seu espaço de responsabilidade e ação. O estar junto cria relação, comprometimento e transparência, hoje tão ausentes, sobretudo, nas relações com a juventude.

Dentro do possível, o formador tem de oferecer a todos os formandos um trato igual, marcado por atenção, estima e respeito. Ter favoritos ou rejeitados divide a comunidade e bloqueia a comunicação. O superior e os acompanhantes precisam dedicar tempo para a formação, a fim de poder conhecer cada formando na sua singularidade, aprender que o respeito à diversidade não atenta contra a unidade e superar as próprias preferências e os sentimentos de rejeição. (COELHO, 2018, p.68)

A presença e a amorosa convivência junto ao grupo ameniza dos conflitos e fenômenos grupais negativos e pessimistas. Por ser uma comunidade apareceram essas articulações humanas normais de um grupo: lutas pelo poder, rigidez internas, dependência afetiva, inferioridade, inveja, busca de prestígio, discussões infantis, etc.

A pedagogia da presença visa facilitar o crescimento do formando e da comunidade. À comunidade, possibilita evoluir em cooperação e companheirismo; ao formando, oferece ajuda pra assimilar valores e atitudes. (CNBB, Doc. 110, 155)

Podemos classificar a função de formadores como apenas uma necessidade institucional, mas sabemos que ela é uma formadora, por vivenciar os valores próprios da vocação presbiteral. Se os formadores não possuem bons princípios, os seus formandos não acolherão com alegria o dom da vida sacerdotal e serão mal formados, dando futuramente problemas para a Igreja e tristeza para o futuro sacerdote.

Segundo o Código de Direito Canônico, a comunidade mínima dos formadores para a direção de um seminário é constituída por um Reitor e um Diretor Espiritual. Todavia, a composição numérica do grupo dos formadores deve necessariamente ser adequada e proporcional ao número de seminaristas, chegando a abranger mais de um Diretor Espiritual, além de um Vice Reitor, um Ecônomo e outros formadores, como, por exemplo, coordenadores para as dimensões formativas, quando as circunstâncias assim o exigem. (RFIS, 2017, 133)

O Reitor é o presbítero que comandará o seminário com prudência, sabedoria e maturidade. Sua competência será mostrada pela coordenação das ações educativas e administrativas relativas ao seminário. Será o homem da caridade e junto com os outros formadores trabalharão em equipe e com as corresponsabilidades divididas. Perante o âmbito civil, jurídico e eclesial é o representante legal do seminário. É o representante do bispo no seminário.

Quando for possível na constituição da equipe formativa pode-se ter a função do Vice Reitor. Esta função tem caráter auxiliar e com a devida discricão o seu serviço tem presença educativa e complementar. Na ausência do Reitor responderá pelo seminário. Importante que seja um sacerdote com capacidade de solucionar problemas comunitários e outras adversidades.

As funções formativas sejam realizadas por sacerdotes que apresentem carisma para essa missão formativa. O bispo ou o arcebispo terá cuidado de escolher sacerdotes com conhecimento intelectual e experiência pastoral, espiritual e humano-afetiva. Além das funções mais administrativas, é relevante e fundamental ter um Diretor Espiritual permanente no seminário, sendo este um verdadeiro mestre de vida interior e de oração, que acompanhe o seminarista a acolher o chamado divino e a amadurecer a sua opção vocacional de forma livre e amorosa.

Sobre este recai a responsabilidade pelo caminho espiritual dos seminaristas no foro interno e pela condução e a coordenação dos vários exercícios de piedade e a vida litúrgica do Seminário. Nos Seminários com mais de um Diretor Espiritual, um deles será o coordenador da dimensão espiritual. Caber-lhe-á moderar a vida litúrgica, coordenar as atividades dos outros Diretores Espirituais e dos eventuais confessores externos, predispor o programa dos exercícios espirituais anuais e dos retiros anuais, assim como as celebrações do ano litúrgico, e, junto com o Reitor, favorecer a formação permanente dos Diretores Espirituais. (RFIS, 2017, 136)

É dado um grande destaque à figura do diretor espiritual na equipe de formadores, a ponto de ser obrigatório a sua presença no contexto do seminário, não sendo um papel secundário, mas essencial por ser tratar de uma dimensão formativa. Sua presença será integral e não esporádica na convivência seminarística. É o a figura do transcendente, do mistério divino e do padre que apresenta intimidade com Deus.

Segundo Sciadini (2008, p.93) a missão do diretor espiritual não é ser agradável, mas sim autêntico, honesto e verdadeiro no que diz e no ideal que aponta. A pessoa de Jesus Cristo e coerência de vida são ponto firme e indiscutível.

O diretor espiritual deve ser uma pessoa de fé. Uma fé adulta, madura, enraizada sobre uma fundamentação bíblica eclesiológica e sobre os grandes místicos, especialmente os grandes santos que foram autênticos diretores espirituais (...).

Nas circunstâncias que as demandas formativas se apresentarem outros formadores poderão assumir a coordenação, as responsabilidades e a programação das dimensões formativas (pastoral, intelectual, humano-afetiva). É uma forma de dividir tarefas e evitar a sobre carga de serviço num único formador. Hoje a realidade demonstra certa distância dessa proposta que é a ideal, já que o número reduzido de sacerdotes impede que mais formadores residam nos seminários.

A comunidade dos formadores é auxiliada pela comunidade educativa e eclesial que é mais ampla e diversificada. Fazem parte dessa ajuda os diversos facilitadores eclesiais e profissionais que com o seus conhecimentos estão presentes no espaço formativo. São eles: Bispo, professores, famílias, funcionários e funcionárias dos seminários, colaboradores diversos, os consagrados e consagradas, assistentes sociais, psicólogos, psicopedagogos, as paróquias, etc. Sua colaboração enriquece os seminaristas no contato com a realidade.

... há uma insistência notável em definir a equipe como uma comunidade educacional verdadeira e apropriada, sinal e testemunho da fraternidade sacramental íntima à qual os padres são chamados. O testemunho do grupo é de grande importância porque, por meio dele, a comunidade dos formadores tem um desejo vivo de santidade sacerdotal e, por outro lado, exige uma verdadeira experiência de integralidade, isto é, um cultivo equilibrado e permanente de todas as dimensões formativas. É óbvio que a equipe que oferece esse testemunho com coerência suficiente tem mais força de convicção na proposta de formativa. (SACERDOTES OPERARIOS DIOCESANOS, 2018, p. 154, trad. nossa).

A equipe de formadores atue de forma integrada, articulada e na unidade da diversidade de ideia e posturas. A complementariedade de cada função nos dons e tarefas enriquecerá a comunhão fraterna e será sinal de comunhão em Cristo. Os formadores são o rosto da Igreja na alegria e nas dificuldades, senão caminham juntos as tarefas formativas não terão êxito e eficácia.

3 CAMINHOS PRA A FORMAÇÃO PRESBITERAL APONTADOS PELO PAPA FRANCISCO: A FORMAÇÃO DE PASTORES HUMANIZADOS

A formação de pastores humanizados passa pela mudança de mentalidade e de postura da Igreja em seu todo. Seguindo os ensinamentos do Papa Francisco e suas orientações podemos formar presbíteros mais humanizados na forma de ser e de agir, sobretudo com uma alma e vida missionária.

3.1 QUE IGREJA QUEREMOS?

A Igreja Católica vive um momento especial em sua história. A renúncia imprevisível de Bento XVI e a eleição do Papa Francisco, um latino-americano, na direção da Igreja demonstram um tempo de mudanças e desmistificação da figura do Papado, como algo intocável e inquestionável. Os sinais de transformação na Igreja são gradativos e lentos, mas demonstram um jeito próprio do Papa Francisco de orientar a caminhada da Igreja.

Segundo Queiruga (2014, p.30) a inércia histórica ajuda com sua tendência à conservação. E nesta direção vai também a dinâmica da autoridade e do poder, mesmo que seja pastoral, pois a estabilidade e a continuidade consolidam o adquirido e convertem a obediência em norma fundamental. A crítica, em troca, resulta incômoda, porque desestabiliza, rompendo a inércia e buscando a mudança; além disso, questiona os privilégios e exige razões para a obediência.

Os gestos do Papa Francisco são carregados de humildade, de simplicidade e de generosidade. A escolha do nome Francisco é um indicativo do que a Igreja Católica é convidada a ser em suas ações e testemunho dos seus membros. Não são adaptações novas, os antecessores do Papa Francisco já abordaram essas temáticas, mas eram necessárias atualizações com uma linguagem para o tempo presente.

Ora, logo após a eleição, quando o Papa Francisco apareceu na sacada da Basílica de São Pedro, a multidão sentiu o impacto: um homem de rosto redondo, sorridente, despojado de vestes especiais, olhando silenciosamente para o povo. O boa-noite que se seguiu e que encerrou o primeiro contato foi mais do que expressão verbal. O tom de voz era de quem, embora fisicamente no alto, parecia colocar-se no mesmo nível do povo. Ao se inclinar pedindo a bênção desse povo, ele se proclamava

servidor. E nos dias que se seguiram suas atitudes passaram a falar alto: este nada tem de imponência; é um dos nossos. (MOSEER, 2014, p. 43)

As principais mudanças ocorrem na estrutura administrativa da Cúria Romana e na pastoral da Igreja em seu todo, não são alterações doutrinárias ou morais, é bom ter isso bem claro, mas vem em um momento oportuno, no qual a Igreja é profundamente questionada, e também se questiona enquanto instituição. Os problemas financeiros, os escândalos sexuais, as lutas internas pelo poder, o carreirismo, e tantos outros contra valores fazem com que a Igreja mude a sua forma de pensar, agir e governar e retome a sua credibilidade como instituição e como Igreja.

Para Brighenti (2014, p.13 -14) até para Bento XVI havia chegado a hora urgente de urgente de mudanças, talvez não tantas e profundas como vêm sendo sinalizadas pelo novo papa: mudança de ótica e de rumos; reformas institucionais, a começar pela cúria romana; “conversão pastoral” da Igreja como um todo, retomando a renovação do Vaticano II e da tradição da Igreja na América Latina; enfim, outro perfil de clero, sobretudo de papa e de bispos.

O agir do Papa Francisco é comparado nas devidas proporções aos ventos transformadores do Concílio Vaticano II. É uma forma de ser Igreja que estava esquecida ou adormecida. As ações concretas passam pelo sagrado e atingem o humano: reforma da cúria, descentralização do poder papal, sinodalidade, valorização do papel da mulher na Igreja, colocação de leigos em cargos eclesiais, responsabilidade eclesial na evangelização, transparências financeira da Santa Sé, realização de Sínodos com problemas emergenciais, aprimoramento das relações ecumênicas, preocupação com a temática do meio ambiente e com o cuidado com os menos favorecidos na sociedade (por exemplo: pobres, idosos e migrantes).

O estilo papal serve de exemplo para muitos párocos. Os mais velhos, que entregaram sua vida a uma igreja pós-conciliar, ele os devolve ao encanto dos anos da juventude. Os mais jovens, educados para ser párocos-funcionários, ele os questiona e os faz mudar de “chip”, mesmo que a alguns lhes custe e resistam. Os bispos, por sua vez, não têm outra escolha senão mudar de rumo e amoldar-se aos novos ventos romanos. É o que marca a dinâmica eclesial antes e agora. Uns poucos resistem; alguns o fazem por acomodação; outros, por conveniência; mas a maioria por convicção, já está procurando seguir o exemplo de Francisco. As senhas, as insistências, os destaques já são os do novo papa, deixam transparecer seu estilo. (BASTANTE; VIDAL, 2014, p. 106).

A Igreja encontra-se fechada em si mesma e autorreferencial. Era necessário sair das sacristias e voltar às ruas para evangelizar. O Papa Francisco deseja uma Igreja que vá em direção às periferias existenciais e que mostre uma face da Igreja materna e fecunda, disposta a crescer com seus filhos e filhas e, sobretudo acolhê-los em suas enfermidades e sofrimentos.

Para Torralba (2014, p.87-88) nesse movimento rumo às periferias da existência a pessoa se encontra com o sofrimento, com o pranto, com a injustiça, com a dor, com a raiva e o desespero, com aquilo que, teologicamente, denominamos a cruz do mundo e, nesses ambientes, é que o cristão entra em relação pessoal com o Cristo crucificado.

As comunidades e os cristãos precisam viver passando por essa conversão pastoral e missionária. A renovação na missão e na evangelização é uma necessidade real e generosa. O estado permanente de missão consiste em compreender a Igreja como uma instituição humana e terrena, que precisa sempre estar olhando para dentro de si e aprimorar a sua forma de ser e agir.

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionando mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em constante saída e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceania: “toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima de uma espécie de introversão eclesial (EG 27).

Este “sonho” de uma Igreja mais humana passa pelo envolvimento de todos os segmentos eclesiais é algo partilhado com todo o povo de Deus, pois não são os clérigos os únicos a trabalharem pela mudança de mentalidade e eclesialidade, é verdade, que os primeiros a mudarem devem ser os ministros ordenados, mas a corresponsabilidade é requisito básico para novos tempos. Trata-se de uma abertura presente em suas falas e escritos.

Os pronunciamentos, neste primeiro ano de pontificado, são muitos: homilias, discursos, entrevistas e, recentemente, a publicação da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o primeiro documento realmente pessoal de seu pontificado, uma mescla de *Gaudium es Spes* e *Evangelii Nutiandi*, os

dois documentos de maior transcendência no contexto da renovação conciliar. O primeiro abriu a Igreja para o mundo, numa postura de diálogo e serviço, o segundo enviou a Igreja a uma sociedade emancipada de tutela eclesial, para testemunhar e depois explicitar a Boa-nova, na gratuidade, numa relação propositiva, de interlocutores. (BRIGHENTI, 2014, p. 14)

Nos pronunciamentos do Papa Francisco verifica-se a superação da visão de uma Igreja como no período de cristandade, eclesiocêntrica e orientada por suas normas e regras canônicas estabelecidas de forma plena e pouco aberta a contestações. O foco pastoral passa a ser orientado não apenas no combate do pecado e em questões morais e doutrinárias, mas para a busca da santidade e nas situações que causam dores nas periferias existenciais: miséria humana, fome, injustiça social, população carcerária, etc.

O teólogo espanhol Queiruga (2014, p. 35) lembra-nos que o grande acerto do novo estilo papal, com sua clara opção de orientar a Igreja por estes caminhos, reside justamente em ter assumido a evidência eclesiológica de que seu ofício é pastoral. Ao pastor cabe organizar a Igreja, fomentar a prática e procurar orientá-la para o serviço da missão. Isso implica que ela não quer controlar tudo, mas deve fomentar espaços de participação e liberdade, onde possam florescer os diversos carismas e realizar-se as distintas funções ou, melhor, serviços.

Os fiéis desse meio social sofrido e excluído estão de certo modo distantes da Igreja e de sua proposta de salvação em Cristo. O discípulo missionário é alguém que vai em direção dessa situação social para transformá-la com a Palavra de Deus e com ações concretas de transformação da realidade. Jesus veio para os que estavam doentes, excluídos e fora das instituições religiosas rígidas de sua época, para mostrar um novo caminho com Deus.

A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente. Necessitamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos em novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança (DAp, 2007, 362).

A imagem da Igreja servidora é um programa de vida do Papa Francisco. Ele compara a Igreja com o samaritano do Evangelho, que tem as feridas cuidadas e saradas. Por ocasião do ano da Misericórdia, o Papa Francisco fala-nos da Igreja que vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais

admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, dos quais ela é depositária e dispensadora. (MV 11)

A Igreja samaritana coloca-se à disposição para ir aos que se encontram com o coração e com a alma doente, sendo próxima e presente. Primeiro cuida do doente, e depois se ocupa com o restante de sua vida. A misericórdia é o que produz amor e vida abundante.

Para o Papa Francisco, só a misericórdia gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão (...). Por isso faz uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas da misericórdia. Sem a misericórdia, temos hoje poucas possibilidades de nos inserir em um mundo de feridos, que tem necessidade de compreensão, de perdão e de amor.⁹

A pastoral da Igreja vai se refazendo e percebendo que novos espaços de acolhida, de escuta, de atendimento, de aconselhamento, serão as portas de acesso dessa Igreja preocupada com o ser humano e sua formação. A prioridade passar a ser as relações humanas, não o número de fiéis, a quantidade de eventos, em resumo, o fazer apenas por fazer, sem a preocupação com o próximo (EG 46).

A missão faz com que superemos os individualismos presentes na evangelização, na Igreja e na sociedade. Muitos cristãos atualmente pensam em seguir a sua vida cristã, seguindo as suas concepções, e muitas vezes isso não gera comprometimento e anúncio concreto do Reino. Como lembra-nos o Papa Francisco, precisamos ser uma Igreja em saída.

A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpa o neologismo – tomam a iniciativa, precedeu-a no amor. (cf. 1 Jo 4,10), e, por isso, ela saber ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. (...) Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro das ovelhas”, e estas escutam a sua voz (EG, 2016, 24).

A opção por uma Igreja pobre para os mais pobres é um convit

⁹ FRANCISCO. Pronunciamentos aos Bispos do Celam, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Brasil, 2013.

e à Igreja ser mais simples e menos preocupada com prestígios e reconhecimentos. A mundanidade eclesial é demonstrada em atitudes de ostentação, valorização de trajes, busca de status e pompas. A primazia deve ser a do Evangelho. Segundo Repole (2018, p.22) o modo com o qual Francisco afirma que o centro da Igreja não é a Igreja, e que é, por isso, descentrada na direção de Deus, é para recordar que ela deve a si mesma ao Evangelho que é, etimologicamente, fonte de alegria para os homens.

Para Aquino Júnior (2017, p.68) a expressão “pobre” tem um sentido bastante amplo para Francisco, mas não tão amplo a ponto de, cinicamente incluir-nos a todos, como de todos fôssemos pobres. Isso, além de encobrir as injustiças e desigualdades sociais e falsificar a realidade, terminaria, na prática, negando a opção pelos pobres. Afinal, se somos todos pobres, a opção pelos pobres é opção por todos. E quando todos se tornam prioridade, ninguém mais é prioridade.

A preocupação com a vivência e o anúncio do Evangelho acaba se tornando para muitos algo secundário, o falso ideal cristão é viver o rigor do liturgismo e o espiritualismo que não se comprometem com a mudança. Se não encontram na Igreja um espiritualidade que os sane, liberte, os encha de vida e de paz, ao mesmo tempo em que os convoque à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam, nem dão glória a Deus (EG 89).

As desigualdades sociais incomodam o Papa Francisco. Elas revelam que a Igreja e os seus seguidores ainda não cumpriram em sua totalidade a missão de cuidar dos desvalidos. A cultura do descartável e do provisório favorece a exclusão social, principalmente dos jovens e dos idosos. O assistencialismo das diversas religiões, do terceiro setor e do poder público amenizam a problemática, mas não emancipam o ser humano e nem diminuem a miséria humana.

Para Brighenti (2014, p. 19) é preciso ir às causas da exclusão, que se remetem ao modelo econômico, social, político, cultural. Em *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco frisa que “ninguém pode nos exigir que releguemos à religião a intimidade secreta das pessoas, sem influência alguma da vida social e nacional, sem nos preocuparmos com a saúde das instituições da sociedade civil, sem opinar sobre os acontecimentos que afetam os cidadãos”.

O campo de ação dos cristãos católicos é complexo e desafiador. A passividade da maioria dos cristãos faz aparecer desequilíbrios sociais desumanos. A voz profética da Igreja é fundamental e necessária. Essa voz é a oportunidade de igualdade para muitos silenciados pela sociedade. O silêncio provoca o aumento da violência e a continuidade do processo opressor econômico e social, marcados pela injustiça e pela falta de caridade.

A Igreja que se faz pobre, mais ainda, que permite os pobres se sentirem Igreja a ponto de constituírem a Igreja dos pobres, com sua cultura de pobres, com sua situação espoliada (e denunciada profeticamente), com sua forma de celebrar Jesus Cristo que se fez pobre (cf. 2 Cor 8,9), com a confiança no Espírito Santo, pai dos pobres, uma Igreja assim se torna, efetivamente, o sacramento da libertação integral. O clamor dos pobres funda uma exigência de transformação da sociedade. A Igreja deve dar sua contribuição no restabelecimento do mistério de Deus, na terminologia que o Pai quer para todos os seus filhos. (BOFF, 1986, p. 35)

A Igreja para sair de suas fronteiras e ir em direção do povo, chegando a todos, não pode cair no risco do seu próprio fechamento. Para fugir desta tentação institucional, a Igreja precisa reformar as suas estruturas que estão caducas e arcaicas. Toda a pastoral é chamada a ser missionária e com atitude de saída transformadora. O cristão é o sinal vivo de Cristo através de sua vocação missionária.

Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo. (cf. At 1,8). (DAP, 2007, 145)

A universalidade e a sinodalidade da Igreja é a partir do Pontificado do Papa Francisco reaproximada da ideia original contida no Concílio Vaticano II. Cada Igreja local tem a sua força e a sua porção de povo de Deus, que está ligado a Roma. O Papa é o bispo de Roma, fazendo parte do Colégio dos Bispos, e por ser a sede da Igreja de Pedro, não é a Igreja em sua totalidade. Sua missão é presidir a unidade das Igrejas do mundo.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* 13 relata que existem legitimamente, no seio da comunhão eclesial, Igrejas particulares, gozando de tradições próprias, sem prejuízo do primado da cátedra de Pedro, que preside à

comunhão universal da caridade, protege as diversidade legítimas e, ao mesmo tempo, vela para que as particularidades, não só prejudiquem a unidade, mas para ela contribuam mesmo positivamente.

A descentralização da Igreja é algo positivo e não atrapalha a unidade eclesial, pelo contrário favorece o crescimento das Igrejas locais sem perder as suas particularidades. Não é conveniente que o papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que se apresentam em seus territórios. Nesse sentido, percebo a necessidade de avançar numa saudável “descentralização” (EG 16).

A burocracia eclesial centralizadora é insuficiente para a evangelização e para a pastoral. Estão presentes na Cúria Romana, nas Igrejas locais e nas paróquias. É um modelo a ser superado que afasta a Igreja do povo de Deus e de sua proposta de salvação. Bastante e Vidal (2014, p. 104-105) atestam que apesar das resistências, a reforma do papado e a reforma da cúria são tarefas relativamente fáceis para Francisco. A tarefa realmente difícil e quase hercúlea é a reorganização da Igreja globalmente como instituição. Ou seja, abandonar a Igreja monárquico-imperial para passar a uma Igreja comunitária, colegial e corresponsável. Voltar à Igreja do Concílio.

O modelo eclesiológico proposto pelo Papa Francisco é fruto da cultura de nossa época. Na Idade Média, por exemplo, a Igreja era poderosa e atuava nos campos políticos e sociais com uma força considerável. O poder sagrado e divino se sobressaia sobre o poder civil e instituído em muitos acontecimentos. Hoje essa postura apenas distancia as pessoas da Igreja e do encontro com Cristo.

Castilho (2014, p. 112) fala-nos de uma cultura marcada pela força religiosa do “sagrado” brotou (como era lógico) a aspiração por uma Igreja, um papa e um papado cuja distinção tinha que ser a *sacra potestas*, por cima de todos os demais poderes. Ao passo que, de uma cultura marcada pelo “laico”, brotou a aspiração por um mundo, uma sociedade e instituições cuja distinção esperamos que seja a “eficaz defesa dos direitos humanos”.

A Igreja dessa maneira caminha para um novo modo de transmissão do Evangelho. A revisão da forma de ser Igreja faz com que novos costumes apareçam e que a tradição seja revitalizada. O determinante nesse processo todo é ir em direção ao próximo. Não é uma “nova Igreja”, mas uma Igreja que é fiel e abraça o projeto do Reino que Jesus nos apresentou. Os grupos mais conservadores que

criticam essa postura são exemplos, infelizmente, que nem todos aceitam e concordam com o atual papa, os grupos mais receptivos “abraçam” a Igreja e a tornam mais humana.

Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; quer dizer anunciar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de dar respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho (EG 114).

O reconhecimento da pessoa do Papa Francisco e consequentemente da Igreja no mundo é importante para aproximar a humanidade do Sagrado. O ser humano é religioso em sua essência, e a busca pelo sagrado ainda é presente na vida de muitas pessoas. O papa cativa pela proximidade, bondade, naturalidade e normalidade, muitas vezes esquecida e pouca vivida pelos cristãos. Com isso, não queremos anular e diminuir os papados anteriores, eles tiveram características marcantes e também enfrentaram lutas e confrontos normais do itinerário da Igreja.

No fundo, Bento e Francisco representam dois modelos de Igreja. A Igreja das verdades dogmáticas, das leis e dos rituais, bem representada por Bento XVI, e a Igreja humanitária, da bondade e da misericórdia, que se personifica em Francisco. Não se trata de dois modelos excludentes. Nem o papa anterior exclui a misericórdia, nem o papa atual deixa de lado os dogmas da fé. O problema é outro. E tem raízes mais profundas. (CASTILHO, 2014, p. 116)

Como toda instituição com hierarquia e organismos, constituída por pessoas falíveis, a Igreja no seu seio interno luta para purificar-se do uso maléfico e incorreto dos poderes sociais, políticos, doutrinários e econômicos. Poder e evangelização são processos humanos e antagônicos que disfarçam o serviço do apostolado e a missão. O poder está a serviço do sofrimento dos pobres e do anúncio do Evangelho, e não o contrário. O Papa Francisco surpreende quando dá atenção à missão do Povo de Deus, não como meros expectadores, mas como protagonistas.

Para Repole (2018, p. 42) o aspecto inequivocamente mais importante consignado por uma eclesiologia do Povo de Deus é, porém, aquele da igual dignidade e da corresponsabilidade de todos os cristãos. É algo que reemerge com força e decisão já na *Evangelii Gaudium*, quando o Papa reconhece que o sujeito evangelizador não é somente alguém, mas todo o povo de Deus e, portanto, todos os cristãos.

Ao retomar o papel eclesial do Povo de Deus, o Para Francisco pretende que não haja contraposições entre pastores e povo. A Igreja é a totalidade do Povo de Deus. Um convite para que em cada estado de vida e vocação específica viva-se a santidade na Igreja e fora dela no dia a dia. Não é uma visão populista da Igreja, mas popular, onde todos estão qualificados como batizados para evangelizar.

Poder-se-ia dizer que a visão da Igreja qual povo de Deus, Francisco deduz uma concepção popular da Igreja, para a qual a voz e a provisão de cada um são realmente indispensáveis, e nenhum grupo - nem de clérigos, nem de leigos - pode avançar a pretensão de ser o tudo ou de substituir outros. (...) O povo de Deus está, na verdade imerso na história: disso e do fato de ser universal, consegue que ele não possa ser pensado à margem dos diversos povos que habitam a terra e das suas culturas. Enquanto se trata do povo de Deus, fruto da iniciativa divina e do Evangelho, a Igreja não pode se esgotar, evidentemente, nos povos e nas suas culturas; não obstante, ela não pode sequer existir se não inculturada no seu interior e nelas. (REPOLE, 2018, p. 45-46)

Cada povo tem a sua cultura e a sua história, que precisa ser respeitada e valorizada. São maneiras particulares de manifestar também a sua religiosidade e sua fé. A inculturação do Evangelho não é simplesmente uma acomodação ou adaptação em uma cultura, mas é aceitar os valores da outra cultura sem fazer críticas, mas agregar os valores que sejam humanos e ao mesmo tempo cristãos. Dessa forma a sociedade, a Igreja e as pessoas são transformadas.

Para Brighenti (2015, p. 45-46) um autêntico processo de inculturação da fé é antes anúncio e vivência do Evangelho da vida, a partir da Igreja sinal e instrumento do Reino, do que apresentação de uma instituição depositária única da salvação. Um processo de inculturação que não se situe dentro desse horizonte deixa de ser um processo evangélico.

É impossível um cristianismo puro ou uma cultura pura. Entre eles sempre existirá influências pastorais. A interação na pastoral é parte integrante da evangelização. A inculturação e a fé cristã têm como premissa antecipar a vinda do Reino de Deus e sua concretização.

Este Povo de Deus encontra-se nos povos da Terra, cada um dos quais com a sua cultura própria. A noção de cultura é um instrumento precioso para compreender as diversas expressões da vida cristã que existem no povo de Deus. Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, de forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus. Assim entendida, a cultura abrange a totalidade da vida de um povo. (...) A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe (EG, 2016, 115).

As lideranças da Igreja são convocadas a assumir esse projeto humano de Jesus em suas vidas. O povo de Deus e a população mundial necessitam não de poderosos soberbos e arrogantes, mas arautos do respeito, da paciência, da tolerância, do diálogo, da paz, do amor, da alegria, etc. Para Castilho (2014, p. 120) o que importa é que a religiosidade seja o motor que nos humaniza, nos une e nos funde naquilo em que todos os seres humanos coincidimos. Será um longo e duro caminho.

A Igreja humanizada torna-se encarnada. Em terras brasileiras, ela ainda representa uma voz de reflexão e contestação. Ela faz-se presente no nascimento e descobrimento do Brasil, e hoje nos seus pronunciamentos e gestos espalhados por nosso país. Nem sempre acerta, mas procura manifestar o Reino de Deus, nos seus milhões de seguidores.

De acordo Steiner (2014, p. 143) a Igreja no Brasil, como fermento na massa, sem medo de errar, é presença do Reino. Tem incidência política, sabedora da laicidade do Estado. Um povo sem fé, sem transcendência, vislumbra a morte. Continuar comprometida com a realidade brasileira da justiça, do direito, do estado de direito, da democracia, da dignidade dos filhos e filhas de Deus.

No Brasil e em outras partes do mundo o povo dentro de seu senso de fé, encontra na piedade popular a força para ser Igreja. São manifestações eclesiais marcadas pela simplicidade popular. Segundo Scannone (2019, p.105), a sabedoria popular, mesmo se ela é própria de um povo determinado e se aparece mais claramente nos pobres e nos simples, nem por isso deixa de ter uma validade universal enquanto sabedoria humana e sentido da vida.

É uma forma válida de ser Igreja missionária, que sai de si mesmo e vai ao encontro das pessoas mais simples de coração. De acordo com Repole (2018, p. 56), a piedade popular mais do que a expressão da fé inculturada poderia ser a expressão de uma fé marginalizada.

No Documento de Aparecida, descrevem-se as riquezas que o Espírito Santo explicitava na piedade popular por sua iniciativa gratuita. Naquele amado Continente, onde uma multidão imensa de cristãos exprime a sua fé através da piedade popular, os Bispos chamam-na também “espiritualidade popular” ou “mística popular”. Trata-se de uma verdadeira espiritualidade encarnada na cultura dos simples. Não é vazia de conteúdos, mas descobre-os e exprime-os mais pela via simbólica do que pelo uso da razão

instrumental e, no ato de fé, acentua mais o *credere in Deum* que o *credere Deum* (EG, 2016, 124).

A proposta eclesiológica do Papa Francisco leva para a missão. A Igreja precisa estar unida à humanidade. O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Ad Gentes 2* afirma: A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo. Há lugares que ainda não foram evangelizados e lugares já evangelizados que necessitam de uma nova experiência missionária.

3.2 QUAL IDENTIDADE DO PRESBÍTERO QUE SE FAZ NECESSÁRIA?

Os presbíteros desempenham papel importante na visão de do Papa Francisco. A eles dirige muito das suas palavras com entusiasmo e com firmeza, exortando-os, sobretudo que mudem de visão quanto ao exercício do ministério ordenado exercido como poder, autoritarismo e prestígio, e sejam mais missionários e próximos ao povo de Deus.

O Papa Francisco convida os presbíteros a renovarem o seu ministério e reverem a sua identidade presbiteral: Ser sacerdote significa arriscar a vida pelo Senhor e pelos irmãos, trazendo na própria carne as alegrias e as angústias do Povo, dedicando tempo e escuta para curar as feridas dos outros, e oferecendo a todos a ternura do Pai¹⁰.

O Documento de Aparecida (n. 193-195) afirma que o sacerdote não pode cair na tentação de se considerar somente mero delegado ou apenas representante da comunidade, mas sim um dom para ela, pela unção do Espírito e por sua especial união com Cristo. (...) O ministério sacerdotal brota da Ordem Sagrada e tem “radical forma comunitária” e só pode desenvolver-se como tarefa coletiva.

Os presbíteros são tirados no meio do povo para se doarem em favor dos homens nas coisas de Deus. Aproximar o ser humano de Deus é a sua missão, principalmente pelo caminho dos sacramentos, como ministros da Palavra, educadores na fé e na reconciliação e perdão dos pecados. A consagração total e radical a Deus os faz testemunhas de uma presença humana diferenciada na terra, através do agir semelhante ao do Cristo.

¹⁰ FRANCISCO. Discurso aos participantes da Plenária da Congregação para o Clero, 2017.

O seu próprio ministério exige, por um título especial, que não se conformem a este mundo, mas exige também que vivam neste mundo entre os homens e, como bons pastores, conheçam as suas ovelhas e procurem trazer a este redil aquelas que não lhe pertencem, para que todas elas ouçam a voz de Cristo e haja um só rebanho e um só pastor (PO 3).

Para serem espelhos de Deus na sociedade e na própria Igreja as virtudes humanas e espirituais devem prevalecer no convívio humano e fraterno. A bondade, a humildade, a delicadeza com a dor do próximo, a sinceridade, a humildade, a disponibilidade, entre outras são atitudes de Jesus que os presbíteros devem imitar e testemunhar. Animados pelo Espírito Santo devem ser o homem da unidade, do diálogo e da caridade.

O presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem da misericórdia e compaixão, próximo ao povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades. A caridade, fonte da espiritualidade sacerdotal anima e unifica a vida e ministério. Consciente de suas limitações, ele valoriza a pastoral orgânica e se insere com gosto no presbitério. O Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros – discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes (DAp, 2007, 198-199).

Os presbíteros constroem o trabalho de anúncio do Reino em comunhão com os bispos, religiosos e religiosas, mas nos tempos atuais sobretudo com os leigos e leigas, que são por vocação os protagonistas da evangelização nas diversas instâncias da sociedade. A vocação laical não é uma vocação de segunda categoria submissa de maneira cega à vontade dos presbíteros como muito se pensou, sabemos que sua voz é ativa e participativa em muitas instâncias eclesiais.

A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicato, dotado de um arraigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé (EG 102).

Os gestos do Papa Francisco, suas palavras e dão sinais claros de uma ecclesiologia da comunhão eclesial, não uma mera unidade, mas o convite explícito para que todos trabalhem unidos pela evangelização, pela transformação da sociedade e pela missão.

Ser Igreja, ser povo de Deus, segundo o grande desígnio do amor do Pai, que quer dizer ser o fermento de Deus nesta nossa humanidade, quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus neste nosso mundo, que muitas vezes está perdido, necessitado de ter respostas que encorajem, que deem esperança, que deem novo vigor no caminho¹¹.

Os presbíteros em maioria trabalham em comunidades paroquiais. Unidos ao bispo, aos demais irmãos no ministério, aos diáconos, aos religiosos e religiosas sejam dotados de qualidades humanas e espirituais para servir os mais pobres e aos mais fracos, promovendo a cultura da solidariedade. Os presbíteros sejam o rosto da caridade de Cristo no mundo.

Como homem de Deus ele exerce, de modo integral, o seu ministério, procurando os fiéis, visitando as famílias, participando das suas necessidades, das suas alegrias; corrige com prudência, cuida dos anciãos, dos fracos, dos abandonados, dos doentes e ajuda com exuberante caridade os moribundos; dedica particular atenção aos pobres e aflitos; empenha-se pela conversão dos pecadores, dos que se encontram no erro e ajuda cada um a cumprir o seu dever, incentivando o crescimento da vida cristã nas famílias. (Congregação para o Clero, 2011, 22)

Como pastores administrem os sacramentos com amor, disponibilidade e misericórdia. O acesso aos sacramentos reaproxima as pessoas da vida paroquial e comunitária. Muitos cristãos se distanciaram da convivência comunitária pela falta de atendimento, por não serem acolhidos e ouvidos nos momentos de sofrimento e dor, principalmente em momentos de enfermidade e morte.

E eu digo-vos, verdadeiramente: sofro tanto quando encontro pessoas que já não se vão confessar, porque foram maltratadas, repreendidas. Sentiram que lhes eram fechadas na cara as portas da igreja! Por favor, não façais isso: misericórdia, misericórdia! O bom pastor entra pela porta e a porta da misericórdia são as chagas do Senhor: se entrardes no vosso ministério pelas chagas do Senhor, não sereis bons pastores¹².

A caridade pastoral está presente nas múltiplas atividades pastorais desenvolvidas pelo ministro ordenado. É a força que dinamiza o agir sacerdotal, e exprime as atitudes e comportamentos que apontam o caminho para Deus e transformam vidas. Cristo foi o modelo de caridade pastoral, de maneira que a sua vida foi algo entorno disso com naturalidade e intensidade.

¹¹ FRANCISCO. Audiência Geral, 12 de junho de 2013.

¹² FRANCISCO. Homília do IV Domingo da Páscoa, 11 de maio de 2014.

Os presbíteros seguem os passos de Cristo, para serem também modelos de caridade perfeita. A caridade pastoral corre, sobretudo hoje, o perigo de ser esvaziada do seu significado pelo chamado funcionalismo. (Congregação para o Clero, Diretório para os Ministros Ordenados, 2013, 55). Ser padre não é apenas fazer atividades e acumular funções, mas ser ministro e apaixonado por Cristo.

A vida de oração do presbítero seja a força para a missão presbiteral. A oração é o caminho para a intimidade com Deus e reflete na pastoral cotidiana, sobretudo, no contato e atendimento com o próximo. A busca de Deus na oração diária aproxima o presbítero de Deus e o faz olhar a suas fragilidades e fraquezas. A relação sadia com Deus santifica o seu sacerdócio e ilumina o exercício ministerial.

A oração do pastor nutre-se e encarna-se no coração do Povo de Deus. Traz as marcas das feridas e alegrias do seu povo, apresentando-as em oração silenciosa ao Senhor para que as unja com o dom do Espírito Santo. É a esperança do pastor que confia e luta para que o Senhor cure a nossa fragilidade, tanto a pessoal como a das nossas comunidades. Mas não percamos de vista que é precisamente na oração do Povo de Deus que o coração do pastor se encarna e encontra o seu lugar¹³.

O processo educativo de uma vida espiritual é entendido como uma comunicação e encontro com Deus que gera uma relação recíproca. A espiritualidade cristã é uma experiência pessoal e comunitária que é obra do Espírito e compromete os seguidores de Jesus em sua totalidade, formando uma comunhão transformadora com o Cristo, numa atitude de amor ao Pai e numa eclesial ligação com a Igreja. Recordo-nos o documento 93 da CNBB:

A formação espiritual do futuro presbítero é, inseparavelmente, trinitária, cristocêntrica e eclesial. É trinitária: o futuro presbítero é chamado a compreender como, pelo sacramento da Ordem, será enviado pelo Pai e configurado a Cristo, para atuar e viver, na força do Espírito Santo, na comunhão da Igreja, para a salvação do mundo. É cristocêntrica: o centro da vida espiritual de todo cristão, particularmente daquele que se prepara ao presbiterado, é o mistério pascal (cruz e ressurreição), que exerce uma profunda força de atração na oferta radical da vida a Cristo. (CNBB 93, 2010, 278)

Essa relação trinitária é algo que fascinará o discípulo de Jesus, é alguém que construirá aos moldes da relação trinitária uma comunhão com Cristo que o conduzirá na missão sacerdotal. A dimensão trinitária e cristológica encontra na

¹³ FRANCISCO. Carta aos Presbíteros por ocasião dos Cento e Sessenta anos da morte do Cura D' Ars, 2019.

comunidade eclesial a sua plenitude, pois é no contato cotidiano com o Povo de Deus que o homem de Deus, o padre, manifesta a sua missão a serviço de Deus.

O amadurecimento espiritual está intimamente ligado ao contado diário com a Palavra de Deus. Por ser o homem da Palavra o presbítero precisa ser inserido no encontro cotidiano com a revelação de Deus que acontece na Sagrada Escritura e assim atualizá-la no contexto da nova evangelização no qual a Igreja hoje se encontra.

É necessário que o sacerdote se consagre ao ministério da Palavra e se apegue a ela, para não se tornar anunciador vazio da Palavra que não foi escutada nem interiorizada, para que não venha a ser “vão pregador da palavra de Deus externamente”, como afirma Santo Agostinho. O Vaticano II recomenda que, especialmente através da Sagrada Liturgia, o presbítero comunique aos fiéis a ele confiados as vastíssimas riquezas da palavra Divina. (CNBB, 2011, n. 70)

A Sagrada Escritura é a referencial fundamental da vida de todo o cristão, e principalmente da vida discipular dos ministros ordenados. Do profícuo contato e familiaridade com a Palavra de Deus nascerá um desejo por uma vida de oração e espiritual semelhante à oração do Cristo, modelo de todos os presbíteros. Este apreço se começa na inserção de um projeto pessoal espiritual que inclua o silêncio, métodos de meditação, conhecimento de escolas de espiritualidades e um lugar apropriado para suas orações.

A Palavra de Deus na vocação cristã é elemento essencial para o desenvolvimento espiritual. A escuta humilde, o contato diário e o amor pela Palavra Divina geram frutos abundantes no caminhar espiritual. Sua força é luz para a missão quando acolhida com abertura, humildade e alegria. Nela encontramos as respostas de Deus para a nossa vida e o desejo de compartilhá-la com o nosso testemunho.

A familiaridade com a Palavra de Deus facilitará o itinerário de conversão não apenas no sentido de se separar do mal para aderir o bem, mas também no sentido de se alimentar no coração os pensamentos de Deus, de modo que a fé, qual resposta à Palavra, se torne o novo critério de juízo e avaliação dos homens e das coisas, dos acontecimentos e dos problemas. (PDV, 2000, 47)

O contato com a Palavra de Deus leva o encontro com o próprio Deus que fala ao homem, esse contato é a verdade que transforma e aponta para o caminho e

a vida. (cf Jo 14,6). A revelação do Deus invisível torna-se visível à humanidade no testemunho, sobretudo dos presbíteros, por serem, os líderes primeiros da comunidade cristã. Sem esse conhecimento e contato espiritual com a Palavra de Deus, o ministério sacerdotal corre o risco de ser algo vazio ou profissional, perdendo a sua função principal de anunciador do Reino e de suas maravilhas.

A participação consciente e espiritual no Sacramento da Eucaristia é algo necessário e recomendável na vida de todo cristão, sobretudo do futuro presbítero que será por excelência um homem “eucaristizado”. Os presbíteros na qualidade de ministros ordenados e das coisas sagradas são os ministros do Sacrifício Eucarístico, sem sacerdote não pode acontecer a oferta Eucarística, contudo essa dedicação e amor à santa Eucaristia começa no período formativo e ali se consolida.

O sacerdote é chamado a celebrar o Santo Sacrifício Eucarístico, a meditar constantemente sobre o seu significado e a transformar a sua vida numa Eucaristia, o que se manifesta no amor ao sacrifício cotidiano, sobretudo no cumprimento dos deveres de estado. (Congregação para o Clero, 2013, 67)

A Eucaristia suscitará a busca pela oração em outros momentos da vida espiritual do presbítero e levará a experimentar o autêntico sentido da oração cristã, isto é, o constante encontro e diálogo com Deus. O presbítero tornar-se-á o modelo de vida oracional e mística, seguindo os passos de Jesus orante e sua escola de oração. Nos tempos atuais vivemos uma intensa agitação, fruto dos ruídos advindos da internet, vida urbana, etc. O cultivo de uma pedagogia da oração e educação para o sagrado no sentido profundamente humano e para o real valor do silêncio, consolidando assim a presença constante de Deus em nossas vidas.

Os cristãos esperam encontrar no sacerdote não só um homem que os acolhe, que os escuta com todo gosto e lhes testemunha uma sincera simpatia, mas também e, sobretudo um homem que os ajuda a ver Deus, a subir em direção a ele. É necessário, portanto, que o sacerdote seja formado para uma profunda intimidade com Deus. Aqueles que se preparam para o sacerdócio devem compreender que todo o valor da sua vida sacerdotal dependerá do Dom que souberem fazer de si mesmos a Cristo, e, por meio de Cristo, ao Pai. (PDV, 2000, 47)

No caminho espiritual e na vida de oração de um presbítero não pode faltar a recitação da Liturgia das Horas. Essa tradicional escola de oração e meditação dos salmos ajuda a santificação do dia através da oração nas diversas horas do dia. A recitação da liturgia das horas faz-nos compreender e nos insere no mistério pascal

de Cristo, morto e ressuscitado, presente e operante principalmente nos sacramentos.

Seu ministério espiritual não é egoísta e para si mesmo, mas em comunhão sacramental e fraterna com o Bispo, com os irmãos presbíteros, e com os demais fiéis que participam de sua missão. No presbitério de maneira especial os presbíteros se tornam uma única família sacerdotal. Na diocese os presbíteros têm autêntico vínculo jurídico com valor espiritual, a partir da solicitude pastoral e a dedicação nos diversos ministérios de cada Igreja Particular.

O Papa Francisco a falar, aos Bispos Italianos lembrando O Concílio Vaticano II ensina-nos que os presbíteros constituem com o seu bispo um único presbitério, mesmo estando destinados a cargos diversos (cf. Const. *Lumen gentium*, 28). Isto significa que não existe um Bispo sem o seu presbitério e, por sua vez, não existe um presbitério sem uma relação sadia *cum epiyscopo*.

A relação com o bispo e o presbitério é um dos elementos constitutivos da vida sacerdotal. O presbítero não pode viver isolado sem esse contato que cria a comunhão fraterna, amizade, acolhimento, solidariedade e vínculos espirituais e eclesiológicos. Essa fraternidade é alento para a vida ministerial diante das dificuldades passadas pelos presbíteros (cansaço ministerial, enfermidades, etc).

Quanto à outra ligação constitutiva, robustecei e nutri o vínculo com o vosso povo. Não vos isoleis do vosso povo nem dos presbitérios ou das comunidades. E menos ainda... encerrar-vos em grupos fechados e elitistas. Isto, no fim, asfixia e envenena o espírito. Um ministro ardoroso é um ministro sempre em saída; e «estar em saída» leva-nos a caminhar «por vezes à frente, por vezes no meio e outras atrás: à frente, para guiar a comunidade; no meio, para melhor a compreender, animar e sustentar; atrás, para a manter unida, a fim de que ninguém se atrase demais, (...) e também por outro motivo, ou seja, porque o povo tem intuito!¹⁴

O cultivo da amizade fraterna e sacerdotal auxilia no amadurecimento do presbítero. Preocupar-se com si e com o outro é sinal de maturidade sacerdotal. A vida do presbítero é compartilhada com os demais irmãos presbíteros e confirma a concepção do Papa Francisco de uma Igreja com as responsabilidades compartilhadas. A fraternidade sacerdotal, expressão da lei da caridade, longe de reduzir-se a um simples sentimento, se torna para os presbíteros uma memória de

¹⁴ FRANCISCO. Carta aos Presbíteros por ocasião dos Cento e Sessenta anos da morte do Cura D`Ars, 2019.

Cristo e um testemunho apostólico de comunhão eclesial. (Diretório para o Ministério e vida dos Presbíteros, 2013, 37-38)

A alegria da missão e da vocação sacerdotal fará surgir jovens e adolescentes que observando a vida e o testemunho do presbítero sentirão desejo de assumir a vocação sacerdotal. O cuidado pelas vocações sacerdotais, a possibilidade do discernimento vocacional junto aos jovens, a especial dedicação ao trabalho e vocacional são sinais de amor pelo presbiterado. (Diretório para o Ministério e vida dos Presbíteros, 2013, 43)

Os jovens assumirão a sua vocação sacerdotal a partir do momento que a conhecerem como uma possibilidade a ser assumida com alegria e dom precioso para Cristo. A juventude pede espaço e espera que a sua voz seja ouvida e respeitada.

Essa escuta vocacional precisa ser mais qualificada no âmbito eclesial. Normalmente esse ministério e serviço de escuta estão destinados a ministros ordenados, a religiosos e religiosas e em menor escala a leigos ou leigas capacitados na função ou com experiência de vida para tal ofício.

Por isso, o ministro ordenado está revestido do importante papel de dar o exemplo por sua fé e por sua vida: da consciência clara da própria identidade, a coerência de vida a alegria transparente e o ardor missionário constituem outros tantos elementos imprescindíveis daquela pastoral das vocações que deve integrar-se na pastoral orgânica e ordinária.

O Sínodo orienta e motiva que outras pessoas se dediquem e qualifiquem a essa tarefa pastoral, já que a demanda é considerável e não diminui. A Igreja pretende se aproximar dos jovens com seu dinamismo espiritual da fé, do anúncio do Reino e do acompanhamento pastoral. Ser uma opção de encontro com Deus, na pessoa do Cristo.

No caminho sinodal, sentiu-se a necessidade de qualificar vocacionalmente a pastoral dos jovens, considerando todos os jovens como destinatários da pastoral vocacional. Ao mesmo tempo realçou-se também a necessidade de desenvolver processos pastorais completos, que acompanhem desde a infância até a vida adulta, inserindo na comunidade cristã. Constatou-se igualmente que vários grupos paroquiais, movimentos e associações de jovens realizam um processo efetivo de acompanhamento e formação dos jovens na sua vida de fé. (Sínodo dos Jovens, 2018, n. 16)

O sacerdote é o homem que cuida de si mesmo e da comunidade e trabalho que foi a ele designado. São exigências que manifestam o testemunho da caridade. Como pastor, à imagem de Cristo, oferece a sua vida a toda a Igreja, vive para ser presença viva dessa Igreja, doando a sua vida num gesto de sacrifício vivo e adorável a Deus. Dedicar-se com a autoridade constituída por Cristo para ser seu servo e ministro.

Irmãos, obrigado pela vossa fidelidade aos compromissos assumidos. Numa sociedade e numa cultura que transformou o «gasoso» em valor, é verdadeiramente significativa a existência de pessoas que apostem e procurem assumir compromissos que exigem toda a vida. Substancialmente, estamos a dizer que continuamos a acreditar em Deus que nunca quebrou a sua aliança, mesmo quando nós a quebramos vezes sem conta. Isto convida-nos a celebrar a fidelidade de Deus que, apesar dos nossos limites e pecados, não deixa de confiar, crer e apostar em nós, e convida-nos a fazer o mesmo¹⁵.

Como Cristo, não quer ser servido, mas servir no amor e na comunhão com Deus. Amam a Igreja como se fosse a própria mãe. Os presbíteros devem mostrar amor fervente para com a Igreja, que é a mãe da nossa existência cristã, e viver a alegria da pertença eclesial como um testemunho precioso para todo o povo de Deus. (Diretório para o Ministério e vida dos Presbíteros, 2013, 78).

3.3 COMO DEVE SER A FORMAÇÃO?

3.3.1 O perfil do seminarista na concepção do Papa Francisco

O Papa Francisco insiste que a vocação cristã tem como essência básica a missionariedade. Nenhuma vocação foi concebida por Deus para o fechamento ou para o isolamento. Como Igreja e como vocação cristã somos chamados a estar em permanente estado de missão e em saída para o “mundo” exterior. Percorremos um caminho que se direciona para o outro, gerando um encontro com o próximo e com Deus. A missão da Igreja é levar o Evangelho a todos. Os seminaristas são sinal da Igreja e dessa missão.

A missão da Igreja, destinada a todas as pessoas de boa vontade, funda-se sobre o poder transformador do Evangelho. Este é uma Boa Nova portadora de uma alegria contagiante, porque contém e oferece uma vida nova: a vida de Cristo ressuscitado, o qual, comunicando o seu Espírito vivificador, torna-

¹⁵ FRANCISCO. Carta aos Presbíteros por ocasião dos Cento e Sessenta anos da morte do Cura D`Ars, 2019.

se para nós Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14, 6). É Caminho que nos convida a segui-lo com confiança e coragem. E, seguindo Jesus como nosso Caminho, fazemos experiência da sua Verdade e recebemos a sua Vida, que é plena comunhão com Deus Pai na força do Espírito Santo, liberta-nos de toda a forma de egoísmo e torna-se fonte de criatividade no amor¹⁶.

A transformação missionária da Igreja passa por seminaristas que sejam bem formados e preparados para essa nova conjuntura que o Papa Francisco explana para a Igreja. É importante compreender a cultura de hoje com as suas nuances positivas e negativas. Os problemas contemporâneos se apresentam nas casas de formação e só serão resolvidos com diálogo, confrontação e reflexão. Os seminaristas são jovens com fervor missionário e filhos do seu tempo e contexto social, apresentam potenciais e capacidade de crescimento.

O Papa Francisco diz que a juventude não é algo que se pode analisar de forma abstrata. Na realidade, a “juventude” não existe, existem jovens com suas vidas concretas. No mundo de hoje, cheio de progressos, muitas dessas vidas estão expostas ao sofrimento e à manipulação (CV 71).

O seminarista que se deixa moldar por Deus e pelos ensinamentos do processo formativo será um padre disposto para a evangelização e distante dos comodismos clericalistas e eclesiais. É uma abertura necessária para o crescimento pessoal e comunitário, fechamentos para o novo e para a missão não fazem parte da formação sacerdotal e da visão missionária do Papa Francisco para a Igreja.

O cumprimento do mandato evangélico ‘ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura’ (cf. Mc 16,15) pode ser realizado com esta chave hermenêutica traduzida para as periferias existenciais e geográficas. É a forma mais concreta de se imitar a Jesus, que costumava ir a todas as regiões periféricas. Jesus foi a todas elas, visitou cada uma delas. Eu não me sentiria desconfortável indo para a periferia: não tenham medo de se dirigir a quem quer que seja. (CNBB, 2015, 59)

Os seminaristas engajados nessa nova dinâmica e mentalidade missionária compreenderão as situações concretas da vida humana e eclesial. A evangelização não será vazia ou só com palavras bonitas, mas frutificará de maneira encarnada, apesar dos defeitos aparentes e limites existentes. A missão é oportunidade de conhecimento humano, afetivo e psicológico. A evangelização exige do discípulo de Jesus muita paciência, determinação e perseverança. A comunidade evangeliza

¹⁶ FRANCISCO. Mensagem por ocasião do Dia Mundial das Missões, 2017.

conforme a sua realidade e ritmo, não sendo algo apenas meramente humano, mas divino.

A maturação humana do presbítero é exigência de seu próprio ministério e decorrência da caridade pastoral, que deve ser o fundamento da vida e meta maior da formação inicial e permanente. Em seguimento fiel a Jesus Cristo, o formando deve conhecer a si mesmo em profundidade, aprender a amar as pessoas, grupos, comunidades, especialmente os mais pobres. (...) o formando vai, à medida que cresce como pessoa, descobrindo a fecundidade de sua vida e missão, e preparando-se para a consagração plena de si mesmo ao Senhor, a serviço do povo de Deus. (CNBB, Doc. 110, 187)

O candidato ao sacerdócio distancia-se da proposta formativa quando não mais escuta a voz de Deus e segue as suas próprias vontades e ambições humanas. Como cristãos sofremos inquietações de diversas conotações (familiares, pessoais, profissionais, existenciais) que senão colocadas na presença de Deus podem levar à perda do sentido vocacional e da vida, culminando na perda da criatividade e entusiasmo pastoral.

O futuro presbítero precisa orientar a vocação para a alegria do encontro com Deus e como os irmãos. O que deseja e sonha o Papa Francisco é que os futuros padres sejam mais próximos ao povo e façam da sua vida uma entrega constante à missão da Igreja que é levar a mensagem de Cristo a todos os lugares. É um caminho de entrega e renúncia de si mesmo para um bem maior.

A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo povo. Quando paramos diante de Jesus Crucificado, reconhecemos todo o seu amor que nos dignifica e sustenta, mas lá também, se não formos cegos, começamos a perceber que este olhar de Jesus se alonga e dirige, cheio de afeto e ardor, a todo o seu povo (EG 268).

O testemunho do seminarista é contagiante quando vivido por uma vocação bem realizada. Sobretudo o testemunho que não é carregado de regras, normas e rigidez, mas de atitudes não habituais que demonstram o amor pelo próximo: generosidade, hospitalidade, desapego, doação, sacrifício, esquecimento de si próprio, etc. O crescimento pessoal recebido no seminário culminará num testemunho vivo da ressurreição de Cristo.

O Papa Francisco num diálogo com 120 superiores de todo mundo nos fala da beleza do testemunho cristão e do papel da Igreja no mundo.

Dessa forma, a “Igreja deve ser atraente. Despertem o mundo! Sejam testemunhos de uma forma diferente de fazer as coisas, de agir, de viver! É possível viver neste mundo de forma diferente. Estamos falando de uma perspectiva escatológica, dos valores do Reino aqui encarnados sobre esta terra. Trata-se de deixar todas as coisas para seguir ao Senhor. Não, não quero dizer ‘radical’. A radicalidade evangélica não é apenas para os religiosos: ela é exigida de todos. Porém, os religiosos seguem ao Senhor de forma especial, seguem-no profeticamente. É este testemunho que espero de vocês. Os religiosos e as religiosas deveriam ser pessoas capazes de despertar o mundo. (CNBB, 2015, p. 57)

Os conceitos do Papa Francisco são um convite para que os seminaristas, padres, bispos, consagrados, leigos e leigas, sejam testemunhos reais e transformadores no modo de ser e de agir. A vida tem as suas dificuldades que precisam ser superadas pela graça divina e esforço humano que superam o pecado, contribuindo assim no reconhecimento de nossas fraquezas, e conseqüentemente um testemunho coerente e sincero com as escolhas de vida realizada.

A Igreja é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecido por Deus. (...) E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos a favor de indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma caridade por receita, uma série de ações destinadas apenas para tranquilizar a própria consciência (EG 112).

O testemunho também está ligado ao profetismo na concepção do Papa Francisco. Ser profeta é mostrar a todos as ações de Jesus na terra, com coragem e alegria. Os seminaristas necessitam desenvolver esse caráter profético porque dessa maneira, não ficarão “fechados” em si mesmos e não serão apenas padres sacramentalistas e litúrgicos. A realidade é conhecida e transformada quando nos inserimos nela, ficar a distância não gera aproximação e mudanças substanciais. O profeta de hoje é aquele que usa uma linguagem atual, sem fundamentalismos que separam e afastam as pessoas do projeto de Deus.

O medo de errar pode impedir esses elementos da nossa evangelização: a missionariedade e o profetismo. Sabemos que todas as culturas podem ouvir e receber o chamado do Senhor, e que isso suscita novas vocações e frutos eclesiais rejuvenescedores. O perigo de cometermos equívocos não pode ser empecilho para os nossos seminaristas se arrisquem, afinal de contas cair faz parte do processo de crescimento humano e pessoal.

Para Carvalho (2014, p. 14) há grande perigo de que os vocacionados se esqueçam da radicalidade do Evangelho no que se refere à pobreza. Esta implica a opção de não se deixar prender por nada, nem por si mesmo; leva a compreender

que a mística cristã é marcada pela relação fraterna e solidária pela opção pelos mais pobres e vulneráveis, pela decidida vontade de compromisso com quem mais precisa.

O formador desempenhará importante papel na formação dos seminaristas quando situações adversas acontecerem, sendo a instância de acolhida, diálogo aberto, sincero e sem receios. Se cuidarmos dos nossos jovens no tempo de seminário, eles terão mais condições de cuidar do povo de Deus a eles confiado. Essencial também não cometermos o engano de permitir a continuidade no processo formativo de jovens que não tenham condições de assumir as exigências da vida ministerial ou que sejam egressos de outras instituições formativas. Ajudá-los a discernir seu chamado é uma questão de caridade pastoral.

Aceitar um jovem no seminário que tenha sido pedido para deixar o instituto religioso por causa de problemas com a formação e por razões sérias é um enorme problema. Não falo das pessoas que se reconhecem como pecadores, porém nem todos são corruptos. Pecadores são aceitos, mas não pessoas corruptas. (CNBB, 2015, p. 64)

3.3.2 Seminaristas: protagonistas e sujeitos da formação

No processo formativo rumo ao ministério sacerdotal, o seminarista é convidado a ser o protagonista e responsável pela sua vocação. É um adolescente ou jovem que deixou tudo para seguir a Cristo. Sua humanidade vai sendo trabalhada para que ocorra a integração do divino com seus dons e riquezas e com o humano, através dos seus limites e fragilidades.

A formação é feita a partir da realidade do ser humano real, concreto. Se o sistema formativo não propicia espaços de expressão de subjetividade de cada indivíduo, facilmente os formandos podem esconder-se atrás do verniz de santidade e piedade, sufocando aquelas dimensões que precisam ser trabalhadas e amadurecidas. (Coelho, 2014, p. 65)

A união destes elementos sob o auxílio do Espírito Santo se dará num itinerário de fé, de progressivo e harmonioso amadurecimento, evitando uma caminhada superficial e fragmentada. É um tempo de formação necessário para a “provação” do seminarista e também de discernimento por parte do seminarista e da instituição formativa. A partir do olhar da fé, os candidatos ao presbiterado, vivendo as condições próprias de sua faixa etária, testemunham a adesão ao Evangelho do Crucificado-Ressuscitado e anunciam o seu Reino. (CNBB, Doc. 110, 21)

A ênfase na pessoa do candidato ao sacerdócio ocorre porque ele deve ser o protagonista de sua formação com a ajuda de seus formadores. O processo formativo deve ser orientado num caminho discipular e missionário de configuração com Cristo, desde a formação de sua interioridade e com envolvimento ao mistério divino que se propõe seguir.

Não se pode esquecer, finalmente que o próprio candidato ao sacerdócio deve ser considerado protagonista necessário e insubstituível de sua formação: toda e qualquer formação, naturalmente incluindo a sacerdotal, é no fim de contas, uma auto formação. Ninguém, de fato, nos pode substituir na liberdade responsável que temos como pessoas individuais. (PDV, 2000, 69)

O caminhar formativo ajuda os formandos a aceitarem os seus limites pessoais, a trabalharem sobre eles para responder adequadamente ao chamado de Deus. A transformação ocorrerá gradualmente por meio da experiência e inserção no mistério divino e com a conformação da humanidade do candidato a esse caminho de crescimento e abertura na fé. Assim o amadurecimento pessoal e da personalidade será pessoal e diferente para cada candidato.

O seminarista é chamado a sair de si mesmo, para caminhar com Cristo, em direção ao Pai e aos outros, abraçando a caminhada ao sacerdócio, e empenhando-se em elaborar com o Espírito Santo para realizar uma síntese interior, serena e criativa, entre força e fraqueza. O projeto educativo ajuda os seminaristas a reconduzir a Cristo todos os aspectos da sua personalidade, de modo a torná-los conscientemente livres para Deus e para os outros. De fato, é somente em Cristo, crucificado e ressuscitado que este percurso de integração ganha sentido e atinge o seu cumprimento; n'Ele se recapitulam todas as coisas (Ef 1,10), a fim de que Deus seja tudo em todos. (1 Cor 15,28). (RFIS, 2017, 28)

O chamado ao ministério presbiteral leva a busca maior do transcendente, numa gratificação pessoal capaz de não mais amar apenas a si próprio, mas ao próximo e a Deus num coração único. O entusiasmo da vocação e da realização pessoal se dá como consequência desta busca.

A formação favorece o seminarista a desligar-se da busca do auto-referencialismo para abrir-se ao chamado de Deus de modo mais íntimo, profundo e verdadeiro. É um processo gradual de aproximação ao estilo de Jesus, que se destina a entregar-se totalmente ao Reino. É algo que implica a pessoa em sua integridade e ocupa toda a vida.

A nova *Ratio Fundamentalis* propõe formar presbíteros não num mesmo padrão de formatação, com respostas prontas e iguais, mas com uma obediência construtiva que demonstre uma opção livre ao chamado de Deus, um sujeito que seja livre e autônomo, que aja com liberdade interior. É livre quem se orienta para ser modelo de Cristo, no agir e no ser. Como nos diz na nova *Ratio*:

O cuidado pastoral para com os fiéis exige que o sacerdote tenha uma sólida formação e maturidade interior, já que não se pode limitar a exibir um “simples revestimento de hábitos e virtuosos”, uma mera obediência exterior e formalista aos princípios abstratos, mas é chamado a agir com grande liberdade interior. De fato, exige-se que ele interiorize, dia após dia, o espírito evangélico, graças a uma constante e pessoal relação de amizade com Cristo, até chegar a compartilhar sentimentos e atitudes. (RFIS, 2017, 41)

Ao se propor em percorrer um caminho integral formativo, o seminarista é auxiliado e orientado pelos formadores sobre a identidade do presbítero. No âmbito teológico o sacerdócio encontra a sua razão de ser em Deus, no seu desígnio de amor. Jesus é o modelo da nova aliança quando se oferta por si mesmo na cruz, tornando-se um sinal de esperança e salvação. A missão dos presbíteros é ser no meio da Igreja e do Povo de Deus, exemplo de consagração e serviço.

Os formadores, sem sua exaustiva e profética missão, têm de preparar homens de comunhão e participação, discípulos-missionários, abertos e comprometidos com pequenos e sofredores, autênticos mistagogos e profetas da alegria e esperança, capazes de responder aos desafios da sociedade atual, estando no meio dela, sem compactuar com suas mazelas e incoerências. (Carvalho, 2018, p. 31)

A estrutura dos seminários e casas de formação podem se transformar em instituições pouco abertas à missão se o projeto missionário acima mencionado não for assumido por toda a equipe de formadores. A adesão a Cristo e a compreensão da vocação como missão são tarefas que os seminários devem despertar para não gerar vocações descomprometidas com o projeto que o Papa Francisco nos convida. O ponto de partida da vida sacerdotal é o encontro profundo com Cristo, Ele é o modelo a ser imitado e anunciado.

Na abertura do Ano da Vida Consagrada, 29 de Novembro de 2014, o Papa Francisco lembrou aos consagrados a beleza da missão em suas vidas e para a Igreja:

Saí do vosso ninho, rumos às periferias do homem e da mulher de hoje! Por isso, deixai-vos encontrar por Cristo. O encontro com Ele leva-vos á ao encontro dos outros, dos mais necessitados, dos mais pobres. Ide às periferias que esperam a Luz do Evangelho. (cf. EG, n. 20) Habitai as fronteiras. Isto exigirá de vós vigilância para descobrir as novidades do Espírito; lucidez para reconhecer para a complexidade dos novos confins; discernimento para identificar os limites e o modo oportuno de avançar, e imersão na realidade, tocando a carne sofredora do Cristo no povo (ibid., n. 24). (CNBB, 2015, p. 142)

A comunidade dos fiéis é ungida com a força do Espírito Santo, com o auxílio de todos constitui-se sacramento visível da salvação para o mundo, responsabilizando-se pela obra redentora de Cristo, oferecendo-se como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, como verdadeiro povo sacerdotal.

A fraternidade é um dos pilares da vida comunitária e paroquial. Ela gera as verdadeiras amizades que preenchem o nosso ser e nos ajudam a edificar o chamado de Deus na vida cristã e sacerdotal. A comunidade e o seminário com essa mentalidade antecipam o futuro trabalho do sacerdote na comunidade paroquial. Hoje é impensável um padre que não trabalhe em grupo ou que não descentralize as atividades paroquiais.

No Encontro do dia 4 de Outubro de 2013, na cidade de Assis, com o Clero, os Consagrados e membros dos conselhos pastorais o Papa Francisco fala da beleza de estar com o povo: O que existe de mais bonito para nós, do que caminhar com o nosso povo? (...) O que há de mais bonito? Repito-o com frequência: caminhar com o nosso povo, por vezes à frente, por vezes no meio e outras atrás: à frente, para guiar a comunidade; no meio, para animar e sustentar; atrás, para a manter unida (...)¹⁷.

Isso não elimina e nem isola a existência de situações contrárias a vida fraterna e às verdadeiras amizades. Não pouco comuns infelizmente são os ambientes sociais, eclesiais, seminários, casas de formação, paróquias que são marcados por fofocas, divisões, ciúmes, invejas e maledicências. Os seminaristas são chamados por Deus para fazer a diferença perante essa situação. É algo que afasta as pessoas do convívio eclesial e do encontro com Deus. A amizade e a fraternidade devem prevalecer sempre.

¹⁷ FRANCISCO. Visita Pastoral em Assis: Encontro com o Clero, os Consagrados e os membros dos Conselhos de Pastoris, 2014.

Mas há dois extremos; neste aspecto da amizade e da fraternidade, há dois extremos: quer o isolamento, quer a dissipação. Uma amizade e uma fraternidade que me ajudem a não cair nem no isolamento nem na dissipação. Cultivai as amizades, são um bem precioso: mas devem educar-vos não para o fechamento, mas para sair de vós mesmos. Um sacerdote, um religioso, uma religiosa nunca pode ser isolado, mas deve ser uma pessoa sempre disponível ao encontro. Depois as amizades enriquecem-se também com os diversos carismas das vossas famílias religiosas. É uma riqueza grande. Pensemos nas boas amizades de todos os santos.¹⁸

A vocação batismal acolhida e vivenciada na comunidade acaba sendo, portanto, elo de unidade dos diversos carismas e ministérios. O sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis, embora se diferenciem na sua essência, complementam-se na participação do único sacerdócio de Cristo. Cada vocação constrói ativamente a missão da Igreja na sociedade e perante os fiéis.

Mas é também verdade que o mesmo Senhor, porém, para que formassem um corpo, no qual nem todos os membros têm a mesma função (Rm 12,4), constitui, dentre os fiéis, alguns como ministros que, na sociedade dos crentes, possuíssem o sagrado poder da Ordem para oferecer o Sacrifício, perdoar os pecados e exercer oficialmente o ofício sacerdotal. Isto significa que os presbíteros, em comunhão com a ordem episcopal, são inseparavelmente parte da comunidade eclesial e, ao mesmo tempo, são constituídos para ser pastores e guias, por vontade de Cristo e em continuidade com a obra dos Apóstolos. Portanto, o sacerdote não se coloca apenas na Igreja, mas também perante a Igreja. (RFIS, 2017, 32)

Como membro do Povo santo de Deus, sua “grandeza” se concretizará no testemunho missionário, com humildade e doação ao serviço pastoral a lhe ser confiado. Sua sacerdotalidade se mostrará na atividade pastoral como mestre da Palavra e ministro dos Sacramentos, sem esquecer uma prática pastoral que reflita uma fecunda paternidade espiritual. Nessa perspectiva eclesial missionária os futuros presbíteros sejam educados para não acentuar em suas vidas sacerdotais o clericalismo, nem a tentação de ser tonarem agradáveis a todos na busca de aceitação e benesses.

Os presbíteros em sua identidade ministerial devem ser imagem do amor misericordioso do Pai. Sua participação na Igreja se dá como colaboradores dos Bispos, sendo configurados a Cristo Cabeça, Pastor, Servo e Esposo. Tais imagens de Cristo auxiliam a compreender o ministério sacerdotal na Igreja como serviço e doação, também inserido no ministério trinitário.

¹⁸ FRANCISCO. Encontro com os seminaristas, os noviços e as noviças, na Sala Pauó VI, 2013.

A ligação do ministério presbiteral com a Igreja, e através dele com o mistério da Trindade, implica demandas espirituais e pastorais da maior importância que devem ser cultivadas a partir da formação inicial e especificam a identidade presbiteral: a) o sentido de pertença à Igreja, para não viver o ministério como um ofício do qual o padre acredita ser o proprietário, mas sempre sentindo a todo o momento chamado pela Igreja e pelo serviço do Povo de Deus. b) a sintonização com o Magistério, uma vez que o presbítero exerce um ministério eclesial em nome de Cristo e para o Corpo de Cristo. c) a defesa de Igreja, não em uma atitude beligerante e apologética, mas em um contexto de secularismo, como uma voz profética, denunciando os pecados estruturais da sociedade e proclamando os sinais e gestos de salvação da Igreja. (SACERDOTES OPERARIOS DIOCESANOS, 2018, p. 43, trad. nossa).

O sacerdócio de Cristo é expresso na Carta aos Hebreus. É o elo da união de Cristo com a humanidade. Sua missão é se aproximar da humanidade de maneira singular e singela. Cristo é o sacerdote da nova aliança, santo, cheio de misericórdia e sem mancha. (Hb 7,26). Sua oferta é carregada de sofrimento, gritos e lágrimas. É um novo sacrifício, não mais se oferecem animais, mas o seu próprio sangue e sua vida. Os seus ministros adotam o seu modelo a ser seguido, não por obrigação, mas por compaixão e doação.

A missão e a entrega ao Cristo servem como estímulo para o futuro presbítero. Sua vida foi uma entrega total cheia de afeto e amor. Estar perto do povo e amá-lo mostram a sua união e identidade com o Pai e sua pertença ao Reino de Deus. Ele se torna um no meio do Povo de Deus, e envia esse povo para evangelizar com profunda solicitude. O encontro com Jesus é transformador porque ele acolhe o excluído e o pecador e o restitui à dignidade perdida.

Porque somente podemos ser “pescadores de homens” se reconhecemos, nós primeiro, que fomos “pescados” pela ternura do Senhor. A nossa vocação iniciou quando, depois de ter abandonado a terra do nosso individualismo e dos nossos projetos pessoais, nos encaminhamos rumo à “santa viagem”, entregando-nos àquele Amor que nos procurou à noite e àquela Voz que fez vibrar o nosso coração¹⁹.

Os padres seguem o modelo de Jesus quando não se afastam da cruz cotidiana do ser humano, tão presente na miséria humana. Participar e sentir o sofrimento são partes integrantes da missão de todos os cristãos. Não rara as vezes que queremos uma cruz que não nos comprometa com o próximo. Vivenciamos a alegria missionária quando partilhamos os dons que recebemos de Deus e sentimos o calor do próximo que nos dá sentido para continuarmos firmes na missão.

¹⁹ FRANCISCO. Discurso aos participantes da Plenária Internacional da Congregação para o Clero, 2017.

Como nos diz o Papa Francisco: “Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus.” (EG 274).

Dar a própria vida em prol do outro é a imagem do Bom Pastor, que reúne a suas ovelhas no redil e delas cuida. A história da salvação celebra essa imagem presente em Cristo que revela um Deus presente, vivo, próximo que acompanha o rebanho. A vida de Cristo é a vida de Deus que é compartilhada e inserida no cotidiano da nossa vida, culminando em sua entrega e assumindo o nosso sofrimento em sua morte na cruz.

A ordenação presbiteral exige de quem a recebe o dom total de si ao serviço do Povo de Deus, à imagem de Cristo Esposo: a entrega de Cristo à sua Igreja, fruto do amor, está conotada com aquela dedicação original que é a própria do esposo no seu relacionamento com a esposa. O presbítero é chamado a assumir em si sentimentos e as atitudes de Cristo em relação à Igreja, amada ternamente através do exercício do ministério, portanto, dele se pede que seja capaz de amar a gente com um coração novo, grande e puro, com um autêntico esquecimento de si mesmo, com dedicação plena, contínua e fiel, juntamente com uma espécie de ciúme divino, com uma ternura que reveste inclusivamente os matizes do afeto materno. (RFIS, 2017, 39)

O cristão por vocação e missão é alguém que deve procurar estar próximo de Cristo. Esse encontro alimenta a intimidade com o Cristo, e dar-se-á principalmente pela vida de oração. Jesus ensinou os discípulos a rezarem, para eles terem uma fonte de intimidade com Deus. Não se trata de uma escolha fácil, mas necessária no encontro amoroso com o Cristo. A oração é a forma mais bela de termos uma amizade com Deus.

O seminário dentro da dimensão espiritual e da estrutura formativa será o lugar privilegiado para mantermos esses elementos mencionados. Os seminaristas vêm de caminhadas espirituais diferentes, sofrem influências da vida paroquial que vivenciaram antes de entrar no seminário. Alguns são oriundos de pastorais ou movimentos eclesiais, outros veem de casa apenas com a oração aprendida na catequese ou no seio familiar, enfim são experiências diversas que auxiliam no desenvolvimento da vida de oração.

Eu vos exorto a reservar todos os dias longos momentos de oração, recordando-vos que também Jesus se retirava em silêncio ou em solidão para se imergir no mistério do seu Pai. Também vós, é na oração que

encontrareis a presença amorosa do Senhor e que vos deixareis transformar por Ele, sem ter medo da solidão que isto comporta, da noite que a constitui habitualmente. Também Moisés entrava na obscuridade da nuvem para falar com Deus na humildade, como fala com outro amigo²⁰.

A evolução e o progresso da vida de oração dependem do esforço do seminarista e seu protagonismo nos momentos orantes existentes no seminário. O contexto agitado e barulhento em que vivemos muitas vezes não ajuda a contemplar o silêncio e a solidão com Deus. A todo o momento se não formos vigilantes nos distraímos com a internet, redes sociais e caímos na mundanidade espiritual, numa espiritualidade vazia e sem Deus.

Nesse sentido, os religiosos precisam estar atentos para não serem acusados de forma falsa ou mentirosa; atentos em relação aos elementos que constituem o cotidiano da sua vida pública, porque são pessoas públicas sujeitas a todos os tipos de análises e interpretações. E, mais ainda, em geral, vivem em comunidades. O discernimento entre o que é de âmbito privado e o que é de público e o que é de domínio público parece ser um dos nós da formação nos seminários. (TRANSFERETI, 2018, p. 293)

O recolhimento pessoal é um aliado nesse processo orante com Deus. Por isso, a oração é colocada pela Igreja como algo fundamental na caminhada de todos cristãos. A oração fortalece a comunhão eclesial, une os cristãos e nos torna testemunhas de Jesus com a força do Espírito Santo.

O seminarista que não possui uma vida e caminhada espiritual apresentará dificuldades de relacionamento com os seus superiores, com os irmãos de presbitério, com consagrados e consagrados e com leigos e leigas. A vida espiritual de alguma forma harmoniza e equilibra todas as demais dimensões formativas.

A alegria da missão está sempre ligada à oração, porque não podemos falar de algo que não está sendo vivido em nossas vidas. Outros ambientes não eclesiais transmitem e propagam essas concepções espirituais criando confusão e desconfiança com relação a proposta católica de oração.

Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo em que chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus (...). (EG, 2016, 89.90)

²⁰ FRANCISCO. Discurso aos seminaristas franceses, 2014.

O missionário que tem a oração como uma busca constante deixa-se transformar por Deus e por seu amor misericordioso. Suas ações missionárias apontarão o caminho para a santidade e para o Cristo. A oração transforma o que para os seres humano parece ser impossível. A vontade humana não prevalece na vida do missionário devido a orientação da vontade divina. Com a oração mantemos a fé viva em nossos corações.

A oração é a primeira ajuda do povo de Deus para os missionários, rica de afeto e gratidão pela sua difícil tarefa de anunciar e transmitir a luz e a graça do Evangelho àqueles que ainda não o receberam. É também uma boa ocasião para nos interrogarmos hoje: rezo pelos missionários? Oro por aqueles que partem para terras distantes, a fim de levar a Palavra de Deus com o testemunho? Pensemos nisto!²¹

A evangelização torna-se contagiante quando o sentimento que prevalece nos missionários e na comunidade é a alegria. O cristão que não for alegre não demonstrará as pessoas que vale apenas assumir o projeto de Deus na sua vida. A alegria é o entusiasmo que inclusive motiva muitos jovens a assumirem a vocação sacerdotal quando se deparam com esse sentimento na vida de um sacerdote. Ninguém vai seguir alguém que é triste ou desanimado. O testemunho alegre de uma vocação é a promoção vocacional mais eficaz que nós temos na Igreja. Sem a alegria da vocação pereceremos com poucas vocações.

A alegria numa vocação ao sacerdócio deve ser centrada na pessoa do Cristo, não em paramentos litúrgicos ou em tradicionalismos maléficis e prejudiciais à Igreja. A emoção da alegria é duradoura, já a euforia é passageira e não mostra convicção na segurança e escolha da vocação.

A alegria faz com que o ser humano, as relações humanas e a busca pelo transcendente sejam realmente valorizados e não apenas o materialismo movido pelo capitalismo que a cada dia deixa as pessoas mais escravas do consumismo, entristecidas e sem sentido para a vida. Hoje os mais afetados por essa realidade são os jovens, que sem orientação e estrutura ficam a mercê deste contexto social. O Papa Francisco, em poucas palavras, explica o verdadeiro sentido da alegria verdadeira:

²¹ FRANCISCO. Mensagem pelo Dia Mundial das Missões, 2019.

A verdadeira alegria não vem das coisas, do ter, não! Nasce do encontro, da relação com os demais, nasce do sentir-se aceito, compreendido, amado e do aceitar, do compreender e do amar: e isto não pelo interesse de um momento, mas porque o outro, a outra é uma pessoa. A alegria nasce da gratuidade e de um encontro! É ouvir-se dizer: Tu és importante para mim, não necessariamente com palavras. Isto é bonito. (...) A alegria do momento no qual Jesus olhou para mim. Compreender e sentir isto são o segredo da nossa alegria. Sentir-se amada por Deus, sentir que para Ele nós não somos números, mas pessoas, e sentir que Ele é que nos chama.²²

Os seminaristas em suas atividades pastorais carregam a alegria de Deus quando fazem e vivem o que Jesus nos ensinou, mostrando a face de Deus que quer sempre estar ao lado de todos. É assim uma pastoral sincera, autêntica e madura, que se torna fecunda por ser paterna como Deus. A pastoral com alegria acaba ajudando a modificar a imagem da Igreja como aquela instituição antiquada, tradicional, fechada que as pessoas acabam tendo por causa dos contratempos de alguns cristãos ou pela propaganda e divulgação maldosa dos meios de comunicação.

Para o Papa Francisco “uma evangelização com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos. (EG 261)”

Os inimigos de uma evangelização convincente estão presentes no individualismo, no comodismo, a perda da consciência cristã e na busca de satisfações imediatas que tragam alegria ao coração. Quando os próprios interesses se sobressaem a força do Evangelho e da missão perdem o entusiasmo e a razão de ser. Aqui aparecem os missionários sem alegria, com ressentimentos e tristes. Apenas o reencontro com Cristo modifica essa configuração, voltar para Ele é sinal de humildade e simplicidade.

A alegria vivida com entusiasmo faz com que o cristão busque a felicidade em ações efêmeras. O passageiro não preenche o coração humano porque não cria relações profundas. A verdadeira alegria leva a paz que transforma os corações e inverte a cultura do provisório para algo permanente e constante. A paz é uma consequência dessa alegria cristã, não é sinônimo de ausência da preocupação ou dificuldades, mas é a paz que vem de Deus.

²² FRANCISCO. Encontro com os seminaristas, os noviços e as noviças, na Sala Pau VI, 2013.

CONCLUSÃO

O Concílio Vaticano II trouxe à Igreja novos tempos e profundas mudanças no seu jeito de ser. Suas propostas foram inovadoras, pois abriram a possibilidade da Igreja Católica dialogar com o mundo contemporâneo e a fizeram olhar para dentro de si, procurando transformar aquilo que a colocava distante da realidade social e que a conduzia para um distanciamento da sua proposta evangelizadora de ser sinal de Deus.

A abertura para os novos tempos impacta a todos e principalmente aos presbíteros, habituados a um estilo de vida bastante clericalizado, onde a figura do “sacerdote sagrado” era o centro das decisões e do agir eclesial, ficando para os demais fiéis cristãos papéis secundários na evangelização.

Os presbíteros são confrontados para terem um novo agir presbiteral, mais próximo ao Povo de Deus, não apenas marcados como homens do sagrado e do culto, mas convidados a serem agentes pastorais de uma Igreja participativa, dialogal e de comunhão. Onde o protagonismo é dividido com todos, e não mais exclusivo aos ministros ordenados.

As propostas conciliares sobre a vida presbiteral estão contidas em vários documentos conciliares, sobretudo os específicos para o ministério ordenado, *Optatum Totius e Presbyterorum Ordinis*. Os documentos mencionados, juntamente com a promulgação da Exportação Apostólica *Pastoris Dabo Vobis* trouxeram à Igreja um novo vigor para a formação sacerdotal e para os seminários. Os futuros candidatos ao presbiterado passam a ser formados de uma forma mais humana, pastoral e espiritual, de forma que a dimensão intelectual não seja a determinante para a continuidade do processo formativo.

Os presbíteros da época conciliar sofreram com as novas propostas conciliares, porque eram formados num esquema que necessitava de alterações, não por ser antiquado, mas os tempos modernos cobravam destes uma nova posição na vida presbiteral e eclesial. Como hoje também, a Igreja convida os seus presbíteros a reverem a sua caminhada e a adotarem um estilo de vida mais missionário, servidor, simples e humilde. Os documentos magisteriais são luzes na vida presbiteral e um desafio para os presbíteros não se acomodarem em suas estruturas paroquiais.

A nova *Ratio Fundamentalis* promulgada em dezembro de 2016 vem a ser um “sopro” do Espírito Santo para aqueles que trabalham na formação dos futuros padres e para toda a Igreja. A última *Ratio* era do ano de 1985 e sua revisão já era necessária. As mudanças propostas pelo Papa Francisco precisam também atingir os seminários e suas estruturas humanas e físicas. As propostas contidas na nova *Ratio* trazem como eixo norteador a missionariedade, vocação sacerdotal como serviço ao próximo de forma madura, equilibrada e identidade vocacional bem definida.

O desenvolvimento e construção da nova *Ratio* para a Igreja Católica é marcado pela sinodalidade tão presente no Concílio Vaticano II e no papado do Papa Francisco. A Igreja desta forma retoma as discussões mais relevantes para a sua caminhada evangelizadora consultando todas as experiências eclesiais e pastorais, construindo um documento realmente universal e com o rosto da contemporaneidade.

Os desafios presentes na Igreja passam pela compreensão da história de vida e do contexto cultural, social e humano do seminarista que chega ao seminário. São jovens que são frutos da sua época com desejo de crescimento e esperam que a Igreja lhes dê essas condições para um real discernimento vocacional.

Uma característica marcante da nova *Ratio* é a intenção de fazer-se um caminho formativo de forma única, integral, comunitária e missionária. O processo formativo é assim construído e valorizado em sua totalidade, começando no momento do acompanhamento vocacional até os anos iniciais do exercício do ministério sacerdotal. Cada etapa formativa então apresenta características e elementos que na sua totalidade formarão a identidade sacerdotal discipular e missionária do futuro padre, ratificando que o processo é um caminho sem fragmentações ou etapas mais importantes que as outras.

A aplicação da nova *Ratio* acontecerá de forma gradativa em toda a Igreja, cada Igreja particular fará adaptações a sua realidade pastoral e histórica. No Brasil destacamos que a 56ª Assembleia Geral da CNBB no ano de 2018, que já estudou a temática da formação sacerdotal como tema principal, e que tais estudos resultaram na promulgação do Documento 110 da CNBB após aprovação da Santa Sé.

Nas reflexões a respeito da vocação sacerdotal e suas especificidades a nova *Ratio* nos relembra a beleza dessa vocação como uma resposta consciente do chamado e vivência da vocação batismal. Um sinal do amor de Deus, do serviço ao

próximo de forma comunitária livre e equilibrada, de maneira a suscitar novas vocações que respondam aos desafios atuais da evangelização e sociedade. Essa é a pastoral vocacional mais eficiente para suscitar novas vocações sacerdotais para a Igreja.

Nessa configuração a vocação sacerdotal não deve ser o centro do agir e das decisões da Igreja, mas o referencial positivo da construção do Reino. Sua forma de ser testemunha das atitudes de Jesus, sendo sinal do Cristo Bom Pastor, na humildade, no sofrimento e cuidado com o próximo, na humildade, na simplicidade, etc.

O Padre não é o “rei” e nem o “dono da Igreja”, mas o homem da unidade, do diálogo e da caridade. As questões abordadas e que causam escândalos na Igreja poderiam ter sido sanadas no tempo formativo, se houvesse abertura e transparência das partes envolvidas, formadores e formandos, sem a preocupação apenas com números de vocações, mas de presbíteros realizados, bem-formados e maduros em sua opção vocacional.

A formação começa a formar padres numa mentalidade de valorização de todas as vocações, desmistificando a figura do padre como a fundamental na vivência comunitária e eclesial, concepção ainda presente infelizmente em bispos, padres, leigos (as) e religiosos (as). Combate-se assim o clericalismo e os carreirismos sacerdotais e eclesiais, aponta para o essencial de todas as vocações que é ser sinal de Cristo.

Os avanços dessas mudanças atingirão, sobretudo os jovens que vivem intensas dúvidas para decidir como servir a Igreja e como discernir a sua vocação. Aproximar-se dos jovens é uma urgência pastoral. A juventude tem encontrado refúgio e acolhida no mundo virtual, mas é no mundo real e comunitário que ela sente-se realizada e encontra respostas para as suas crises existenciais e verdadeiro sentido para a vida.

A juventude é uma preocupação para a Igreja, pois nela está o seu futuro e o seu presente. Os seminários e as casas de formação são espaços juvenis de acolhimento e necessitam compreender o rosto da juventude para também oferecer uma formação com a linguagem deste tempo, sem perder os valores da tradição e compreendendo a realidade juvenil.

Outra importante atividade que os jovens anseiam é um serviço pastoral e vocacional que propicie um espaço para a escuta. O jovem que não é escutado é

também um jovem que não se sente valorizado e amado e conseqüentemente não se inserirá nas demandas comunitárias das pastorais e movimentos.

As demandas juvenis são exigentes sabemos, mas se não forem tratadas com atenção corremos o risco de ser uma Igreja vazia e sem vida. Aproveitemos esses dons, habilidades e competências juvenis disponíveis na evangelização e no crescimento de nossas comunidades. Responsabilizemos os jovens para serem protagonistas da esperança e dos novos tempos. O próprio jovem compreenderá a Igreja não como uma instituição ultrapassada ou antiga, mas com uma proposta de vida saudável, espiritual e atual.

A nova *Ratio* e o novo Documento n. 110 da CNBB sobre a formação presbiteral, propiciam a reflexão e a valorização do papel da Igreja e dos sujeitos da formação no itinerário formativo: seminaristas, padres, formadores, religiosos (as), leigos (as), bispos, colaboradores diretos e indiretos, etc. Essa percepção envolve todos na responsabilidade de formar os futuros padres, não sendo apenas responsabilidade dos formadores ou dos bispos.

As dimensões da formação serão as responsáveis pela aplicação dos indicativos formativos: dimensão humana, dimensão espiritual, dimensão intelectual e dimensão pastoral. É proposto um caminho de integração das dimensões para que não haja sobreposição de uma sobre a outra. Com isso está superada a mentalidade que prevalece ainda presente em muitos, na valorização apenas da dimensão intelectual, como se o padre fosse apenas o homem da intelectualidade e não das demais dimensões.

Para alcançar esse objetivo as equipes formativas e de colaboradores deverão ter a mesma linha de pensamento. É no ambiente comunitário sadio e equilibrado do seminário que elas acontecerão na medida em que forem escolhidos bons formadores e colaboradores e colaboradoras com competência técnica e vivência eclesial.

O seminário é o espaço espiritual para a apresentação das tradições espirituais da Igreja, como por exemplo, a Liturgia das Horas, leituras espirituais, linhas de espiritualidade e a Lectio Divina. Colaborará o testemunho diário dos formadores e do diretor espiritual na participação cotidiana dos momentos espirituais do seminário.

O seminarista assume nesse contexto o papel de ser uma pessoa aberta e transparente na busca da solução de seus problemas e questões existenciais. Cada

história de vida deve ser acolhida e analisada para verificar se há condições de assumir o ministério sacerdotal como resposta à vocação batismal. O desenvolvimento na dimensão humano afetiva colaborará na vivência correta do celibato e da castidade e numa evangelização humana e presencial.

As novas orientações para a formação sacerdotal trarão frutos positivos para a Igreja e para a evangelização. Os futuros padres estarão mais voltados também para a missão e exercerão o ministério sacerdotal mais próximo do povo de Deus, como fazia o próprio Cristo. Portanto, um padre mais acessível e menos “endeusado”. Um padre sinal do mistério de Deus, e não autorreferencial da comunidade.

O seminarista precisará adotar posturas mais humildes e condizentes com essa eclesiologia missionária do Papa Francisco. Possivelmente essa nova forma de ser trará o aumento de novas vocações sacerdotais e farão os jovens pensar nessa vocação como um caminho a ser seguido. Serão profetas da esperança e do amor com seu testemunho. A Igreja sendo sinal do Reino e missionária apontará novos caminhos para todos.

O Papa Francisco tem clareza da necessidade de mudança na formação para os seminaristas. Isso é visível em seus pronunciamentos escritos, oficiais, informais e orais. São assuntos pertinentes porque levam a reflexão do agir de todos os cristãos, sobretudo dos seminaristas, consagrados, consagradas, presbíteros e bispos. O Papa fala com ternura, espiritualidade e com conteúdo teológico de assuntos muitas vezes esquecidos e pouco testemunhados.

Sonhamos com uma Igreja, onde, o Povo de Deus, os presbíteros e os seminaristas acolham estes novos sopros do Espírito Santo e realmente sejamos uma Igreja mais missionária e aberta aos novos tempos e configurações eclesiais tão propagadas pelo Papa Francisco.

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, G. (Coord). *História do Concílio Vaticano II: A formação da consciência conciliar. O primeiro período e a primeira interseção (outubro de 1962 a setembro de 1963)*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Breve história do Concílio Vaticano II: 1959-1965*. Tradução de Clóvis Bovo. Aparecida: Santuário, 2006.

ARROYO, F. M.; BRIGHENTI, A. (orgs.). *O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015.

ALMEIDA, A. J. *Apostolicam Actuositatem: texto e comentário*. São Paulo, Paulinas, 2012.

AUGUSTIN, G. *Colaboradores da vossa alegria: O ministério sacerdotal hoje*. Tradução de Antônio Maia Rocha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

ALVES, J. A. *As novas (velhas) faces do conservadorismo católico*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/577687-as-novas-velhas-faces-do-conservadorismo-catolico>>. Acesso em: 20 dez 2019.

BASTANTE, V.; VIDAL, J.M. *As mudanças (presentes e futuras) da primavera de Francisco*. In: SILVA, JOSÉ MARIA DA(Org.). *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014.

BEOZZO, J.O. *Concílio Vaticano II*. In: PASSOS, J.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI aos Prelados da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil do Regional Nordeste 2, em Visita Ad Limina Apostolorum*. <Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20090917_ad-limina-brasile2.html> Acesso em: 12 jan 2020.

BOFF, LEONARDO. *E a Igreja se fez povo: Ecclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do povo*. São Paulo, Vozes: 1986.

BRIGHENTI, A. Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha. In: SILVA, JOSÉ MARIA DA(Org.). *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014.

CARRARA, P. S. *Presbítero: discípulo do senhor e pastor do rebanho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CARVALHO, H. R. Estilo profético de vida. In: SILVA, JOSÉ MARIA DA(Org.). *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014.

CASTILHO, J.M. O Papa Francisco e o futuro da Igreja Católica. In: SILVA, JOSÉ MARIA DA(Org.). *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014.

CENCINI, A. *Quando a carne é fraca: o discernimento vocacional diante da imaturidade e das patologias do desenvolvimento afetivo-sexual*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *A arte de ser discípulo: ascese e disciplina: itinerário de beleza*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. *Celibato e Virgindade Hoje*. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. *Vida Fraterna: comunhão para santos e pecadores*. São Paulo: Paulinas, 2013.

CNBB. *Primeiro Congresso Vocacional do Brasil: Vocações e Ministérios para o Novo Milênio: Documento Final*, São Paulo, 1999.

CNBB. Estudos da CNBB 90. *“Ide também vós para a minha vinha!”: Temáticas do 2º. Congresso Vocacional*, São Paulo: Paulus, 2005.

CNBB. *Discípulos Missionários a serviço das vocações*. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Presbítero. Anunciador da Palavra de Deus, Educador da Fé e da Moral da Igreja*. Brasília, Edições CNBB, 2010.

CNBB. *Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2010. (Documentos da CNBB, 93).

CNBB. *Ensinamentos do Papa Francisco sobre a Vida Consagrada*. Brasília, Edições CNBB, 2015.

CNBB. *Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília, Edições CNBB, 2ª Edição, 2017.

CNBB. *Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Brasília, Edições CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, 110).

CNBB. *Instrução: O Presbítero, Pastor e guia da comunidade paroquial*. Brasília, Edições CNBB, 2011.

CNBB. *Orientações pastorais para a promoção ao ministério Presbiteral*. Brasília: Edições CNBB, 2012.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Instrução: O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*. Documentos da Igreja - 4. Brasília, Edições CNBB, 2ª ed, 2011.

_____. *O sacerdote: Ministro da Misericórdia Divina*. Documentos da Igreja - 8. Brasília, Edições CNBB, 2 ed, 2016.

_____. *Diretório para o Ministério e a vida dos presbíteros*. Documentos da Igreja -12. Brasília, Edições CNBB, 2013.

_____. *Ensinamentos do Papa Francisco sobre a Vida Consagrada*. Brasília, Edições CNBB, 2014.

_____. *O Dom da Vocação Presbiteral – Ratio Fundamentalibus Institutionis Sacerdotalis*. Brasília, Edições CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Orientação para a utilização das competências psicológicas e formação dos candidatos ao sacerdócio*. São Paulo, Paulus, 2008.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Anunciai aos consagrados e às Consagradas, testemunhas do Evangelho entre os povos*. Brasília, Edições CNBB, 2017.

CODA, P. *A Igreja é o Evangelho. Nas fontes da teologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CODINA, V. Nova configuração da Igreja. In: ARROYO, F. M.; BRIGHENTI, A. (orgs.). *O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015.

COELHO, M. M. Confidencialidade e transparência. In: TRASFERETTI, J. A. MILLEN, M. I. DE C. ZACHARIAS, R. (Orgs) *Formação: Desafios Morais*. São Paulo: Paulus, 2018.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Aparecida: Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007*. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO (CELAM). *A integridade do sacerdote: formação humano-afetiva*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES (G.S). *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo, 1997.

COZZENS, D.B. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise da alma do sacerdote*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *A espiritualidade do Padre Diocesano*. Tradução Joshuah de Bragança Soares. São Paulo: Loyola, 2008.

CUPICH, B. *Encontro sobre os abusos no Vaticano: O silêncio já não é aceitável*. <Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586773-encontro-sobre-abusos-no-vaticano-o-silencio-ja-nao-e-aceitavel>>. Acesso em: 15 dez 2019.

DEMASURE, K. *Abuso sexual na Igreja Católica: Compreendendo as dinâmicas*. In: VEIGA, A. C. DA. e ZACHARIAS, R. (Orgs). *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*: São Paulo: Paulus, 2019.

FAGGIOLI, M. *A crise dos abusos sexuais é global*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586776-a-crise-dos-abusos-sexuais-e-global-artigo-de-massimo-faggioli>>. Acesso em: 10 dez 2019.

FRANCISCO, PAPA. *Encontro do Papa Francisco com noviços e as noviças*. Audiência Geral: 12 de Julho de 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130612_udienza-generale.html>. Acesso em: 08 dez 2019.

_____. *Visita Apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude*. Aos Bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano por ocasião da Reunião Geral de Coordenação. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html>. Acesso em: 02 dez 2019.

_____. *Santa Missa na Abertura do Capítulo Geral da Ordem de Santo Agostinho*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130828_capitolo-sant-agostino.html>. Acesso em: 15 julho 2019.

_____. *Visita Pastoral do Papa Francisco a Assis: Encontro com o Clero, os Consagrados e os Membros dos Conselhos Pastorais*. Disponível em: <http://c.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131004_clero-assisi.pdf>. Acesso em: 20 ago 2019.

_____. *Homilia do Papa Francisco, por ocasião do Dia Mundial de Oração pelas vocações*: Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140511_omelia-ordinazioni-presbiterali.html>. Acesso em: 15 dez 2019.

_____. *Mensagem do Papa Francisco aos Seminaristas Franceses por ocasião do Encontro junto ao Santuário Mariano de Lourdes*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20141024_messaggio-seminaristi-francesi.html>. Acesso em: 20 mai 2019.

_____. *Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia: Misericordie Vultus: O Rosto da Misericórdia*. Documentos do Magistério. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*, Sobre o amor na Família. São Paulo, 2016.

_____. *A misericórdia sustenta a vida da Igreja: Mensagens, discursos e homilias*. Apresentação de Pe. Júlio Lancellotti. Tradução e Organização de D. Hugo C. da S. Cavalcante, OSB. São Paulo, Fons Sapientiae, 2016.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*, Aos jovens e a todo o Povo de Deus. São Paulo, 2016.

_____. *Mensagem se Sua Santidade Papa Francisco para o Dia Mundial da Missões 2017. A missão no coração da fé cristã*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20170604_giornata-missionaria2017.html>. Acesso em: 15 dez 2019.

_____. *Discurso do Papa Francisco aos Participantes na Plenária da Congregação para o Clero*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/june/documents/papa-francesco_20170601_congregazione-clero.html>. Acesso em: 23 nov 2019.

_____. *Discurso do Papa Francisco aos Participantes no Congresso Internacional promovido pela Congregação para o Clero*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171007_convegno-congregazioneclero.html>. Acesso em: 12 out 2019.

_____. *Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html>. Acesso em: 15 dez 2019.

_____. *Carta aos Presbíteros por ocasião dos Cento e Sessenta anos da morte do Cura D' Ars*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190804_lettera-presbiteri.html>. Acesso em: 20 jan 2020.

_____. *Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões de 2019*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html>. Acesso em: 15 dez 2019.

GAUDIUM ES SPES, *Constituição Dogmática*. In: Compêndio do Concílio Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

GODOY, MANUEL. *Presbyterorum Ordinis: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987

HAM, M (Ed.). *Late have I loved You: part-time priestly formation for adults – History, psychospiritual aspects, evaluation*. Ten Have: Lulu Press, 2011.

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1992.

KASPER, WALTER. *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. Tradução de Beatriz Luiz Gomes. São Paulo: Edições Loyola, 2ª Edição, 2015.

KUNG, HANS. *Igreja Católica*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

JOAO XXIII. *Discurso de Sua Santidade na Abertura do Solene do SS. Concílio*. <Disponível: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html>. Acesso em: 25 jan 2020.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós- Sinodal Pastores Dabo Vobis: Sobre a Formação dos Sacerdotes*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

JUNIOR, FRANCISCO DE AQUINO. *Nas periferias do mundo: Fé, Igreja, Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2017.

JUNQUEIRA, S. Comunidade. In: PASSOS, J.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

LIBÂNIO, JOÃO B. *Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo, Loyola, 2005.

LOPES, GERALDO. *Gaudim es Spes: Texto e comentário*. São Paulo, Paulinas, 2011.

_____. *Lumen Gentium: Texto e comentário*. São Paulo, Paulinas, 2011.

LORSCHIEDER, A. *Identidade e espiritualidade do Padre Diocesano*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LUMEN GENTIUM, *Constituição Dogmática*. In: *Compêndio do Concílio Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações*. Petrópolis: Vozes, 1968. 744p.

SÍNODO DOS BISPOS. *XV Assembléia Geral Ordinária. Os Jovens, A fé e o Discernimento Vocacional*. Documento Final: Carta aos Jovens. Paulinas, São Paulo, 2019.

LLANO CIFUENTES, R. *Sacerdotes para o terceiro milênio*. Aparecida: Editora Santuário, 2009.

MADOTT, BERTHA C. *Depressão e espiritualidade: Luz e sombra*. São Paulo: Paulinas, 2003.

MARTINI, C. M.; VANHOYE, A. *Bíblia e Vocação*. São Paulo: Loyola, 1987.

MILLEN, M. I de C. Poder, Pobreza e Serviço. In: TRASFERETTI, J. A. MILLEN, M. I. DE C. ZACHARIAS, R. (Orgs) *Formação: Desafios Morais*. São Paulo: Paulus, 2018.

MORO, C. *A formação presbiteral em comunhão para a comunhão: perspectivas para as Casas de Formação Sacerdotal*. Aparecida: Santuário, 1997.

MOSER, A. Papa Francisco abre novos horizontes também para a moral. In: SILVA, JOSÉ MARIA DA (Org.). *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014.

MUCHERY, Gerard. *Vocações: um guia para escolher os caminhos do seguimento de Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1998.

NENTWIG, R. et al. *Instituto Discípulos de Emaús: uma proposta para vocações adultas*. IHU. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/581101-instituto-discipulos-de-emaus-uma-proposta-para-vocacoes-adultas>> . Acesso em: 20 nov. 2018.

NENTWIG, R. *Formação de Vocação Adultas: Questões em torno do processo formativo convencional*. REB, Petrópolis, Volume 79, número 312, p. 159-188. 2019.

OLIVEIRA, A. G. de. Presbyterorum Ordinis In: PASSOS, J.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

OPTATAM TOTIUS, *Decreto*. In: Compêndio do Concílio Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 1968. 744p.

PASSOS, J.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

PEREIRA, W. C. C. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional*. Belo Horizonte, Vozes. 2012.

PIRES, D. J. M. A recepção do Concílio Vaticano II vista por um padre conciliar brasileiro. In: ARROYO, F. M.; BRIGHENTI, A. (orgs.). *O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015.

QUEIRUGA, A. T. Volta às raízes: Renovar-se a partir da experiência originária. In: SILVA, JOSÉ MARIA DA (Org.). *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014.

RATZINGER, J. *Compreender a Igreja Hoje: Vocação para a comunhão*. Tradução de D. Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis, Vozes, 2 Ed, 2005.

REPOLE, ROBERTO. *O sonho de uma Igreja evangélica: A eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília, Edições CNBB, 2018.

RICCIERI, P. *Formação ao alcance de um clique: Comunicação digital: desafios e oportunidades*. Tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2012.

RUPNIK, MARKO I. *Segundo o Espírito – A teologia espiritual no caminho com a Igreja do Papa Francisco*. Edições CNBB, 2018.

TABORDA, F. *A Igreja e seus ministros: Uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011.

TOMASI, F. L. M. *Ouro testado no fogo*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

TORRADA, F. Sair de si mesmo: O movimento irrenunciável. In: SILVA, JOSÉ MARIA DA(Org.). *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014.

TRASFERETTI, J. A. MILLEN, M. I. DE C. ZACHARIAS, R. (Orgs) *Formação: Desafios Morais*. São Paulo: Paulus, 2018.

TRASFERETTI, J. A. Exposição pessoal nas redes sociais. In: Trasferetti, J. A. MILLEN, M. I. DE C. ZACHARIAS, R. (Orgs) *Formação: Desafios Morais*. São Paulo: Paulus, 2018.

VALLE, J. E. dos R. Optatam Totius. In: PASSOS, J.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

VEIGA, A. C. DA. e ZACHARIAS, R. (Orgs). *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*. São Paulo: Paulus, 2019.

VITÓRIO, J. *A pedagogia na formação: reflexões para formadores na vida religiosa*. São Paulo. Paulinas, 2008.

SACERDOTES OPERÁRIOS DIOCESANOS. *El don de la vocación: Ratio Fundamentalis Sacerdotalis. Seminários: Sobre los ministerios en la Iglesia*. Salamanca. v. 64, n. 222-223, jan/ago., 2018.

SANTOS, J. B. dos. *Novo presbítero católico sob a mística do cuidado*. Aparecida: Santuário, 2012.

_____. *Nunca pare de sonhar: O presbítero que ama Jesus e a sua Igreja*. São Paulo: Paulus, 2015.

SBARDELOTTO, M. É preciso enfrentar o clericalismo antes de tentar reformar o sacerdócio. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591656-e-preciso-enfrentar-o-clericalismo-antes-de-tentar-reformar-o-sacerdocio>> Acesso em: 15 dez 2019.

SCANNONE, J. C. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. Tradução Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2019.

_____. *O Evangelho da Misericórdia em espírito de discernimento: A ética social do Papa Francisco*. Brasília, Edições CNBB, 2019.

SCIADINI, P. *O que é, como se faz direção espiritual*. São Paulo: Loyola, 2008.

SCHNEIDER, T. *Manual de Dogmática*. Elaborado por Bernd Jochen Hilberath (et al): Tradutores Ilson Kayser, Luis Marcos Sander, Walter Schlupp. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, JOSÉ MARIA DA(Org.). *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes: 2014.

STEINER, L. Desafios da Pastoral Vocacional. In: TRASFERETTI, J. A. MILLEN, M. I. DE C. ZACHARIAS, R. (Orgs) *Formação: Desafios Morais*. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. *Perspectivas para a Igreja Católica no Brasil: Encontro do Papa Francisco com os bispos brasileiros*. In: *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes: 2014.

ZOLLER, H. *É preciso por as vítimas em primeiro lugar*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/529614-e-preciso-por-as-vitimas-em-primeiro-lugar-entrevista-com-hans-zollner>>. Acesso em: 15 dez 2019.